



JUNGUIANA



Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica (SBPA)  
Member of the International Association for Analytical Psychology (IAAP)



# JUNGUIANA

REVISTA LATINO-AMERICANA DA SOCIEDADE  
BRASILEIRA DE PSICOLOGIA ANALÍTICA  
Volume 35-1/2017

## Editorial

Vera Lúcia Viveiros Sá – editora-geral  
Fani Goldenstein Kaufman – editora assistente  
Maria Zélia Alvarenga – editora de resenhas

## Conselho Editorial

Fani Goldenstein Kaufman  
Fernanda Gonçalves Moreira  
Marcia Moura Coelho  
Marfiza Reis  
Maria Zélia Alvarenga  
Rodney Taboada  
Vera Lúcia Viveiros Sá  
Victor Roberto Da Cruz Palomo

## Conselho Editorial Internacional

Axel Capriles – Sociedad Venezolana de  
Analistas Junguianos  
Jacqueline Gerson – Asociación Mexicana  
de Analistas Junguianos  
Juan Carlos Alonso – Asociación para el Desarrollo  
de la Psicología Analítica en Colombia – Adepac  
Luis Sanz – Asociación Venezolana de Psicología  
Analítica  
Mariana Arancibia – Grupo de Estudios C. G. Jung  
de Chile  
Mario E. Saiz – Sociedad Uruguaya de Psicología Analítica  
Nestor Costa – Asociación de Formación e Investigación  
en Psicología Analítica  
Patricia Michan – Asociación Mexicana de Analistas  
Junguianos  
Vladimir Serrano Pérez – Fundación C. G. Jung  
del Ecuador

## Consultores científicos

Christina Hajaj Gonzales – Universidade Federal de  
São Paulo, SP  
Durval L. de Faria – Pontifícia Universidade Católica, SP  
João Frayze-Pereira – Universidade de São Paulo, SP  
Mariluce Moura – revista *Pesquisa Fapesp*, SP  
Marisa Müller – Pontifícia Universidade Católica, RS  
Paulo Vaz de Arruda – Faculdade de Medicina da  
Universidade de São Paulo, SP

## Preparação, revisão de texto e produção gráfica

Atual Design

Capa: Ana Gabriela Barth

São Paulo, 2017

A revista *Junguiana* tem por objetivo publicar trabalhos originais que contribuam para o conhecimento da psicologia analítica e ciências afins. Publica artigos de revisão, ensaios, relatos de pesquisas, comunicações, entrevistas, resenhas. Os interessados em colaborar devem seguir as normas de publicação especificadas no final da revista.

A *Junguiana* também está aberta a comentários sobre algum artigo publicado, bastando para isso enviar o texto para o e-mail [artigojunguiana@sbpa.org.br](mailto:artigojunguiana@sbpa.org.br).



SOCIEDADE BRASILEIRA  
DE PSICOLOGIA ANALÍTICA

## São Paulo

### Diretores – Gestão 2015-2017

André Luiz Saraiva Pinheiro – Presidente  
Luis Fernando Nieri de Toledo Soares – Diretor Administrativo/Tesoureiro  
Luis Paulo Cotrim Amorim – Diretor do Instituto de Formação  
Elaine Franzini Soria – Diretora de Cursos e Eventos  
Ana Célia Rodrigues de Souza – Diretora de Biblioteca  
Regina dos Santos Vicente – Diretora da Clínica  
Ana Maria Cordeiro – Diretora de Comunicação/Divulgação

Rua Dr. Flaquer, 63 – Paraíso – 04006-010

Telefax: (11) 5575-7296

E-mail: [sbpa@sbpa.org.br](mailto:sbpa@sbpa.org.br)

Home page: [www.sbpa.org.br](http://www.sbpa.org.br)

### Associada Rio de Janeiro

Maddi Damião Júnior – Presidente  
Marcello Fiorillo Bogado – Administração e Secretaria  
Alexandre Alves Domingues – Publicação e Biblioteca  
Suely Engelhard – Finanças e Tesouraria  
Carla Maria Portella Dias Bezerra – Cursos e Eventos  
Elizabeth Christina Cotta Mello – Ensino

Tel.: (21) 2235-7294

E-mail: [sbparj@bigghost.com.br](mailto:sbparj@bigghost.com.br)

Home page: [www.sbpa-rj.org.br](http://www.sbpa-rj.org.br)

### Indexação

Index Psi Periódicos: [www.bvs-psi.org.br](http://www.bvs-psi.org.br)

Base de dados Lilacs/Bireme – Literatura Latino-  
-Americana e do Caribe da Saúde, da Organização  
Pan-Americana da Saúde (Opas) e da Organização  
Mundial da Saúde (OMS). [www.bireme.br](http://www.bireme.br)

Junguiana: Revista da Sociedade Brasileira  
de Psicologia Analítica – n.1 (1983)  
São Paulo: Sociedade, 1983 -  
semestral  
ISSN 0103-0825  
1. Psicologia – periódicos

CDD 150

## Editorial



Esta é a Junguiana 35/1, revista com 35 anos de história, citada como referência em artigos, dissertações, teses e livros. Simultaneamente, é a segunda edição eletrônica da Junguiana, uma recém-chegada à cibercultura. Por um lado, o conhecimento conquistado; por outro, a inexperiência dos iniciantes. O mundo virtual apresenta novos

códigos culturais e também atualiza temas arquetípicos da cultura humana ancestral. Estamos atualizando os “softwares puer e senex”: imagens arquetípicas fundamentais para o crescimento.

Neste volume, voltamos a publicar os textos completos em português, com resumos em português, inglês e espanhol. Essa mudança teve por finalidade diminuir o custo de produção da Junguiana, devido aos “desafios econômicos financeiros enfrentados pelas instituições publicadoras e de financiamento de nossas revistas”.<sup>1</sup>

Iniciamos este volume com o texto “Ecologia da alma: a natureza na obra científica de Carl Gustav Jung”, uma pesquisa que buscou “apontar a relevância da natureza para a formulação da psicologia analítica”. “Prevenção começa em casa: contribuições da neurociência” aborda a “importância do processo de tomada de decisão nas dependências”. “Imagem corporal e gravidez” traz ao foco alguns dos paradoxos desse aspecto da gestação. “O fim da análise” reflete sobre “questões relacionadas ao término da análise de forma geral”. “Vilão ou herói? Uma meditação sobre a representação do negro em dois contos folclóricos brasileiros” examina dois contos folclóricos brasileiros do século XIX. “Elaboração das vivências psíquicas: o papel da literatura” tem “como objetivo explorar como a literatura pode auxiliar na elaboração de vivências psíquicas”. “‘Casa tomada’ – leitura de um conto de Julio Cortázar” sugere “pontes para a interlocução entre psicologia analítica e literatura”. Finalizamos com a resenha “Calatonia – o toque sutil na psicoterapia”, uma delicada homenagem à professora Rosa Maria Farah, falecida em 27 de dezembro de 2016.

Boa leitura!

<sup>1</sup> <http://www.resourcenter.net/images/SSP/Files/2017/Regionals/SSPBrazil2017Agenda.pdf>

Vera Lúcia Viveiros Sá  
Editora-geral  
junho de 2017

# Sumário

## Contents

- 5 Ecologia da alma: a natureza na obra científica de Carl Gustav Jung  
*Alisson José Oliveira Duarte*  
Ecology of the soul: the nature in the scientific work of Carl Gustav Jung
- 21 Prevenção começa em casa: contribuições da neurociência  
*Maria Paula Magalhães Tavares de Oliveira*  
Prevention starts at home: neuroscience contributions
- 33 Imagem corporal e gravidez  
*Bárbara Gabriel Capecce Petribú e Martin Antonio Borges Alvarez Mateos*  
Body image and pregnancy
- 41 O fim da análise  
*Maria Carolina Barrieu e Silvana Parisi*  
The end of the analysis
- 49 Vilão ou herói? Uma meditação sobre a representação do negro em dois contos folclóricos brasileiros  
*Marco Heleno Barreto*  
Villain or hero? A meditation on the representation of the Negro in two Brazilian folk tales
- 61 Elaboração das vivências psíquicas: o papel da literatura  
*Isabela Paixão Rodrigues e Fernanda Gonçalves Moreira*  
Psychic experiences' elaboration: the role of literature
- 71 “Casa tomada” – leitura de um conto de Julio Cortázar  
*Victor Palomo*  
“Casa tomada” – a short story by Julio Cortázar
- 80 Resenha  
*Sylvia Mello Silva Baptista*  
Book review  
Calatonia – o toque sutil na psicoterapia
- 82 Normas para publicação  
Guidelines for publishing

# Ecologia da alma: a natureza na obra científica de Carl Gustav Jung

Alisson José Oliveira Duarte\*



## Resumo

Ao estudar a obra de Carl Gustav Jung, bem como seu percurso biográfico, é notável a qualquer pesquisador que a natureza representou inspiração no processo de constituição de sua cosmovisão científica e pessoal. Nesse sentido, buscou-se, com esta pesquisa, apontar a relevância da natureza para a formulação da psicologia analítica, resgatando, nas obras completas do autor (34 volumes) citações em que o termo “natureza” foi utilizado para sustentar conceitos de sua teoria. Os achados (137 parágrafos) apontam que o autor concebia o funcionamento psíquico de maneira análoga ao funcionamento dos sistemas naturais. ■

**Palavras-chave**  
Ecologia humana,  
C. G. Jung,  
natureza.

\* Psicólogo, especialista em psicanálise clínica e mestre em educação pela Universidade Federal do Triângulo Mineiro – UFTM, Uberaba (Minas Gerais).  
E-mail: <alisson-duarte@hotmail.com>.

## Ecologia da alma: a natureza na obra científica de Carl Gustav Jung

### 1. Introdução

O estudo da obra de Carl Gustav Jung nos permite observar a peculiaridade de um autor que utilizou, em sua teoria, inúmeras observações da natureza para fundamentar tendências do psiquismo humano. Diversas passagens de seus escritos teóricos e biográficos revelam o caráter “ecológico” de sua obra. Jung mantinha profundo respeito pela natureza e conexão com ela e falou intensamente, em sua obra, sobre a necessidade do homem de se reencontrar com a originalidade primária de seu próprio ser:

[...] a pura natureza está dentro de vós. E se conhecerdes a pura natureza, que é vosso verdadeiro ser, liberto de todo egoísmo perverso, então conhecereis a Deus; pois a divindade está oculta dentro da pura natureza, tal como a noz no envoltório da casca. (JUNG, 2011, v. 16/2, par. 508).

De acordo com o autor, “não devemos sugerir à natureza o que fazer, se quisermos observar seu comportamento espontâneo” (JUNG, 2011, v. 7/2, p. 10). Ele defendia a livre expressão do psiquismo e o rompimento com tudo aquilo que condiciona e aliena o comportamento natural. Em outra passagem, afirmou que “a vida natural é o solo em que se nutre a alma” (JUNG, 2011, v. 8/2, par. 800). E sobre o inconsciente, declarou: “o inconsciente é natureza que nunca se engana: só nós nos enganamos” (JUNG, 2011, v. 5, par. 95).

Por meio da natureza, Jung fundamentou o caráter individual e coletivo da mente humana. Para ele, o homem, em sua jornada de autocohecimento, se torna completo na medida em que consegue manter o equilíbrio entre natureza coletiva e natureza individual, ou seja, “a singularidade de um indivíduo não deve ser compreendida como uma estranheza de sua substância ou de suas componentes, mas sim como

uma combinação única” de seus elementos universais (JUNG, 2011, v. 7/2, par. 267).

É importante lembrar que a trajetória científica de Jung foi fortemente marcada pelo romantismo de Goethe e sua profunda contemplação do meio natural. Para Goethe, nenhum cientista pode alcançar as verdades da natureza desintegrando-se dela, aplicando abstrações frias para compreendê-la ou registrando o mundo exterior de maneira mecanicista (TARNAS, 2000).

Para Pinheiro (1997), a psicologia deve participar das discussões e lançar propostas para a crise ambiental. Isso porque, segundo ele, não existem problemas isoladamente ambientais, mas humano-ambientais. Nesse sentido, esta pesquisa também procura fomentar a busca por respostas de como a psicologia analítica pode contribuir para o entendimento da ecologia na interioridade do homem, promovendo sua reconexão com o meio e um profundo sentimento de ética e integração com a vida.

A crise ambiental reflete o estado da psique humana. Tudo o que pertence à realidade externa ocupa em nós um lugar interno: o sol, a lua, a água, as plantas, os animais, tudo vive em nós, na forma de arquétipos que povoam nosso mundo intrapsíquico por meio de imagens, símbolos e valores.

Em uma entrevista realizada por McGuire e Hull (1997, p. 189), Jung descreveu a ligação entre o homem e o meio ambiente a partir dos seguintes termos:

Todos nós precisamos de alimento para a psique, é impossível encontrar esse alimento nas habitações urbanas, sem uma única mancha de verde ou árvore em flor; necessitamos de um relacionamento com a natureza; precisamos projetar-nos nas coisas que nos cercam; o meu eu não está confinado no corpo; estende-se a todas as coisas que fiz e a todas as coisas à minha volta, sem estas coisas não seria eu

mesmo, não seria um ser humano. Tudo que me rodeia é parte de mim.

A cisão vivida por nós pode ser atestada observando-se a maneira pela qual separamos o espaço interno do espaço externo. O mundo próprio é o que importa: corpo, casa e família. As ruas, avenidas, rios, praias, animais e plantas são vivenciados como se não fossem da nossa alçada, como se ninguém fosse por eles responsável e como se não fossem extensão de nós mesmos.

De acordo com Jung (2011, v. 8/2, par. 702), “a melhor maneira de compreender o inconsciente é considerá-lo como um órgão natural dotado de uma energia criadora específica”. Diferente de Sigmund Freud, Jung não admitia o inconsciente apenas como um reservatório de conteúdos reprimidos pela moralidade social. Pelo contrário, ressaltava a capacidade dinâmica do inconsciente de criar conteúdos e o concebia como base natural de todos os conteúdos arcaicos da humanidade (sentimentos, instintos, imagens e mitos).

Para ele, “a natureza reflete tudo que existe em nosso inconsciente” (JUNG, 2011, v. 5, par. 170), como se o funcionamento do sistema psíquico humano fosse diretamente equivalente ou idêntico ao funcionamento ecológico (dinâmico, potencial, sistêmico, homeostático, criador e destruidor).

Em uma de suas passagens mais significativas, o autor chegou a afirmar que sua obra (a psicologia analítica) visa, acima de tudo, “romper com as muralhas que nos separam da natureza que há em nós” (JUNG, 2011, v. 8/2, par. 739). O autor afirmou, ao longo de toda a sua pesquisa científica, a necessidade do homem de se realizar, assim como uma semente se realiza tornando-se árvore. A esse processo, que consiste no ato de tornar-se si mesmo, ele deu o nome de individuação.

Para Jung, o psiquismo segue um curso natural e, se esse fluxo é inibido, o sistema psíquico entra em desequilíbrio, como qualquer outro

sistema natural. “Se tivermos a natureza como guia, nunca trilharemos caminhos errados” (JUNG, 2011, v. 10/3, par. 34). A esse respeito, o autor introduziu em sua teoria o conceito de persona, que definia como um princípio de adaptação que tem por objetivo ocultar a verdadeira natureza do indivíduo – uma espécie de máscara, fundamental para a adaptação social, bem como para a constituição do processo cultural.

Como é sabido o processo cultural consiste na repressão progressiva do que há de animal no homem: é um processo de domesticação que não pode ser levado a efeito sem que se insurja a natureza animal sedenta de liberdade. (JUNG, 2011, v. 7/1, par. 17).

De acordo com Jung, a neurose surge com o processo de domesticação social. Para ele, “o neurótico é apenas um caso específico de pessoa humana tentando conciliar dentro de si natureza e cultura” (JUNG, 2011, v. 7/1, par. 16). No entanto, o autor reconhecia a necessidade do homem de viver em sociedade; não prezava o isolamento social nem a completa massificação, sugerindo que o processo de individuação ou de realização da totalidade do ser acontecesse como consequência do equilíbrio entre seus aspectos naturais e sociais. Ou seja, procura-se, e com certeza sempre se há de procurar, o caminho do meio, um ponto em que os opostos se unam.

É certo que a psicanálise pode tornar consciente os instintos animais do homem, mas não, como alguns interpretam, para deixá-los entregues a uma liberdade sem freio e sim para integrá-los num todo harmonioso. (JUNG, 2011, v. 7/1, par. 28).

Em diversas passagens de sua obra, ressaltou que o mal é parte da natureza humana e que, portanto, não se pode anulá-lo: ele sempre irá ressurgir como parte integrante da personalidade. O autor advertia que a única saída para esse sentimento é a integração do mal nos processos

da personalidade, por meio do autoconhecimento. Isso não sugere nem incentiva a identificação com essa tendência, o que seria inadequado e envolveria o indivíduo em crueldade e em um comportamento antissocial.

A imagem do mal é figurada no psiquismo humano por meio do arquétipo que Jung chamou de sombra. Esse arquétipo aponta para a necessidade, como requisito fundamental no processo de individuação, de se integrar a personalidade.

As pessoas quando educadas para enxergar claramente o lado sombrio de sua própria natureza aprendem ao mesmo tempo a compreender e amar seus semelhantes. Pois somos facilmente levados a transferir para nossos semelhantes a falta de respeito e violência que praticamos contra nossa própria natureza. (JUNG, 2011, v. 7/1, par. 28).

No livro *A prática da psicoterapia*, Jung ressaltou que um bom psicoterapeuta deve desenvolver a habilidade de reconhecer as pistas da natureza interior de seus pacientes, como um guia no processo de realização da totalidade do ser. Acerca do comportamento ético do psicoterapeuta diante de seu cliente, afirmava:

No desenvolvimento psicológico é importante que o psicoterapeuta deixe imperar a natureza e que evite na medida do possível influenciar o paciente com seus próprios pressupostos filosóficos. (JUNG, 2011, v. 16/1, par. 42).

Embora Jung concebesse que o funcionamento e as bases arquetípicas do psiquismo fossem as mesmas para todos os indivíduos, considerava de fundamental importância que as pessoas fossem, durante a psicoterapia, reconhecidas dentro de sua singularidade potencial para a realização e diferenciação do ser. Nesse sentido, o comportamento de neutralidade do psicoterapeuta, prezado pelo autor, visava acima de tudo preservar, ou não deturpar, os germes da originalidade de seus pacientes.

Para Jung, as neuroses têm o propósito de levar o indivíduo a sua natureza real: isto é, “só aquilo que somos realmente tem o poder de nos curar” (JUNG, 2011, v. 7/2, par. 258). Nesse sentido, a psicoterapia não era vista apenas como um processo de eliminação de sintomas, mas sim um direcionamento do paciente a uma renovação de atitude frente à própria vida.

O paciente deve ser capaz, não só de reconhecer a causa e a origem de sua neurose, mas também de enxergar a meta a ser atingida. A parte doente não pode ser simplesmente eliminada, como se fosse um corpo estranho, sem risco de destruir ao mesmo tempo algo de especial que deveria continuar vivo. Nossa tarefa não é destruir, mas cercar de cuidados e alimentar o broto que quer crescer até tornar-se finalmente capaz de desenvolver o seu papel dentro da totalidade da alma. (JUNG, 2011, v. 16/2, par. 293).

De acordo com o autor, o psicoterapeuta, durante o atendimento de seu paciente, deve estar atento às imagens que surgem espontaneamente por meio da arte e, sobretudo, dos sonhos, que, para ele, representam uma manifestação da mais pura natureza humana. Aliás, os sonhos são, em sua concepção, “uma tentativa de trazer de volta nossa mente original” (JUNG, 2011, v. 18/1, par. 591).

Ao longo da obra de Jung (2011), é possível identificar, ainda, inúmeras passagens alegóricas nas quais o autor comparava os fenômenos naturais aos processos inconscientes e maturacionais dos seres humanos.

Mediante as inúmeras passagens que revelam o caráter ecológico da obra de Jung, bem como sua relevância para a constituição da psicologia moderna, consideramos importante uma releitura de sua teoria, tomando como ponto de partida o valor e a função da natureza para a constituição de seu trabalho científico.

Afinal, somos parte da natureza e guardamos os traços arquetípicos de nossa ancestralidade. O abandono de nossas raízes naturais significa

uma cisão de nós mesmos e talvez essa dissociação, do homem com o meio e com sua própria natureza, esteja à frente dos principais problemas ecológicos da atualidade.

## 2. Resultados e discussão dos dados

Antes de apresentar os resultados desta pesquisa, acerca da função da natureza na teoria analítica de C. G. Jung, é importante vislumbrar minimamente a história de vida desse autor e os fatos que influenciaram a formulação de sua teoria psicoecológica. De acordo com Von Franz (1992), fiel colaboradora do autor, o interesse de Jung pela natureza iniciou-se logo em sua primeira infância, influenciado pelas tendências pagãs de sua mãe.

A natureza foi sua maior paixão, e Jung, tal como sua mãe, sentiu-se, desde o começo da juventude, parcialmente enraizado num profundo e invisível solo, em alguma coisa vinculada aos animais, às árvores, às montanhas, às campinas e à água corrente. Esse amor opôs à tradição cristã do mundo do seu pai. (VON FRANZ, 1992, p. 29).

Jung, durante toda a sua vida, amou a natureza em suas mais diversas manifestações. Jamais se cansou da beleza dos lagos, dos animais, montanhas e florestas. A natureza foi de substancial importância no processo de constituição de sua personalidade, de suas concepções científicas e de sua maneira de ver a vida como um todo, havendo tocantes alusões acerca da natureza espalhadas em suas obras (VON FRANZ, 1992). Já ancião, falando das limitações da idade, declarou:

Mesmo assim há muita coisa que me preenche: plantas, animais, nuvens, o dia e a noite, e o eterno que há no homem. Quanto mais acentua a incerteza em relação a mim mesmo, mais aumenta meu sentimento de parentesco com todas as coisas. (JUNG, 1987, p. 310).

Foi por meio desse sentimento de “parentesco com todas as coisas” que Jung identificou na natureza fundamentos lógicos para explicar os fenômenos da psique humana e, consequentemente, de sua própria natureza interior.

Com o propósito de analisar esses fundamentos ecológicos largamente utilizados por Jung (2011) em sua obra científica, buscamos localizar nos Índices Gerais de sua *Obra Completa*, dividida e organizada em parágrafos rigorosamente enumerados, as principais passagens em que o autor revelou o caráter ecológico de sua teoria. Lembramos que, devido às inúmeras citações, este trabalho oferecerá somente uma amostra limitada do conjunto de citações que evidenciam o teor ecosófico do pensamento junguiano.

Por meio dos quadros subsequentes, apresentamos os conceitos da teoria analítica mais citados e fundamentados pelo autor, por meio de referências e alusões ecológicas.

### CONCEITO Dinâmica psíquica

#### CITAÇÕES

Nossa psique é uma parte da natureza e seu mistério é igualmente insondável. Não podemos definir “natureza” e “psique”, podemos apenas constatar o que atualmente entendemos por elas. (JUNG, 2011, v. 18/1, par. 439).

A psique não é um fenômeno da vontade, mas natureza que se deixa modificar com arte, ciência e paciência em alguns pontos, mas não se deixa transformar num artifício, sem profundo dano ao ser humano. O homem pode transformar-se num animal doente, mas não em um ser ideal imaginado. (JUNG, 2011, v. 10/3, par. 831).

A natureza é um contínuo, e muito provavelmente a nossa psique também o é. (JUNG, 2011, v. 18/1, par. 181).

Jung sugeria que o funcionamento psíquico é instintivamente equivalente ao funcionamento dos sistemas naturais. E, como qualquer outro sistema natural, o psiquismo é natureza que não se deixa deturpar sem que isso resulte em adoecimento psíquico.

O autor salientava que sua psicologia concebe o homem tanto em seu estado natural como em seu estado modificado pela cultura, advertindo que o homem deve ser interpretado e compreendido levando-se em consideração a sua totalidade.

#### CONCEITO

##### Inconsciente coletivo

#### CITAÇÕES

O inconsciente coletivo tem correspondência com nosso meio ambiente natural, e no qual se encontra projetado constantemente. (JUNG, 2011, v. 10/4, par. 667).

O fundo da psique é natureza e natureza é vida criadora. É verdade que a própria natureza derruba o que construiu, mas vai reconstruir de novo. (JUNG, 2011, v. 10/3, par. 187).

Nosso real conhecimento do inconsciente mostra que ele é um fenômeno natural, e que, tanto quanto a própria natureza, é no mínimo neutro. Ele abrange todos os aspectos da natureza humana: luz e escuridão, beleza e feiura, bem e mal, o profundo e o superficial. (JUNG, 2011, v. 18/1, par. 607).

Para Jung, o inconsciente coletivo é uma estrutura psíquica que já vem com a criança desde o seu nascimento, repleta de conteúdos arcaicos, próprios da natureza humana; em outros termos, é um órgão natural sujeito às mesmas leis que regem o meio ambiente e no qual se encontra constantemente projetado.

O inconsciente, assim como a própria natureza, é um sistema neutro e destituído de valores

morais. Carrega em si o potencial criador e destruidor, o bem e o mal, e, sendo pura natureza, jamais fantasia seus receios e anseios (ao contrário da concepção freudiana, que via no inconsciente uma tendência defensiva à negação dos conteúdos geradores de ansiedade).

#### CONCEITO

##### Arquétipos

#### CITAÇÕES

O arquétipo é natureza pura, não deturpada e é a natureza que faz com que o homem pronuncie palavras e execute ações de cujo sentido ele não tem consciência, e tanto não tem, que ele já nem pensa mais nelas. (JUNG, 2011, v. 8/2, par. 412).

Quer o homem compreenda ou não o mundo dos arquétipos, deverá permanecer consciente do mesmo, pois nele o homem ainda é natureza e está conectado com suas raízes. (JUNG, 2011, v. 9/1, par. 174).

Os arquétipos são de certa forma os fundamentos da psique consciente ocultos na profundidade ou, usando outra comparação com suas raízes afundadas não só na terra, em sentido estrito, mas no mundo em geral. [...] Propriamente falando, são a parte etônica da psique, se assim podemos falar, aquela parte através da qual a psique está vinculada à natureza. (JUNG, 2011, v. 10/3, par. 53).

Os arquétipos, para Jung, tratam de conteúdos psíquicos arcaicos herdados filogeneticamente de nossos ancestrais; são reflexo das mesmas experiências, inúmeras vezes repetidas e vivenciadas por nossos antepassados desde as primeiras eras da evolução genética da espécie humana. Por essa razão, o arquétipo é equivalente ao instinto e reflete em todos os sentidos os padrões de comportamento da natureza humana.

O autor deixava claro que, no mundo dos arquétipos, o homem ainda se encontra conectado com sua natureza profunda. E, assim como a natureza é arcaica e ao mesmo tempo criadora, Jung ressalta que os arquétipos não são apenas estruturas ultrapassadas, mas fonte de energia criadora na arte, na ciência e nas melhores ideias de nosso tempo – e que são também responsáveis pelas bases da psique consciente.

### CONCEITO

#### Neurose

### CITAÇÕES

O excesso de animalidade deforma o homem cultural; o excesso de cultura cria animais doentes. (JUNG, 2011, v. 7/1, par. 32).

Quando o homem perde algumas de suas funções naturais, isto é, quando esta se vê excluída de sua atividade consciente e intencional, ocorre um distúrbio geral, neurotização. (JUNG, 2011, v. 10/1, par. 544).

O significado de uma neurose é impulsionar o indivíduo para a personalidade total, o que inclui o reconhecimento e responsabilidade pela totalidade do ser, pelos bons e maus aspectos, pelas funções inferiores. (JUNG, 2011, v. 18/1, par. 367).

Para Jung, a neurose advém do conflito entre natureza e cultura – o sistema psíquico entra em um estado de adoecimento quando o indivíduo nega, reprime ou desconhece aspectos de sua própria natureza. Ele descrevia o indivíduo neurótico como unilateral, demonstrando que, quando enfatizamos demasiadamente um lado de nossa personalidade em detrimento do outro, instala-se o conflito. Assim, como todo sistema natural depende de sua totalidade para funcionar perfeitamente, o autor considerava a neurose uma dissociação que impede a perfeita dinâmica psíquica.

A neurose não é, para ele, somente um conjunto de sintomas (negativos) que deve ser simplesmente eliminado, mas um mecanismo que visa, acima de tudo, levar o indivíduo ao seu processo de individuação e autoconhecimento. Aliás, a neurose é, para ele, uma tentativa de autocura da natureza.

### CONCEITO

#### Opostos

### CITAÇÕES

A própria natureza procura o antagônico e dele tira a harmonia e não do idêntico. (JUNG, 2011, v. 6, par. 443).

O problema dos opostos como princípio inerente à natureza humana constitui uma etapa a mais no desenvolvimento do nosso processo de autoconhecimento. (JUNG, 2011, v. 7/1, par. 88).

A ciência termina nas fronteiras da lógica, o que não ocorre com a natureza, que floresce onde teoria alguma jamais penetrou. A *venerabilis natura* (venerável natureza) não para no antagonismo, mas serve-se do mesmo para formar um novo nascimento. (JUNG, 2011, v. 16/2, par. 524).

Para o autor, a resolução do conflito entre opostos (forças, valores e sentimentos antagônicos) é requisito fundamental no processo de realização da totalidade do ser. O autor observou esse conflito, que ele também chamou de enantiodromia, nos fenômenos e processos naturais. Salientava que, assim como ocorre na natureza, a psique humana tende naturalmente a buscar uma terceira saída aceitável, quando duas forças opostas chocam-se entre si.

## CONCEITO

### Instinto

## CITAÇÕES

Quanto mais civilizado, mais consciente e complicado for o homem, tanto menos ele será capaz de obedecer aos instintos. As complicadas situações de sua vida e as influências do meio ambiente se fazem sentir de maneira tão forte, que abafam a débil voz da natureza. (JUNG, 2011, v. 9/2, par. 40).

A separação de sua natureza instintiva leva o homem civilizado ao conflito inevitável entre consciência e inconsciente, entre espírito e natureza, fé e saber, ou seja, a cisão de sua própria natureza que, num dado momento, torna-se patológica, uma vez que a consciência não é mais capaz de negligenciar ou reprimir a natureza instintiva. (JUNG, 2011, v. 10/1, par. 558).

Quando o instinto animal é varrido do consciente por meio da repressão, pode acontecer que irrompa espontaneamente com toda força, de forma desordenada e incontrolável. (JUNG, 2011, v. 10/3, par. 31).

Jung declarou diversas vezes, em sua obra, o quanto os instintos humanos vêm sendo afetados pelo processo cultural. No entanto, convém destacar que ele não era contrário à formação das sociedades e reconhecia sua inegável importância para a vida coletiva da humanidade. Suas considerações tão somente denunciavam os prejuízos trazidos pelo processo cultural quando esse pretende reprimir completamente a base instintiva da humanidade. Para o autor, não há repressão dos instintos sem graves consequências, tanto para o indivíduo (que se torna infeliz e neurótico) como para a própria sociedade (que pode sofrer, nos momentos mais inesperados, a ação desordenada e violenta de indivíduos e massas).

Ele acreditava que o homem moderno, para o seu próprio bem, deve manter-se conectado às suas bases instintivas e às suas raízes naturais, a fim de integrá-las em um todo harmonioso. Essa seria uma atitude de autoconhecimento e de (auto)respeito perante a complexidade do ser, que não é somente cultural, mas também natural.

## CONCEITO

### Persona

## CITAÇÕES

A persona é um complicado sistema de relação entre a consciência individual e a sociedade; é uma espécie de máscara destinada, por um lado, a produzir um determinado efeito sobre os outros e por outro lado a ocultar a verdadeira natureza do indivíduo. (JUNG, 2011, v. 7/2, par. 305).

Jung concebia a persona como uma função natural, destinada à adaptação social do indivíduo, e responsável pelo processo de alienação cultural. Seu símbolo é a máscara e, etimologicamente, está ligada ao termo “personagem”. Por meio da persona, os seres humanos desempenham funções e papéis sociais em seus grupos. Mas, de acordo com o autor, ao mesmo tempo em que a persona oferece o suporte fundamental para o homem viver em sociedade, igualmente representa um obstáculo em seu processo de totalização do ser ou de sua verdadeira identidade. Afinal, a persona tende a ocultar a real natureza do indivíduo para que ele seja aceito no meio em que se inter-relaciona.

## CONCEITO

### Individuação

## CITAÇÕES

O sentido e a meta do processo de indivi-

duação são a realização da personalidade originária, presente no germe embrionário, em todos os seus aspectos. É o estabelecimento e o desabrochar da totalidade originária potencial. (JUNG, 2011, v. 7/1, par. 186).

O processo da individuação natural produz uma consciência do que seja a comunidade humana, porque traz justamente à consciência o inconsciente, que é o que une todos os homens e é comum a todos os homens. A individuação é o “tomar-se um” consigo mesmo, e ao mesmo tempo com a humanidade toda. (JUNG, 2011, v. 16/1, par. 227).

Devo lembrar o fato psicológico de que, enquanto podemos constatar, a individuação é um fenômeno natural [...]. Ela não é uma invenção do homem, mas é a própria natureza que produz sua imagem arquetípica. (JUNG, 2011, v. 18/2, par. 1641).

O autor concebia que todos os seres da natureza, independente de espécie, buscam a realização de seu potencial no meio em que vivem. Assim como a semente almeja tornar-se árvore e, assim como o dia se totaliza com a noite, o homem busca a sua própria realização. Para atingir essa meta, Jung ressaltava que o indivíduo deve conciliar natureza e cultura, integrar a sombra à personalidade consciente do eu e desfazer todos os pares de opostos vigentes em sua vida psíquica.

O autor, no entanto, advertia que individuação não deve ser confundida com individualismo. Para ele, o individualista nega suas origens e suas raízes e vive em um mundo ilusório, no qual se acredita independente de seu próximo – fato patológico, que ignora o verdadeiro sentido do processo de individuação.

## CONCEITO Sombra

### CITAÇÕES

A moral ascética do cristianismo quer livrar-nos disso [da sombra] e assim nos expõe ao risco de perturbar o mais profundo de nossa natureza animal. (JUNG, 2011, v. 7/1, par. 35).

Se entendermos, então, que o mal habita a natureza humana independente da nossa vontade e que ele não pode ser evitado, o mal entra na cena psicológica como o lado oposto e inevitável do bem. (JUNG, 2011, v. 10/1, par. 573).

De qualquer forma não faremos justiça nem à nossa natureza em geral, nem à nossa natureza humana se negarmos a imensidade do mal e do sofrimento, desviando nossos olhares do aspecto cruel da criação. O mal deveria ser reconhecido como tal e não ser atribuído à pecabilidade do homem. (JUNG, 2011, v. 18/2, par. 1654).

Jung apontava a sombra e o mal como uma função natural da psique humana. E, como toda função natural, Jung considerava salutar que a sombra fosse integrada à consciência e não eliminada ou reprimida pela força da moralidade social.

Negar a sombra é como negar uma parte vital da personalidade. Essa atitude seria, ao ver de Jung, um desrespeito diante da totalidade do ser. A natureza só pode ser entendida em sua complexidade e a partir do que realmente é. Nesse sentido, o autor destacava que a conscientização da sombra é fundamental para que o indivíduo deixe de projetar em seus semelhantes a antipatia e a falta de respeito que tem para consigo mesmo.

No processo de individuação, a integração da sombra aos processos da consciência é, de acordo com o autor, uma necessidade primordial.

Em outros termos, a aceitação da sombra consiste na aceitação incondicional da própria natureza, independentemente de suas flores ou de seus espinhos.

### **CONCEITO** **Sonhos**

#### **CITAÇÕES**

Muitas vezes, a natureza é obscura, sem transparência, mas ela não usa de artimanhas, como o homem. Por isso devemos acreditar que o sonho é exatamente o que deve ser, nem mais, nem menos. (JUNG, 2011, v. 7/1, par. 162).

Os sonhos são imparciais, não sujeitos ao arbítrio da consciência, produtos espontâneos da psique inconsciente. São pura natureza e, portanto, de uma verdade genuína e natural; são mais próprios do que qualquer outra coisa. (JUNG, 2011, v. 10/3, par. 317).

O sonho é, portanto, um produto natural e altamente objetivo da psique, do qual podemos esperar indicações ou pelo menos pistas de certas tendências básicas do processo psíquico. (JUNG, 2011, v. 7/2, par. 210).

Jung era imperativo ao se referir aos sonhos como uma função natural da psique humana. De acordo com ele, a razão dos sonhos seria uma tentativa de trazer de volta à consciência nossa mente original.

Diferente de Freud, Jung concebia os sonhos dentro de um fundo espontâneo e natural, enquanto Freud os concebia cheios de nuances, máscaras e mecanismos de defesa. Jung chegou a afirmar que os sonhos são o hálito da natureza e que sua linguagem rica em símbolos arquetípicos carrega a verdade sobre a natureza dos indivíduos.

### **CONCEITO** **Religião**

#### **CITAÇÃO**

O homem não consegue extirpar de todo suas convicções religiosas, porque a atividade religiosa repousa numa tendência instintiva e pertence às funções específicas do homem. É possível retirar-lhe os deuses, mas somente para lhe oferecer outros. (JUNG, 2011, v. 10/1, par. 544).

Jung via a espiritualidade/religiosidade como uma tendência natural e instintiva do homem, não sendo possível anulá-la (como, por exemplo, pelo ateísmo), por se tratar de uma função psicológica filogeneticamente herdada da humanidade. Para ele, não é possível tirar os deuses dos homens, mas apenas substituí-los por meio de outros, aos quais o indivíduo possa transferir a mesma quantidade de fé; por exemplo, à ciência.

### **CONCEITO** **A prática da psicoterapia**

#### **CITAÇÃO**

A tarefa mais nobre da psicoterapia no presente momento é continuar firmemente a serviço do desenvolvimento do indivíduo. Procedendo desta forma, o nosso esforço estará acompanhando a tendência da natureza, isto é, estaremos fazendo com que desabroche em cada indivíduo a vida na maior plenitude possível, pois o sentido da vida só se cumpre no indivíduo, não no pássaro empoleirado dentro de uma gaiola dourada. (JUNG, 2011, v. 16/1, par. 229).

Em psicoterapia, considero até aconselhável que o médico não tenha objetivos demasiadamente precisos, pois dificilmente ele vai saber mais do que a própria natureza ou a vontade de viver do paciente. As grandes decisões da

vida humana estão, em regra, muito mais sujeitas aos instintos e a outros misteriosos fatores inconscientes do que à vontade consciente, ao bom-senso, por mais bem-intencionados que sejam. (JUNG, 2011, v. 16/1, par. 81).

Com um resultado terapêutico satisfatório, provavelmente pode dar-se o caso por encerrado. Se assim não for, a terapia não terá outro recurso a não ser orientar-se pelos dados irracionais do doente. Neste caso, a natureza nos servirá de guia e a função do médico será muito mais desenvolver os germes criativos existentes dentro do paciente do que propriamente tratá-lo. (JUNG, 2011, v. 16/1, par. 82).

Jung considerava a psicoterapia um espaço em que o psicoterapeuta deve utilizar-se da expressão espontânea da natureza de seu paciente como guia de seu processo de individuação. Para ele, cada indivíduo cresce e se desenvolve ao seu tempo e à sua maneira. Em se tratando de prática psicoterapêutica, prezava o comportamento ético e a postura de neutralidade como meio de garantir que a originalidade do paciente não seja afetada ou deturpada pela natureza do psicólogo. Caso contrário, a meta da individuação perderia o seu sentido e, alegoricamente, o psicoterapeuta ocasionaria uma espécie de agressão à natureza de seu paciente.

#### CONCEITO

##### Alusões diversas

#### CITAÇÃO

A alma do mundo é uma força natural, responsável por todos os fenômenos da vida e da psique. (JUNG, 2011, v. 8/2, par. 393).

Há alguma coisa semelhante ao sol dentro de nós, e falar em manhã de primavera, tarde

de outono da vida não é mero palavrório sentimental, mas expressão de verdades psicológicas. (JUNG, 2011, v. 8/2, par. 780).

Árvore nenhuma cresce em direção ao céu, se suas raízes também não se estenderem até o inferno. (JUNG, 2011, v. 9/2, par. 78).

Por mais que joguemos fora a natureza por meio da força, ela sempre retorna. (JUNG, 2011, v. 10/1, par. 514).

Falta contato com natureza que cresce, vive e respira. A pessoa sabe o que é um coelho ou uma vaca através de livros ilustrados, enciclopédias ou televisão. E pensa que conhece realmente, mas fica admirada quando mais tarde descobre que o estábulo fede, pois isso não estava na enciclopédia. (JUNG, 2011, v. 10/3, par. 882).

A obra de Jung (2011) está repleta de alusões e alegorias acerca da natureza. O autor consegue, com muita poética, traçar paralelos entre a natureza e os processos psicológicos dos seres humanos. Para o autor, assim como existia uma ecologia exterior, havia também uma ecologia interior. Ele entendia a natureza como a única fonte de manifestação da verdade, ou a mais próxima da realidade.

Muito antes dos atuais enfrentamentos ecológicos, Jung já falava sobre a necessidade de o homem se reconectar com a natureza, criticando insistentemente a atitude de desconexão entre o homem e seu meio.

Sua concepção era de que nada no mundo estava separado da natureza e que tudo se espelhava e refletia no funcionamento natural. Assim como observava a primavera no meio externo, observava a infância no homem; assim como admirava o outono, admirava os processos psicológicos da meia-idade, como fenômenos diretamente análogos. Em tais comparações, ele não

via somente um ato romântico, mas alusões de profunda verdade empírica.

De modo geral, ao longo dos 34 volumes que compõem a obra completa de C. G. Jung, é possível encontrar centenas de citações da palavra “na-

tureza”, entre as quais se destacam 137 parágrafos nos quais o autor utiliza o termo “natureza” e suas variações para ilustrar, justificar e fundamentar diversos conceitos de sua teoria, assim como podemos constatar no quadro a seguir.

Obras analisadas	Parágrafo(s)	Citações por obra
I – <i>Estudos psiquiátricos</i>		
II – <i>Estudos experimentais</i>		
III – <i>Psicogênese das doenças mentais</i>	584	1
IV – <i>Freud e a psicanálise</i>		
V – <i>Símbolos da transformação</i>	95; 107-114; 170 (no rodapé 84)	3
VI – <i>Tipos psicológicos</i>	132; 790	2
VII/1 – <i>Psicologia do inconsciente</i>	16; 17; 28; 29-30; 32; 35; 34; 41; 50; 88; 93; 96; 114; 146-149; 162; 186	16
VII/2 – <i>O eu e o inconsciente</i>	305; página 10	2
VIII/2 – <i>A natureza da psique</i>	339; 392-393; 412; 702; 739; 750-751; 780; 787; 795; 800	10
VIII/3 – <i>Sincronicidade</i>		
IX/1 – <i>Os arquétipos e o inconsciente coletivo</i>	172; 174; 195; 234; 289; 714	6
IX/2 – <i>Aion: Estudos sobre o simbolismo do si-mesmo</i>	40; 78; 220; 244	4
X/1 – <i>Presente e futuro</i>	514; 544; 547-548; 560; 562; 572-573	6
X/2 – <i>Aspectos do drama contemporâneo</i>	431	1
X/3 – <i>Civilização em transição</i>	24; 31; 32; 34; 44; 53; 134; 187; 210; 317; 361; 831; 882	13
X/4 – <i>Um mito moderno sobre coisas vistas no céu</i>	616; 667; 673	3
XI/1 – <i>Psicologia e religião</i>	105; 130	2
XI/2 – <i>Interpretação psicológica do dogma da trindade</i>	261	1
XI/3 – <i>O símbolo da transformação na missa</i>		

Obras analisadas	Parágrafo(s)	Citações por obra
XI/4 – <i>Resposta a Jó</i>		
XI/5 – <i>Psicologia e religião oriental</i>	867-868; 895; 941	3
XI/6 – <i>Escritos diversos</i>		
XII – <i>Psicologia e alquimia</i>	40; 214; 331	3
XIII – <i>Estudos alquímicos</i>	119; 130-131; 148; 184; 196; 198; 229; 267	8
XIV/1 – <i>Mysterium coniunctionis</i>	83; 101; 127	3
XIV/2 – <i>Mysterium coniunctionis</i>	6 (no rodapé 21); 58; 65; 158; 358; 365; 402	7
XV – <i>O espírito na arte e na ciência</i>	41; 120	2
XVI/1 – <i>A prática da psicoterapia</i>	42; 81-82; 130; 227	4
XVI/2 – <i>Ab-reação, análise dos sonhos e transferência</i>	293; 344-345; 412; 469; 508; 524	6
XVII – <i>O desenvolvimento da personalidade</i>	160; 289; 290; 292-293; 320; 335; 338	7
XVIII/1 – <i>A vida simbólica</i>	38; 178; 181; 367; 368; 375; 439; 473; 474; 585-586; 591; 598; 602-603; 607; 742	15
XVIII/2 – <i>A vida simbólica</i>	1198; 1360; 1365; 1366-1367; 1368; 1488; 1586; 1641; 1654	9

Os achados evidenciam o caráter ecológico da obra de C. G. Jung, que, na atualidade, pode ser de grande utilidade, não somente para o avanço da ciência psicológica, mas também com os atuais enfrentamentos ecológicos. Afinal, por meio da psicologia profunda de Jung, percebe-se que a realidade interna dos seres humanos está estreitamente fundamentada sobre as bases e leis que regem a realidade cíclica da natureza e ligada a elas.

### 3. Considerações finais

Jung enfatizou intensamente, em sua obra, a desconexão do homem com a natureza e, conseqüentemente, consigo mesmo. Já no século passado, tratou o homem como um sistema

em profunda interação com seu meio e que busca realizar sua totalidade, como todo sistema natural.

Sua obra reflete o pensamento de um homem que esteve profundamente ligado aos mistérios da vida, da natureza e da psique como um todo. Muitas vezes incompreendido e tachado de místico e romântico, Jung tem um trabalho científico que revela, pelo contrário, grande sensibilidade para captar, muito antes dos atuais enfrentamentos ecológicos, um pensamento de integração entre o homem e a natureza. A essência desse pensamento é o que atualmente se preza nos modernos movimentos ecológicos que ainda alimentam a utopia de um mundo povoado por humanos capazes de respeitar o meio natural, à

medida que reconhecem a profundidade de sua própria natureza.

A natureza é como um espelho no qual nos vemos: somos um pouco da abelha, do cão, do macaco, da árvore, da víbora e da ameba; somos um pouco de todos os seres e todos os seres são um pouco de nós. Conectar-se a ela e à essência de todos os seres é também uma forma de nos integrar com nossa própria totalidade. Cuidar da natureza e contemplá-la não são somente atos românticos, mas uma forma de nos cuidar, de nos contemplar e de reconhecer os nossos próprios mistérios. A crítica de Jung era exatamente em torno da atitude de desconexão do homem, iniciada desde os primórdios do cristianismo. Já em seu tempo, percebia que faltava contato direto das pessoas com a natureza.

A profunda conexão de Jung com a natureza e o modo com que tratava a psicologia nos levam à reflexão de seu objetivo maior, que era formar não apenas psicoterapeutas ou conhecedores técnicos da mente humana, mas ecologistas da alma. Ele mesmo, sem qualquer

dúvida, foi um exímio ecologista da interioridade humana, buscando desvelar as obscuridades da psique e defendendo, do início ao fim de sua vida, o livre desabrochar das potencialidades do homem, motivando-o a trilhar os caminhos do processo de individuação e da totalidade do ser, sem, no entanto, distanciar-se de suas origens coletivas.

A obra científica de Jung configura, pelo que podemos ver ao longo deste trabalho, uma espécie de ecologia humana, em que o autor coloca os seres humanos como parte integrante de seu meio natural, não como o animal-humano dominante da natureza, mas como apenas mais um ser reinado por forças inconscientes mais fortes do que ele mesmo.

Por motivos razoáveis, sugerimos que o autor seja reconhecido como o pioneiro da ecopsicologia, ecologia humana e, até mesmo, como um dos primeiros pensadores ecosófico da modernidade. ■

Recebido em: 6/3/2017

Revisão: 24/5/2017

## Abstract

### *Ecology of the soul: the nature in the scientific work of Carl Gustav Jung*

*To study the work and biography of Carl Gustav Jung is to realize how inspiring nature was to the development of his scientific and personal worldview. Therefore this paper examines the relevance of nature to the formulation of analytical psychology theories. It searches through 34*

*volumes of Jung's complete work the quotations in which the term "nature" is used to support concepts of his theory. The 137 paragraphs that were found demonstrate the author conceived psychic functioning was analogous to the functioning of all natural systems. ■*

Keywords: human ecology, C. G. Jung, nature.

## Resumen

### *Ecología del alma: la naturaleza en el trabajo científico de Carl Gustav Jung*

*Al estudiar el trabajo científico de Carl Gustav Jung, así como su ruta biográfica, es perceptible para cualquier investigador que la naturaleza representó la inspiración en el proceso de construcción de su cosmovisión científica y personal. Por lo tanto, se buscó, por medio de esta investigación, la relevancia de la naturaleza para la formulación de la psicología analítica. Se rescató*

*en las obras completas del autor, que se compone de 34 volúmenes, las citas donde utilizó el término “naturaleza” para sostener conceptos en su teoría. Los hallazgos, compuestos por 137 párrafos, muestran que el autor concebía el funcionamiento psíquico equivalente al funcionamiento de los sistemas naturales. ■*

Palabras clave: ecología humana, C. G Jung, naturaleza.

## Referências bibliográficas

JUNG, C. G. Memórias, sonhos e reflexões. 1. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1987.

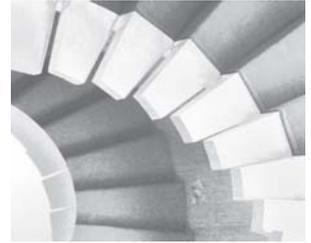
JUNG, C. G. Obras completas. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

MCGUIRE, W.; HULL, R. F. C. G. Jung: entrevistas e encontros. 1. ed. São Paulo: Cultrix, 1997.

PINHEIRO, J. Q. Psicologia ambiental: a busca de um ambiente melhor. Estudos de Psicologia, Natal, RN, v. 2, n. 2, p. 377-398, 1997.

TARNAS, R. A epopeia do pensamento ocidental. 3. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

VON FRANZ, M.-L. C. G. Jung: seu mito em nossa época. 2. ed. São Paulo: Cultrix, 1992.



# Prevenção começa em casa: contribuições da neurociência

Maria Paula Magalhães Tavares de Oliveira\*

## Resumo

O aumento do uso de drogas e de outros comportamentos que também provocam dependência é evidente no mundo contemporâneo, assim como a dificuldade no tratamento das dependências. Os achados da neurociência podem contribuir, dando subsídios para a prevenção dessa patologia. O presente trabalho aborda a importância do processo de tomada de decisão nas dependências, enfocando o cérebro do adolescente, e enfatiza o papel da intersubjetividade no desenvolvimento. Estudos recentes que descrevem alterações epigenéticas relacionadas a adversidades sofridas na vida precoce são apresentados, assim como dados que mostram que algumas alterações podem ser revertidas por meio da qualidade do vínculo com o cuidador. A prevenção é discutida como ação que começa com a humanização dos arquétipos da grande mãe e do pai, e continua vida afora, uma vez que as adversidades podem contribuir para gerar

sintomas ou resiliência, dependendo da intensidade do agente estressor, da maturidade do sistema nervoso e da relação entre criança e cuidador, quer sejam eles pais, parentes, professores, amigos, analistas, enfim, pessoas com as quais seja possível estabelecer uma relação significativa. ■

**Palavras-chave**  
Dependências,  
prevenção,  
desenvolvimento,  
arquétipo,  
epigenética.



\* Doutora em psicologia experimental pelo Instituto de Psicologia da USP; analista membro da Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica; colaboradora do Projeto Quixote.  
E-mail: <mpm\_fto@uol.com.br>

## Prevenção começa em casa: contribuições da neurociência

Nas últimas décadas, o consumo de drogas vem se ampliando, assim como suas consequências. Passou a ser corriqueiro o relato de crianças e adolescentes que consomem álcool e começam a usar drogas cada vez mais cedo. Novas drogas vêm sendo sintetizadas e seu uso, disseminado, principalmente entre jovens que frequentam “baladas” (SANUDO; ANDREONI; SANCHEZ, 2015). Além do ecstasy (MDMA) e da cannabis sintética, há outras substâncias, como catinonas sintéticas (Flakka, Vanilla Sky) e fenetilaminas (N-Bome), cujos efeitos ainda não são bem conhecidos pela comunidade médica e que podem ser adquiridas até pela internet. Mecanismos neurobiológicos envolvidos nas dependências vêm sendo elucidados com cada vez mais detalhes. Teorias comportamentais, cognitivas e psicodinâmicas foram elaboradas e grupos de autoajuda, como Alcoólicos Anônimos (AA) e Narcóticos Anônimos (NA), proliferaram. No entanto, o tratamento de dependentes continua pouco efetivo e campanhas de prevenção também mostraram resultados consistentes.

O estilo de vida da época pós-moderna agrava esse quadro, incentivando não só o consumo de drogas, mas comportamentos que proporcionam sensação de prazer ou alívio, nem que seja por algum período. Em tempos de Facebook, Instagram etc., imagens de felicidade e sucesso imperam, assim como a necessidade de estar conectado. A sensação de urgência e de cobrança atinge a todos e o imediatismo se impõe. Trocam-se mensagens cada vez mais curtas e esperam-se respostas instantâneas (OLIVEIRA, 2013). Como bem descreve Bauman (1998), na sociedade pós-moderna, tudo é fluido, em movimento, e não há tempo de espera. Nesse ritmo, falta disponibilidade interna para o encontro, para estar junto e experimentar cumplicidade e solidariedade.

Observam-se casais ansiosos por formar famílias bem-sucedidas. Eficientes, frequentemente muito preocupados em garantir estabilidade,

segurança e bem-estar para os filhos, acabam pouco disponíveis, não privilegiando tempo e espaço para a convivência e a intimidade. Além da televisão, cada vez mais jogos eletrônicos são utilizados para entretê-los. Computadores, *tablets* e celulares passaram a fazer parte do cotidiano, permitindo passatempo e até contato com outras pessoas, via tecnologia. Entretanto, o contato humano é fundamental para o desenvolvimento. É na convivência que se humanizam os arquétipos e a falta dessa convivência traz consequências. Depressão, ansiedade e dependências são transtornos prevalentes nos dias de hoje. Qual a influência dessa forma de viver atual dos pais nos filhos? Quanto isso contribuiu para aumentar transtornos psiquiátricos na infância e na adolescência (mais especificamente, uso de álcool e de outras drogas)? O presente trabalho pretende relacionar novos achados da neurociência a prevenção, visando estimular resiliência e diminuir o risco de psicopatologia, com ênfase principalmente em dependências.

### Neurobiologia da dependência

Os estudos recentes ajudaram a compreender melhor o mecanismo da dependência e por que é tão difícil tratá-la. Quando há uso recorrente de drogas psicotrópicas, um estímulo muito mais potente do que o natural trapaceia o sistema cerebral de recompensa. Como afirma Damasio (2003), os estados de alegria traduzem coordenação fisiológica ótima e um fluxo desimpedido das operações da vida. No entanto, os “mapas neurais” que sinalizam a alegria podem ser falsificados pelas drogas e não refletir o estado atual do organismo. Drogas procuradas para proporcionar bem-estar, com o uso repetido, induzem à depressão. As marcas de consumo intenso dessas substâncias ficam no corpo e o uso repetido provoca neuroadaptações de longo prazo (NESTOR; MALENKA, 2004).

O processo de tomada de decisão tem papel

central nas dependências, uma vez que o que caracteriza esse transtorno é o fato de o indivíduo optar por um comportamento que provoca sensação de prazer imediato, em vez de resistir e decidir-se por uma recompensa futura. É importante lembrar que tomamos decisões o tempo todo, geralmente de maneira inconsciente e automática, entretanto, em alguns casos, é importante ter consciência da escolha e de suas implicações. Assim, escolher pode ser tarefa difícil, uma vez que, ao se fazer uma opção, é necessário renunciar as outras. Jung (1989) já falava da importância do sacrifício no processo de individuação. Na tomada de decisão, pode haver conflito entre córtex pré-frontal (função executiva que avalia) e sistema límbico (que sinaliza a sensação de prazer). Dependência está justamente relacionada à dificuldade de resistir a impulso associado à recompensa imediata, apesar das consequências negativas (PALMINI, 2007; VERDEJO-GARCIA; BECHARA, 2009).

### **Adolescência e o cérebro do adolescente**

Nos adolescentes, esse aspecto tem importância particular. Nessa fase da vida, há a constelação do arquétipo do herói, que favorece a passagem da infância para a vida adulta. A adolescência é caracterizada pela busca do inédito, pela experimentação de novas sensações e por rupturas com padrões familiares. Em muitas culturas, essa passagem é marcada por rituais em que morte e renascimento ocorrem de maneira simbólica. No entanto, na sociedade atual, muitas vezes o ritual não ocorre. É frequente a dificuldade em resistir a impulsos, sendo comuns comportamentos de risco. É alta a incidência de acidentes graves, brigas e uso de drogas que envolvem jovens, havendo atuação concreta e não apenas simbólica.

O córtex pré-frontal, responsável pelo controle e eficiência cognitiva, ainda está em formação durante a adolescência. As estruturas subcorticais (que incluem o sistema límbico), responsáveis pela saliência do estímulo, são mais sensíveis nessa época da vida, sendo maior a susceptibilidade a estímulos emocionais (o *nucleus*

*accumbens* é mais ativado). A interação entre o córtex pré-frontal e as estruturas subcorticais muda durante o desenvolvimento. Com a idade, aumenta a força de conexão e, em consequência, a capacidade de autocontrole (CASEY; JONES; SOMERVILLE, 2011). Dessa maneira, adolescentes tendem a ser mais impulsivos devido à fase de desenvolvimento em que se encontram. Além disso, existem diferenças individuais em resistir ao impulso ou à gratificação imediata, observados na infância (MISCHEL; SHODA; RODRIGUEZ, 1989), que persistem na adolescência e na vida adulta (EIGSTI; ZAYAS; MISCHEL et al., 2006). Estudos com imagem mostram que adolescentes são mais sensíveis do que crianças e adultos a ameaças, no entanto isso não se traduz em seu comportamento, favorecendo que se exponham mais a riscos (CASEY et al., 2011).

As pesquisas que estudam o funcionamento cerebral mostram que adolescentes podem fazer escolhas sensatas, mas tendem a decidir mal sob impacto de emoção (CASEY; CAUDLE, 2013). E, nessa fase da vida, o que não falta são emoções! Escolha e sacrifício exigem um sistema maduro, capaz de reconhecer o que é melhor para si, optando por ações que favoreçam o desenvolvimento. É necessário um diálogo equilibrado entre eros e logos. Ou se sacrifica um polo a favor do outro ou se suporta a tensão para transcender opostos e encontrar o novo. Os adolescentes se encontram frente a muitos dilemas e nem sempre têm condições de fazer um sacrifício ou suportar tensão por muito tempo. Tendo em vista a prevenção, objeto do presente artigo, além da consciência desse fato para poder auxiliá-los nessa tarefa quando possível, é importante explicitar aspectos que podem contribuir para formar adolescentes capazes de escolhas mais sensatas e de identificar o que pode prejudicar esse processo.

### **Desenvolvimento**

Os estudos recentes sobre desenvolvimento cerebral reforçam a tese de que prevenção começa em casa. A importância da constelação do

arquétipo da grande mãe no cuidado, do arquétipo do pai na discriminação e do arquétipo do herói favorecendo transformação parece ter um correlato neurobiológico. O desenvolvimento do cérebro se inicia na gestação e continua até a idade adulta. Os achados da epigenética explicitam como cada um vai se desenvolver à sua maneira, uma vez que os genes se expressam respondendo ao ambiente.

Normalmente o arquétipo da grande mãe se constela na gravidez. Mulheres eficientes e pragmáticas muitas vezes se surpreendem valorizando coisas que jamais lhes interessaram. O ritmo diminui, sentem sono, ficam mais sensíveis. Conforme a gestação evolui, o ritmo da futura mãe muda. Volta-se para cuidar da casa, preparar o canto para o bebê, enfim, mudanças no organismo são acompanhadas por mudanças no psiquismo e se traduzem na maneira de viver. Quando o bebê nasce, o arquétipo da grande mãe reina e, conforme ele vai crescendo, o arquétipo do pai, introduzindo a lei, se faz cada vez mais presente. Os arquétipos vão sendo humanizados, possibilitando a estruturação da personalidade e o desenvolvimento de um narcisismo saudável (GALIÁS, 2003).

A importância da relação mãe-bebê é bem descrita pela literatura. Stern (2000) descreve o desenvolvimento e as fases de aquisição do Self e, na revisão do seu célebre livro *O mundo interpessoal do bebê*, ressalta a importância de intersubjetividade desde o início da vida, mostrando a relevância dos modos de estar com o outro (que originalmente denominava RIG – representações de interações que foram generalizadas). Esse autor afirma que intersubjetividade passou a ser conceito central, outrora ocupado pelo intrapsíquico. Ele descreve como, a cada fase do desenvolvimento, a matriz intersubjetiva é mais rica e profunda, e relata que pesquisadores descrevem intersubjetividade já em crianças em idade pré-verbal e pré-simbólica. Bebês nascem com mentes afinadas com outras mentes; assim, pode-se falar de psicologia de mentes mutuamente sensíveis, o que permite a intersubjetividade

primária. Observa-se uma coordenação mútua entre mãe e bebê, uma harmonização afetiva e uma cronometragem coordenada pela dupla. A intersubjetividade secundária se verifica antes da capacidade verbal ou simbólica, uma vez que, aos 9 meses, bebês são capazes de ler a intenção do outro. Aos 12 meses, observa-se a importância da referência social: o estado afetivo mostrado no outro é relevante para como a criança vai se sentir. Aos 18 meses, a criança torna-se verbal, aprimorando sua forma de comunicação. Novas formas de intersubjetividade são rapidamente acrescentadas e, aos 5 anos, as crianças já adquiriram a “teoria da mente”, ou seja, a capacidade mais formal de representar estados mentais de outras pessoas (STERN, 2004).

Assim, segundo Stern (2004), nossa vida mental é co-criada. O diálogo criativo contínuo com outras mentes é a matriz de subjetividade, envolve a interpenetração mútua de mentes, havendo leitura do conteúdo da mente do outro. A identificação dos neurônios-espelho (RIZZOLATTI; ARBIB, 1998) permitiu compreender como se dá o processo de empatia e de estabelecimento de contato intersubjetivo. O repertório de expressões faciais e vocais, a linguagem de maneira geral, não verbal e verbal, é muito eficiente em termos intersubjetivos. O olhar do outro ajuda a fixar nossa autopoção relativa e a encontrar nosso senso de Self verdadeiro (STERN, 2004).

Esse processo explicita a importância da qualidade de relação para o desenvolvimento saudável da criança. O desenvolvimento emocional, cognitivo e social vai se dando ao longo do tempo. A criança vai aprendendo a expressar seus desejos e a controlar impulsos. Estudos mostram que as crianças aprendem a não ser agressivas (TREMBLAY, 2010), ressaltando a importância da presença do cuidador nesse sentido. Em condições normais, a criança cresce e se desenvolve e, não havendo maiores intercorrências, passa pela adolescência e chega saudável à vida adulta.

Entretanto, nesse ritmo alucinado dos dias atuais, muitos bebês não têm oportunidade de viver esse processo de desenvolvimento com

relativa tranquilidade. Ansiedade, estresse, sintomas depressivos, enfim, o estado emocional da mãe/do cuidador vai interferir na relação, uma vez que o bebê já capta a falta de disponibilidade interna de quem cuida dele e reage a ela. Crianças agressivas, impulsivas e deprimidas, que apresentam sintomas desde pequenas, muitas vezes já carregam uma história prévia.

### **Contribuição da epigenética**

A epigenética trata da inter-relação dinâmica entre genes e experiência. Além das dificuldades na relação mãe-bebê, foi observado que estímulos ambientais podem provocar alterações na expressão de alguns genes, como as provocadas por um processo chamado metilação (mudança na síntese de proteínas – a sequência do DNA não muda, mas o gene pode ser ativado ou silenciado a partir de certas condições ambientais). Algumas dessas alterações permanecem como uma assinatura biológica, uma cicatriz, que perdura ao longo da vida e pode ser transmitida a gerações seguintes, e outras parecem ser reversíveis. Essa expressão genética alterada pode ocorrer em múltiplos tecidos, incluindo o cérebro, trazendo consequências para o funcionamento e a conectividade de circuitos neurais (MONK; SPICER; CHAMPAGNE, 2012).

Consequências epigenéticas da interação mãe-criança vêm sendo estudadas (MONK et al., 2012). Observou-se que vivências traumáticas ou de estresse excessivo durante a gravidez podem provocar na futura mãe uma série de reações no organismo que, via placenta, podem ser transmitidas ao bebê. A vulnerabilidade ao estresse estabelecida no útero, como resposta ao estresse, depressão ou ansiedade pré-natal da mãe, pode levar a maior risco de psicopatologia. Por exemplo, estudos realizados na Holanda com mulheres que passaram fome devido à guerra mostraram associação entre características da vida das mulheres grávidas e desenvolvimentos de saúde mental e cognitivos de seus filhos: fome e estresse tiveram efeito neurotóxico no cérebro em desenvolvimento (MONK et al., 2012).

Pesquisas realizadas no Canadá, a partir de uma grande tempestade em Quebec ocorrida em 1998, que provocou graves danos na cidade e afetou a população de forma severa, trazem contribuições interessantes nesse sentido. Cento e setenta e seis mulheres grávidas na época da tempestade foram avaliadas e acompanhadas prospectivamente junto com seus filhos. Verificou-se que o comportamento ansioso, depressivo e agressivo dos filhos estava relacionado à vivência de estresse subjetivo da mãe na época da tempestade. Dessas, 36 mulheres permitiram a coleta de sangue dos filhos para análise. Observou-se que houve metilação em todos os casos, permitindo concluir que metilação estava relacionada ao estresse objetivo e que mudanças na metilação permaneceram ao longo do tempo em avaliações sucessivas, quando os filhos estavam com 8 anos e, posteriormente, com 13 anos (CAO-LEI; MASSART; SUDERMAN et al., 2014).

Há estudos com animais que mostram os efeitos da separação precoce da mãe e ilustram consequências epigenéticas da interação mãe-criança (DETTMER; SUOMI, 2014). Ratos separados da mãe ao nascer apresentavam, já aos 14 dias de vida, metilação diferente do grupo controle. O importante a ser ressaltado é que experiências pós-natais podem moderar o efeito de vivências pré-natais (MONK et al., 2012). Meaney e Sztif (2005) descrevem estudo com ratos que apresentavam comportamento ansioso comparado a ratos normais. Esses autores verificaram que as fêmeas normais lambiam com grande frequência seus filhotes, o que favorece o desenvolvimento saudável, ao passo que as fêmeas ansiosas lambiam pouco seus filhotes e estes, ao crescerem, entre outras consequências, tornaram-se ratos ansiosos. Em estudo posterior, os filhotes de fêmeas ansiosas foram trocados pelos filhotes de fêmeas normais e vice-versa. O resultado foi surpreendente: verificou-se que, ao trocar as mães estressadas por mães lambedoras normais, filhotes, aos crescerem, tornaram-se adultos normais; e os que foram cuidados pelas mães ansiosas tornaram-se ansiosos. Foi o comportamento da

mãe que fez a diferença! Dessa maneira, se o ciclo não for interrompido, mãe ansiosa gera filhote ansioso, que, sendo fêmea, vai ser mãe ansiosa de filhote ansioso etc.

Pesquisas recentes com macacos apresentam resultados na mesma direção. Sabe-se que a falta de relação de apego seguro nos primeiros anos traz consequências para a saúde física e mental, com efeitos que variam de acordo com o gênero (CONTI; HANSMAN; HECKMAN et al., 2012). O grupo de pesquisa liderado por Suomi tem trazido contribuições importantes para a compreensão de fenômenos como ansiedade, alcoolismo, comportamento impulsivo, agressivo e antissocial (DETTMER; SUOMI, 2014). Os pesquisadores descrevem o comportamento de filhotes de macacos separados da mãe ao nascerem e as diferenças observadas quando esses filhotes foram comparados aos que foram criados com a mãe. Filhotes separados precocemente apresentavam padrão de comportamento mais explosivo, alguns com déficits, e, aos 2 anos de idade, essas diferenças eram maiores. Observou-se menos serotonina em diferentes áreas do cérebro e algumas diferenças estruturais. Com relação ao genoma, também foram notadas alterações. Alguns genes eram mais ativados e outros menos (PROVENÇAL; SUDERMAN; GUILLEMIN et al., 2012). Em estudo em que filhotes foram criados somente com seus pares, ao ser introduzido um adulto no grupo, quando tinham entre 6 e 7 meses, mudanças importantes foram observadas. As brigas entre os filhotes cessaram. As alterações não ocorreram apenas com relação ao comportamento, mas também no índice de cortisol, na expressão dos genes e na metilação. Houve alteração na expressão de alguns genes e a diferença que havia entre esse grupo e o grupo de controle desapareceu. Os pesquisadores chamam atenção para o fato de que a intervenção mudou a metilação um ano depois. Padrões foram reversíveis!

Assim, bebês filhos de mães que passaram por vivências traumáticas ou depressão podem *nascer* com alterações, se comparados a bebês

de mães que não passaram por essas situações adversas. Bebês/crianças que passaram por situação de estresse intenso, negligência ou abuso (físico, sexual e/ou emocional) podem *desenvolver* alterações epigenéticas. Como o desenvolvimento neural continua até os 20 anos e diferentes regiões do cérebro amadurecem em épocas distintas, há relação entre o momento e a intensidade da vivência de situação adversa (estresse) e possível consequência, como patologias e transtornos do desenvolvimento (LUPIEN; MCEWEN; GUNNAR; HEIM, 2009). O resultado da exposição ao estresse depende da intensidade do estresse e do estado de maturação da região do cérebro. Os circuitos se adaptam bem ou mal ao ambiente adverso, como negligência socioemocional, abuso e experiências traumáticas. Isso pode resultar em sistemas neuronais disfuncionais, que podem desencadear transtorno mental ou provocar respostas adaptativas e resiliência para situações de estresse no futuro (BOCK; RETHER; GROGER et al., 2014).

Adversidades na vida precoce podem promover cicatrizes em áreas pré-frontais e límbicas, regiões essenciais para o controle de emoções, aprendizagem, memória e tomada de decisão. O estresse prejudica a regulação entre córtex pré-frontal e sistema límbico, delicada no adolescente, ainda em processo de formação. O que difere uso, abuso e dependência é justamente essa capacidade de conter impulso e avaliar a situação para tomar a melhor decisão. Yan e cols. (2013) afirmam que disfunções no córtex pré-frontal relacionadas a avaliação, regulação emocional e tomada de decisões precedem o abuso de drogas. A presença de fatores genéticos (sistema dopaminérgico e serotoninérgico) e ambientais, como negligência, abuso (físico, sexual e/ou emocional) e estresse, contribuiriam para alguns indivíduos serem mais propensos a ter problemas com uso de drogas do que outros.

Assim, se nos adolescentes é natural maior impulsividade e exposição a risco, quando há adversidades na vida precoce, os riscos de consequências negativas ou de presença de

psicopatologia são ainda maiores. Esses fatores devem ser ressaltados quando se pensa em prevenção, principalmente para interromper a cadeia epigenética.

### **Prevenção de dependências**

A prevenção de dependências se dá em ações que propiciem a formação de indivíduos que atravessem as diferentes etapas da vida e suas adversidades podendo fazer escolhas sensatas, que tenham maior capacidade de resistir à gratificação imediata. Para tanto, esses indivíduos têm que conseguir parar e pensar para escolher; querer se cuidar; ter por que esperar por recompensa futura. A presença de projetos, sonhos e esperança favorece a capacidade de suportar frustração e persistir (OLIVEIRA, 2005). Isso se constrói na relação com o outro, após terem humanizado os arquétipos da grande mãe e do pai, tendo estruturado bem os papéis matriarcal e patriarcal, sendo capazes de serem bons “pais” e “mães” de si mesmos (GALIAS, 2003).

Bebês, quando pequenos, precisam de contingência perfeita e, conforme crescem, é importante a contingência imperfeita. Em boa medida, estresse pode provocar respostas adaptativas e resiliência para situações de estresse no futuro. Trata-se de um processo contínuo de autonomia progressiva em que a presença do outro é fundamental. Adolescentes precisam testar seus limites, se diferenciar de seus pais e encontrar sua identidade. Para tanto, é necessária a presença de pessoas significativas nessa fase conflituosa, acolhendo e dando parâmetros, permitindo crescimento e desenvolvimento. No entanto, frequentemente, pais e educadores não estão disponíveis ou, então, não sentem segurança para impor limites aos adolescentes. Faltam figuras que inspirem respeito ou, pelo contrário, que suportem os questionamentos dessa fase e ajudem a conferir significado às experiências. Nesse mundo em permanente transição, os valores andam confusos, faltam referências e muitos adolescentes sentem-se perdidos. Alguns tentam expressar sua angústia por meio de atuações as mais

diversas, enquanto outros tentam aplacá-la por meio do prazer imediato proporcionado pelo uso de substâncias ou pela prática de outros comportamentos que proporcionam essa sensação. Nem sempre acreditam que vale a pena lutar pelo que querem. O objetivo é logo banalizado ou é uma meta idealizada e inatingível. Há adolescentes que não encontram motivos pelos quais fazer sacrifícios. Ou então, que não sabem que é necessário fazer sacrifícios, pois têm tudo à mão, ou, ainda, que acreditam nas imagens de sucesso fácil que consomem nas mais diversas mídias. Portanto, é importante resgatar a jornada do herói, que tem que enfrentar batalhas e acender o prazer em conquistar desafios. O arquétipo do herói deve entrar em cena, auxiliando a enfrentar adversidades sem sucumbir; a criar estratégias e propiciar um diálogo equilibrado entre eros e logos para transcender os polos opostos, encontrar alternativas, inaugurar o novo. A presença do adulto – estimulando esse processo, testemunhando, compartilhando sua própria experiência, reconhecendo a dificuldade do adolescente e conferindo sentido – contribui para que ele persista no seu caminho de individuação.

### **Considerações finais**

Adolescentes são mais vulneráveis a abuso e dependência devido à própria fase de desenvolvimento em que se encontram. Adversidades sofridas durante a gestação e/ou primeira infância podem deixar marcas e prejudicar os sistemas envolvidos no processo de tomada de decisão, sensíveis nessa época da vida. A consciência de que adversidades provocam mudanças na expressão de determinados genes – que, por sua vez, produzem alterações de comportamento ou até quadros psiquiátricos que podem ser transmitidos de uma geração a outra – realça a necessidade de intervenções que possam tratar, reverter ou, pelo menos, minimizar esses danos. Epigenética e individuação, os genes se expressam respondendo ao ambiente e cada um vai se desenvolver de maneira singular. Saber que o vínculo tem papel fundamental nesse processo faz

toda a diferença. Intersubjetividade e comunicação não verbal acontecem o tempo todo. Ter isso em mente é importante para fazer bom uso dessa habilidade e estimular momentos de atenção ao outro. Resgatar o papel fundamental de encontros significativos é imprescindível para fazer frente à tendência atual de cuidado terceirizado e comunicação por texto e imagem, via tecnologia.

Exclusão gera exclusão, indiferença gera indiferença, violência gera violência. Assim, é necessário romper esse padrão. Atenção pode gerar atenção. Humanizar o arquétipo da grande mãe para o cuidado e o arquétipo do pai para a discriminação é fundamental, e isso se dá por meio de investimento nos vínculos. É muito valorizada e divulgada a importância de oferecer estímulos adequados às crianças e oportunidades de aprendizagem, mas o aspecto básico do contato, do encontro e da qualidade do vínculo vem sendo negligenciado.

A vida é feita de encontros. Encontros transformam! Esses estudos chamam atenção também para a importância do trabalho do analista. Análise é encontro por excelência; encontro em local e horário determinado, em vaso fechado que possibilita uma intimidade singular. Falar de si para um desconhecido, o sujeito suposto saber, como definido por Lacan, que ocupa um lugar, mas que pode exercer diferentes funções de acordo com o caso e com o momento. Pode ser a mãe suficientemente boa, o pai que discrimina, o irmão que compartilha. Encontros que ajudam a instaurar a capacidade de pensar e a traduzir o que não pode ser dito, que conferem significado à experiência e ajudam o indivíduo a encontrar sentido na vida. Encontros que favorecem

o desenvolvimento da singularidade de cada indivíduo, que contribuem para a individuação.

Vivemos em um país marcado pela violência, desigualdade, pobreza, má condição de educação. Um cenário em que é comum gravidez precoce, negligência, abuso de álcool e outras drogas, enfim, uma série de fatores que contribuem para manter o ciclo de violência e patologia. Esses estudos ressaltam a necessidade de se investir em cuidados básicos para interromper esse ciclo. Campanhas de prevenção de gravidez na adolescência, acompanhamento pré-natal, orientação para amamentação e garantia de um ambiente com condições para pais poderem cuidar de seus filhos são fundamentais. Preparar educadores para terem a noção de que a qualidade do vínculo vai imprimir uma marca que pode mudar o curso da história da criança passa a ser imprescindível. Resgatar o valor da participação na vida familiar durante todo o percurso, desde a gestação até a adolescência, ressaltando a importância da presença, do modo de estar com o outro, não só corpo presente e cabeça distante, como o uso de celulares denuncia, parece tarefa óbvia, mas não é.

É importante ressaltar que qualquer atividade pode ser pretexto para promover essa oportunidade de encontro significativo, que ajuda a constituir um sujeito com identidade própria. Portanto, prevenção começa em casa e continua vida afora, uma vez que pode ser realizada por todos, pois se trata de humanizar os arquétipos por meio de vivências significativas, que não se restringem a de pais e filhos, analistas e analisandos. Todo encontro pode ter papel decisivo! ■

Recebido em: 16/12/2016

Revisão: 26/5/2017

## Abstract

### *Prevention starts at home: contributions from neuroscience*

*The increase of drug abuse and of other behaviors that can lead to addiction are evident in contemporary world, as well as the difficulties related to addiction treatment. Neuroscience data can contribute to the prevention of this pathology. The present paper shows the importance of the decision-making process in addiction, focusing in the adolescent brain and emphasizing the role of intersubjectivity in the development. Recent studies describing epigenetic alterations related to early life adversities are presented, including data revealing that*

*some alterations can be reverted by the quality of the bond with the caregiver. Prevention is discussed as an action that begins at home with the humanization of the great mother and the father archetypes and continues throughout life, once adversities can contribute to generate symptoms or resilience, depending on the stress intensity, the maturity level of the nervous system and the relationship between the child and the caregiver, being them parents, educators, friends, analysts or whoever the child can establish a significant relationship with. ■*

Keywords: addiction, prevention, development, archetype, epigenetic.

## Resumen

### *La prevención comienza en casa: aportaciones de la neurociencia*

*El aumento del uso de drogas y otras conductas que causan dependencia es evidente en el mundo contemporáneo, así como las dificultades relacionadas con el tratamiento de las adicciones. Los datos de la neurociencia pueden contribuir a dar subsidios para prevenir esta patología. El presente trabajo muestra la importancia del proceso de toma de decisiones en adicción, se centra en el cerebro de los adolescentes y enfatiza el papel de la intersubjetividad en el desarrollo. Se presentan estudios recientes que describen alteraciones epigenéticas relacionadas con las adversidades sufridas en la vida temprana y se incluyen*

*datos que revelan que algunas alteraciones pueden ser revertidas por la calidad de vínculo con el cuidador. La prevención se discute como una acción que comienza en casa con la humanización de los arquetipos de la gran madre y del padre, y continúa a lo largo de la vida, ya que las adversidades pueden contribuir a generar síntomas o resiliencia, dependiendo de la intensidad del estresor, la madurez del sistema nervioso y la relación entre el niño y su cuidador, sean padres, educadores, amigos, analistas o cualquier otra persona con la que el niño pueda establecer una relación significativa. ■*

Palabras clave: adicción, prevención, desarrollo, arquetipo, epigenética.

## Referências bibliográficas

- BAUMAN, Z. O mal-estar da pós-modernidade. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.
- BOCK, J.; RETHER, K.; GRÖGER, N.; XIE, L.; BRAUN, K. Perinatal programming of emotional brain circuits: an integrative view from systems to molecules. *Frontiers in neuroscience*, v. 8, p. 1-11, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.3389/fnins.2014.00011>. Acesso em: 17 mai. 2015.
- CAO-LEI, L.; MASSART, R.; SUDERMAN, M. J. et al. DNA methylation signature triggered by prenatal maternal stress exposure to a natural disaster: Project Ice Storm. *Plos One*, v. 9, n. 9, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0107653>. Acesso em: 17 mai. 2015.
- CASEY, B. J.; JONES, R. M.; SOMERVILLE, L. H. Braking and accelerating of the adolescent brain. *Journal of Research on Adolescence*, v. 1, n. 21, p. 21-33, 2011. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC3070306/>. Acesso em: 5 mai. 2015.
- CASEY, B. J.; CAIDLE, K. The teenage brain: self control. *Current directions in psychological science*, v. 22, n. 2, p. 82-87, 2013. Disponível em: <http://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/0963721413480170>. Acesso em: 5 mai. 2015.
- CONTI, G.; HANSMAN, C.; HECKMAN, J. J.; NOVAK, M. F. X.; RUGGIERO, A.; SUOMI, S. J. Primate evidence on the late health effects of early-life adversity. *PNAS*, v. 109, n. 23, p. 8866-8871, 2012. Disponível em: <http://www.pnas.org/content/109/23/8866>. Acesso em: 17 mai. 2015.
- DAMÁSIO, A. Em busca de Espinosa: prazer e dor na ciência dos sentimentos. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- DETTMER, A.; SUOMI, S. J. Nonhuman primate models of neuropsychiatric disorders: influences of early rearing, genetics, and epigenetics. *ILAR Journal*, v. 55, n. 2, p. 361-370, 2014. Disponível em: <https://academic.oup.com/ilarjournal/article/55/2/361/645985/Nonhuman-Primate-Models-of-Neuropsychiatric>. Acesso em: 10 mai. 2015.
- EIGSTI, I.-M.; ZAYAS, V.; MISCHÉL, W. et al. Predicting cognitive control from preschool to late adolescence and young adulthood. *Psychological Science*, Washington DC, v. 17, n. 6, p. 478-484, 2006.
- GALIAS, I. Pais e filhos: uma rua de mão dupla. *Junguiana*, São Paulo, n. 21, p. 69-80, 2003.
- JUNG, C. G. Símbolos da transformação. Tradução Eva Stern. Petrópolis, RJ: Vozes, 1989. (Obras completas de C. G. Jung, v.5).
- LUPIEN, S. J.; MCEWEN, B. S.; GUNNAR, M. R.; HEIM, C. Effects of stress throughout the lifespan on the brain, behavior and cognition. *Nature Reviews Neuroscience*, v. 10, n. 6, p. 434-45, 2009. Disponível em: <http://www.nature.com/nrn/journal/v10/n6/abs/nrn2639.html>. Acesso em: 02 dez. 2015.
- MEANEY, M. J.; SZYF, M. Environmental programming of stress response through DNA methylation: life at the interface between a dynamic environment and a fixed genome. *Dialogues in Clinical Neuroscience*, Paris, n. 7, p. 103-123, 2005.
- MISCHÉL, W., SHODA, Y.; RODRIGUEZ, M. I. Delay of gratification in children. *Science*, Washington DC, v. 244, n. 4907, p. 933-338, 1989.
- MONK, C.; SPICER, J.; CHAMPAGNE, F. A. Linking prenatal maternal adversity to developmental outcomes in infants: the role of epigenetic pathways. *Development and Psychopathology*, v. 24, n. 4, p. 1361-1371, 2012. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC3730125/>. Acesso em: 15 mai. 2015.
- NESTLER, E. J.; MALENKA, R. C. The addicted brain. *Scientific American*, New York, v. 290, n. 3, p. 78-85, 2004.
- OLIVEIRA, M. P. M. T. Dependências: o homem a procura de si mesmo. São Paulo: Ícone, 2005.
- OLIVEIRA, M. P. M. T. Internet e o risco da desmedida. *Junguiana*, São Paulo, v. 32, n. 1, p. 30-38, 2013.

- PALMINI, A. A tomada de decisão e as patologias da vontade: o cérebro em constante conflito. In: GIGLIOTTI, A.; GUIMARÃES, A. Dependência, compulsão e impulsividade. Rio de Janeiro: Rubio, 2007. p. 1-7.
- PROVENÇAL, N.; SUDERMAN, M. J.; GUILLEMIN, C. et al. The signature of maternal rearing in the methylome in rhesus macaque prefrontal cortex and T cells. *The Journal of Neuroscience*, v. 32, n. 44, p. 15626-15642, 2012. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/23115197>. Acesso em: 17 mai. 2015.
- RIZZOLATTI, G.; ARBIB, M. A. Language within our grasp. *Trends in neurosciences*, Cambridge, MA, v. 21, n. 5, p.188-194, 1998.
- SAÑUDO, A.; ANDREONI, S.; SANCHEZ, Z. M. Polydrug use among nightclub patrons in a megacity: a latent class analysis. *International Journal of Drug Policy*, 2015. Disponível em: <http://www.baladacomciencia.com.br/images/arquivos/Sanudo%20et%20al%202015%20IJDP.pdf>. Acesso em: 2 nov. 2015.
- STERN, D. N. *The interpersonal world of the infant*. Nova York: Basic Books, 2000.
- STERN, D. N. *O momento presente na psicoterapia e na vida cotidiana*. Rio de Janeiro: Record, 2004.
- TREMBLAY, R. E. Developmental origins of disruptive behavior problems: the 'original sin' hypothesis, epigenetics and their consequences for prevention. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, London, v. 51, n. 4, p. 341-367, 2010.
- VERDEJO-GARCÍA, A.; BECHARA, A. A somatic-marker theory of addiction. *Neuropharmacology*, v. 56, n. 1, p. 48-62, 2009. Disponível em: [http://www.fafich.ufmg.br/cogvila/crianca\\_adolescente/bechara\\_2008.pdf](http://www.fafich.ufmg.br/cogvila/crianca_adolescente/bechara_2008.pdf). Acesso em: 23 mai. 2015.
- YAN, W.-S.; LI, Y.-H.; XIAO, L.; ZHU, N.; BECHARA, A.; SUI, N. Working memory and affective decision-making in addiction: a neurocognitive comparison between heroin addicts, pathological gamblers and healthy controls. *Drug and Alcohol Dependence*, v. 134, p. 194-200, 2013. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/24268669>. Acesso em: 23 mai. 2015.



# Imagem corporal e gravidez

Bárbara Gabriel Capecce Petribú\*  
Martin Antonio Borges Alvarez Mateos\*\*



## Resumo

Este artigo visa refletir sobre as mudanças da imagem corporal na mulher durante a gravidez, colocando em foco alguns dos paradoxos desse aspecto da gestação.

A gravidez é um dos grandes momentos de transformação na vida de uma mulher. Essa realidade profundamente mobilizadora traz em si uma contradição tamanha: o corpo da gestante, ao passo que se torna o receptáculo de uma nova vida, sofre transformações marcantes.

As mudanças na imagem corporal envolvidas nesse processo são intensas para qualquer mulher, mas podem ser extremamente perturbadoras para aquelas que possuem feridas narcísicas refletidas na formação de sua imagem corporal; principalmente pelo papel que o corpo ocupa na atualidade.

Com isso, a gestação deixa de se sustentar como um processo integrativo e se torna um campo de oposições simbólicas de natureza conflituosa. ■

**Palavras-chave**  
Gravidez,  
imagem corporal,  
feminino.

\* Psicóloga graduada pela Universidade Presbiteriana Mackenzie, psicóloga colaboradora do Programa de Atenção aos Transtornos Alimentares – Proata/Unifesp.  
E-mail: <barbara.capecce@gmail.com>

\*\* Médico psiquiatra graduado pela Escola Paulista de Medicina/ Universidade Federal de São Paulo – EPM/Unifesp, coordenador do Ambulatório de Psico-Oncologia e Interconsulta Psiquiátrica do A. C. Camargo Cancer Center e trainee do curso de formação de analistas da Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica – SBPA.  
E-mail: <m.alvarezmateos@gmail.com>

## Imagem corporal e gravidez

### Introdução

Jung conceitua sua definição de imagem da seguinte maneira:

Uma entidade psíquica só pode ser um conteúdo consciente, isto é, só pode ser representada quando é representável, ou seja, precisamente quando possui qualidade de imagem. Por isso chamo imagens a todos os conteúdos conscientes porque são reflexos de processos que ocorrem no cérebro. (JUNG, 2013, par. 608).

Dessa forma, para Jung, o corpo é essencial para o processo de tomada de consciência. Ele é portador de imagens profundamente arraigadas à nossa identidade. É por meio dele que nos relacionamos com o mundo desde o primeiro instante e por onde recebemos e assimilamos todos os estímulos da realidade.

O corpo e a psique são prerrogativas indissociáveis para o processo de individuação. Eles se relacionam de forma íntima e interdependente na constante revelação de imagens pela e para a consciência. Esse dinamismo, que possibilita o desenvolvimento e as transformações das identidades individuais, pode ser mais ou menos intensificado, a depender das condições externas e internas a que estamos submetidos. Nesse sentido, condições que interferem diretamente nas imagens que fazemos do nosso próprio corpo podem ser profundamente mobilizadoras, dado que despertam símbolos relacionados a núcleos centrais de nossa identidade.

Paul Schilder, no início do século XX, estudou intensamente a questão da imagem corporal, procurando integrar seus aspectos psicológicos e neurológicos. O autor define a imagem do corpo humano como: “[...] a figuração de nosso corpo formada em nossa mente, ou seja, o modo pelo qual o corpo se apresenta para nós” (SCHILDER, 1999).

Segundo o autor, o aspecto social da imagem corporal teria um peso significativo em relação aos nossos comportamentos, pois engloba a inter-relação entre a imagem corporal do indivíduo e a compreensão do corpo pela sociedade.

O corpo é nosso interlocutor nas relações sociais. É por meio dele que comunicamos os mais diversos conteúdos internos ao ambiente. O modo como essa comunicação acontece depende diretamente, dentre outras coisas, da qualidade do “veículo”, que pode mudar de acordo com a imagem corporal que temos de nós mesmos.

Rauter (2013) aponta que o contexto contemporâneo torna a relação descrita acima ainda mais complexa, pois, na conjuntura social atual, o corpo passa a ser manipulado como forma de suprir a fragilidade dos vínculos interpessoais, deixando de ser visto como parte integrante do indivíduo e passando a ser visto como o indivíduo em si. “O corpo passa a ser um objeto privilegiado de investimento, porque é nele que a identidade passa a se dar” (RAUTER, 2013).

Nesse cenário, a gravidez, que inerentemente determina alterações de ordem fisiológica, libidinal e de papéis sociais na mulher, assenta-se como uma condição intensamente mobilizadora da relação entre corpo e psique, entre indivíduo e sociedade e entre as imagens corporais expressas ao longo do processo, que podem oscilar “desde sentimentos de orgulho e fecundidade até a sensação de deformação e rejeição do corpo” (RODRIGUES, 2008).

### Imagem corporal

Paul Schilder foi um dos grandes pensadores sobre imagem corporal e, no seu livro *A imagem do corpo: as energias construtivas da psique*, publicado inicialmente em 1950, elenca diversas proposições a respeito da imagem corporal, nas quais fica patente a relevância dada pelo autor ao impacto das variáveis sociais na construção da imagem corporal.

Ele descreve os fenômenos psicológicos responsáveis pela diferenciação das imagens corporais individuais e coletivas:

Há um intercâmbio contínuo entre partes de nossa imagem corporal e das imagens corporais dos outros. Há projeção e personificação. (SCHILDER, 1999).

Ele assinala, ainda, os processos que levam à indiscriminação entre essas imagens coletivas e pessoais:

Mas, além disto, podemos nos apoderar de toda a imagem corporal de outra pessoa (identificação) ou entregar nossa imagem corporal como um todo. As imagens corporais das outras pessoas e suas partes podem ser inteiramente integradas à nossa e formar uma unidade, ou podem ser simplesmente adicionadas à nossa imagem corporal, formando uma mera somatória. (SCHILDER, 1999, p. 266).

Levando-se em conta o momento atual, caracterizado por Rauter (2013) e Bauman (1998, 2005, 2009) como o tempo da “modernidade líquida”, podemos perceber as influências que se dão entre a visão de mundo contemporânea e o psiquismo individual, no que tange a relação dos indivíduos com o corpo.

Segundo Rauter,

a liquidez que adjectiva esse momento se refere ao caráter fluido, inconstante, mutável dos valores, hábitos, sentimentos e tudo que diz respeito à vida, incluindo os vínculos interpessoais. (RAUTER, 2013)

Ao participar dessa “liquidez”, que retrata uma sociedade materialista/individualista extremamente dual, baseada em valores instáveis, materialistas, de consumo desenfreado e distante da perspectiva simbólica da realidade, o indivíduo sente a necessidade de buscar algum grau de controle, recorrendo ao corpo (LE BRETON,

2009; ORTEGA, 2008 apud RAUTER, 2013).

Há um jogo entre o homem e seu corpo no duplo sentido do termo. Uma versão moderna do dualismo não opõe mais o corpo ao espírito ou à alma, porém, mais precisamente, ao próprio sujeito. O corpo não é mais apenas, em nossas sociedades contemporâneas, a determinação de uma identidade intangível, a encarnação irredutível do sujeito, o ser-no-mundo, mas uma construção, uma instância de conexão, um terminal, um objeto transitório e manipulável suscetível de muitos emparelhamentos. (LE BRETON, 2003, p. 27).

Compreendendo, então, o corpo como um acessório, um fator fronteiro que difere uma pessoa da outra, é compreensível que o homem contemporâneo atue na realidade de forma dual, dissociado do seu aspecto numinoso, tendo, portanto, como foco singular de investimento, o corpo em si (LE BRETON, 2007).

Nessa relação dual e dissociada, indivíduos que são carentes de contato com sua individualidade buscam como referência a imagem corporal do outro, prioritariamente nas figuras públicas e midiáticas, das quais pouco se sabe além da forma física. O que acontece é o que Schilder denomina identificação: esses indivíduos acabam por se apoderar da imagem corporal das figuras públicas em sua totalidade, tomando-as como um ideal. Assim, “o eixo do eu é empurrado para fora” (BIZERRIL, 2011; SIBILIA, 2008 apud RAUTER, 2013) e a capacidade de discriminação do indivíduo fica prejudicada.

Ao considerarmos particularmente o universo feminino em nosso contexto atual, é possível notar uma relação ainda mais delicada do indivíduo com a imagem corporal. O padrão idealizado de beleza que supervaloriza o *corpo-acessório* (LE BRETON, 2006 apud RAUTER, 2013) magro, alto e torneado é perseguido insistentemente por meio de dietas, exercícios físicos excessivos, tratamentos estéticos, plásticas e outras intervenções no corpo.

A mulher contemporânea, que se encontra fixada e imersa nesse complexo, mantém-se numa luta árdua, contínua e repleta de frustrações, apegada compulsivamente à busca de um ideal que, recorrentemente, nega o corpo real.

### **Gravidez**

A gravidez, por sua vez, é um dos grandes ritos de passagem passíveis de vivência da mulher. Além do climatério e da adolescência, o período de gestação é caracterizado por uma fase de:

[...] transição biologicamente determinada, caracterizada por mudanças complexas, em um estado temporário de equilíbrio instável, devido às grandes perspectivas de mudanças envolvidas nos aspectos de papel social, necessidades de novas adaptações, reajustamentos interpessoais, intrapsíquicos e mudanças de identidade. (MALDONADO, 1997, p. 22-23 apud RODRIGUES, 2008, p. 148).

Do ponto de vista psicológico, a condição de gestante mobiliza os mais diversos campos arquetípicos na mulher. É possível experimentar essa realidade a partir do paradigma da busca por sentir-se completa, da tentativa de cumprir uma expectativa social e/ou familiar, do sonho de vivenciar um amor materno idealizado e incondicional, de garantir a manutenção de sua continuidade na posteridade ou, ainda, da constatação de uma sina que se impõe à sua condição física de mulher.

Ao engravidar, a mulher será convidada a rever seus papéis e lugares no mundo. Alguns deles serão descartados, pois perderão a função, e outros terão de ser ressignificados.

Nessa revisão, um mecanismo contínuo de dissolução e coagulação se estabelece, sendo a mulher, ao mesmo tempo, a alquimista e o material. Em cada dissolução, as mais diversas facetas da mulher são fragmentadas. Quando coagulam, por outro lado, surge algo novo, que não é apenas a junção das partes anteriormente separadas. Esse movimento, apesar de ser

um *continuum* ao longo de toda a vida, é vivenciado de forma extremamente condensada durante a gravidez. Sua intensidade pode, por vezes, causar uma permanência nessa dissolução, levando a gestante a condições patológicas muito variáveis (MERLEAU-PONTY, 2006 apud SCARABEL, 2011).

Esse movimento entre perspectivas polarizadas traz para a gestante a oportunidade de recordar as mais diversas vivências como filha e de ressignificar os símbolos associados ao matriarcal, que emergirão de conteúdos arquetípicos inerentes a esse momento de vida. O vínculo estabelecido nos primeiros anos de vida entre a gestante e sua mãe, por exemplo, será o ponto de partida para a relação mãe-bebê que se inicia.

É comum, no entanto, que essa relação primária possua as mais diversas falhas e, por consequência, a gravidez é, via de regra, potencialmente palco de reedições dos mais saudáveis aos mais patológicos padrões de maternagem. Para nos atermos ao tema do artigo, manteremos na discussão apenas questões relacionadas às mudanças na imagem corporal durante esse processo.

### **Discussão**

As mudanças corporais e a intensidade da vivência de estar gerando dentro de si uma nova vida são inerentes ao processo de gestação. Por consequência, sentir certo estranhamento em relação à imagem corporal nessa fase é perfeitamente natural.

Entretanto, com as mudanças culturais deste nosso século, que incluem o corpo como centro da identidade e sua supervalorização (RAUTER, 2013), as fronteiras entre o que seria um estranhamento natural e algo exacerbado tornam-se tênues.

O corpo perde o status de parte integrante do ser, isto é, deixa de reconhecer o contato com o instintivo e com a alma para ser apenas um “corpo-acessório”, direcionando, majoritariamente, a energia psíquica para o que se refere ao concreto. Dessa forma, tudo aquilo que pertence a uma

esfera anímica e que não é relacionado ao físico é percebido como aterrorizador.

Marion Woodman conseguiu explicar de forma belíssima as consequências dessa falta de equilíbrio entre corpo e alma:

Os bons marujos [...] constroem um ego forte o suficiente para fluir com o poder do vento e da vaga. E esse ego só pode ser forte o bastante se tiver o apoio da sabedoria do corpo, cujas mensagens estão em contato direto com os instintos. Sem essa interação entre espírito e corpo, o primeiro sempre cairá em armadilhas. No exato momento em que poderia alçar voo, é despotencializado pelo medo e pela falta de confiança, pois não pode contar com suas raízes instintivas nem mesmo para sobreviver. Sem essas raízes, o corpo é percebido como inimigo. Como um barco sem leme, rodopiando em círculos nas garras do pânico, o marinheiro pode ser arrastado para o vórtice da paralisia ou do terror. Se, por outro lado, espírito e corpo estiverem em sintonia, cada um complementa o outro com sua forma especial de sabedoria. (WOODMAN, 2002, p. 12).

Na gestação, quando o corpo e o espírito estão em sintonia, o sacrifício da autonomia e do controle do próprio corpo é aceito em nome da vida do filho, que se forma em seu ventre. Para isso, é necessário uma conexão com o que há de mais instintivo, o arquétipo materno. Para mulheres em que essa sintonia não ocorre, devido, por exemplo, ao deslocamento do ego para o “corpo-acessório”, o sacrifício não é vivido como uma escolha; ele é uma invasão voraz, que leva a uma dissolução da imagem corporal como até então conhecida e, portanto, com sérios riscos de uma dissolução maciça do ego até as baías da psicose.

As dificuldades em internalizar e incorporar as mudanças na imagem corporal durante a gravidez são compreensíveis. A barriga cresce, os membros incham, o cabelo, a pele, as unhas, o humor, enfim, tudo muda. Se não bastassem essas

mudanças em si, fervejam também nas mídias sociais dietas, planos de exercícios, orientações a serem seguidas pelas gestantes para alcançar um padrão corporal socialmente estabelecido (como, por exemplo, “grávidas saradas” ou “grávidas fitness”) ou, então, uma imposição de que, tão logo a mulher dê à luz, já deve recuperar/obter um corpo esbelto.

Mulheres que tiveram lacunas na construção de sua imagem corporal podem se identificar maciçamente com esses exemplos e persegui-los como ideais. Não raro, essas gestantes exigem de si mesmas um padrão que, para a maioria das mulheres, é inatingível e, por vezes, antinatural.

O foco de suas experiências diárias na dieta, nas medidas e nos exercícios acaba sendo uma forma de se defender dos conteúdos anímicos da gravidez. Internamente, o medo do inconsciente e da invasão desses conteúdos sustenta essas “defesas psíquicas”, ao passo que, externamente, a contemporaneidade e o culto ao corpo reforçam tais mecanismos.

Certamente, são infinitas e singulares as formas de experimentar a gestação. Do deleite do mais puro amor à ameaça de invasão e perda de controle, cada mulher explorará esse campo arquetípico a seu modo. Uma mulher receptiva à gestação pode acolher e “emprestar” seu continente anímico para o desenvolvimento das potencialidades arquetípicas do bebê. Uma mãe que, no entanto, teve problemas com a humanização do arquétipo materno em seu desenvolvimento pode entender esse processo como algo ameaçador, desorganizador ou desajustado.

Em casos com esse tipo de limitação, nos parece que a consciência da gestante, sem recursos para relacionar-se com o mundo através de dinâmicas de alteridade, assimila a experiência da gravidez de forma iminentemente persecutória. O germinar de um novo Self/ego no seu interior é percebido como uma invasão, que concorre com suas demandas individuais e fomenta defesas narcísicas que se explicitam no aumento patente da preocupação com a imagem corporal e nos esforços frenéticos para manter seu corpo dentro

do padrão desejado por ela e reforçado pela visão de mundo em que está inserida.

Em suma, as possíveis feridas narcísicas no desenvolvimento e as expressões arquetípicas distorcidas da maternagem impossibilitam certas mulheres de se conectarem com preciosos materiais inconscientes, símbolos do matriarcal, carregados de potencialidades nutridoras, acolhedoras e protetivas.

O desafio da psicoterapia, a partir do recorte que aqui é proposto, estaria na possibilidade de

retomada do corpo como parte integrante e indissociável do ser e o fortalecimento egoico para o enfrentamento dos sacrifícios necessários neste ritual de tornar-se mãe, permitindo a experimentação de uma relação integradora dos símbolos matriarcais e favorecendo, portanto, a relação mãe-bebê que advém desse processo e que será parcialmente responsável pela construção da imagem corporal de um novo ser. ■

Recebido em: 6/3/2017

Revisão: 26/5/2017

## Abstract

### *Body image and pregnancy*

*This article reflects on the body image changes of women during pregnancy focusing on some paradoxes of this aspect of gestation.*

*Pregnancy is one of the most important transformational moments in a woman's life. This profoundly mobilizing period brings in itself the contradiction of turning the body into a vessel for a new life and leading it to experience astonishing transformations. Changes in the body*

*image associated to pregnancy are intense for all women, but they can be extremely disturbing for those who have narcissistic wounds reflected in the formation of their body image, mainly by the role of the body in the present society.*

*In these cases, gestation ceases to be an integrative process and becomes a field of symbolic oppositions of a conflicting nature. ■*

Keywords: pregnancy, body image, female.

## Resumen

### *Imagen corporal y embarazo*

Este artículo tiene como objetivo reflexionar sobre los cambios en la imagen corporal en las mujeres durante el embarazo, y poner de relieve algunas de las paradojas de este aspecto de la gestación.

El embarazo es uno de los grandes puntos de transformación en la vida de una mujer. Esta realidad profundamente movilizadora trae consigo una contradicción: el cuerpo de la madre, mientras se convierte en el receptáculo de una nueva vida, sufre una transformación notable.

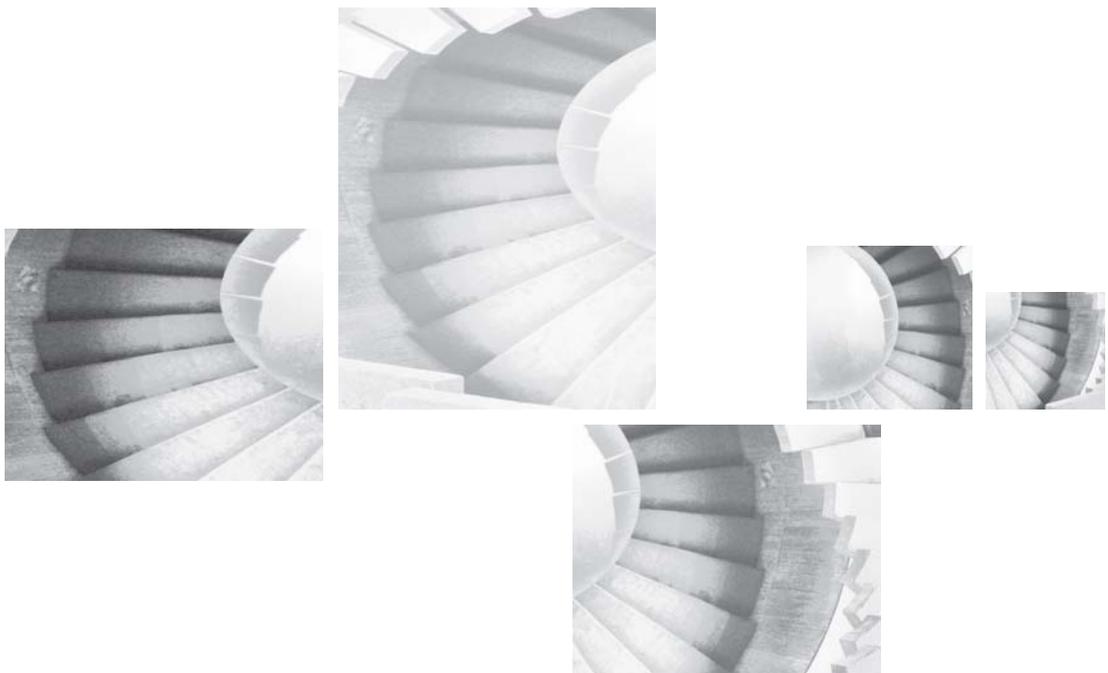
Los cambios en la imagen corporal involucrados en este proceso son intensos para cualquier mujer, pero puede ser muy perturbador para aquellas con heridas narcisistas reflejadas en la formación de su imagen corporal; especialmente por el papel que el cuerpo ocupa en la actualidad.

Con ello, el embarazo deja de sostenerse a sí mismo como un proceso integrador y se convierte en un carácter simbólico, campo de la oposición de confrontación. ■

Palabras clave: embarazo, imagen femenina, el cuerpo.

## Referências bibliográficas

- BUENO, I. A. F.; CHAGAS, L. F. Relações arquetípicas entre a *anima* de Carl Jung e a figura da Deusa primordial. Cadernos Junguianos/Associação Junguiana do Brasil, São Paulo, v. 12, n. 12, p. 72-89, set. 2016.
- DAMASCENO, V. O.; VIANNA, V. R. A.; VIANNA, J. M.; LACIO, M.; LIMA, J. R. P.; NOVAES, J. S. Imagem corporal e corpo ideal. Revista Brasileira Ciência e Movimento, 14(1), p. 87-96, 2006. Disponível em: [https://www.researchgate.net/profile/Vinicius\\_Damasceno/publication/236019947\\_Imagem\\_corporal\\_e\\_corpo\\_ideal/links/0c960531add4bd3b16000000.pdf](https://www.researchgate.net/profile/Vinicius_Damasceno/publication/236019947_Imagem_corporal_e_corpo_ideal/links/0c960531add4bd3b16000000.pdf). Acesso em: 04 mar. 2017.
- GRAZI, F. L. B. A eterna criança: autoestima e individuação. Cadernos Junguianos/Associação Junguiana do Brasil, São Paulo, v. 12, n. 12, p. 53-71, set. 2016.
- JUNG, C. G. *Mysterium coniunctionis*. 3.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012. (Obras completas de C. G. Jung, v.14/2).
- JUNG, C. G. *A natureza da psique*. 10.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013. (Obras completas de C. G. Jung, v.8/2).
- LE BRETON, D. *Adeus ao corpo: antropologia e sociedade*. Campinas, SP: Papius, 2003.
- LE BRETON, D. *A sociologia do corpo*. 2.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.
- MAURI, R. G. *A imagem corporal e a representação simbólica*. São Paulo: Baraúna, 2010.
- PAIVA, V. *Evas, Marias e Liliths... As voltas do feminino*. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- PARISE, C. L. G. *Quem de dois tira um encontra uma multidão: os outros que nascem em uma mulher com a chegada de um filho*. Monografia-Instituto Junguiano de São Paulo, São Paulo, 2016.
- RAUTER, R. V. *A relação do sujeito contemporâneo com o corpo. Uma reflexão à luz da psicologia analítica*. Instituto Junguiano do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013. Disponível em: <http://www.jung-rj.com.br/artigos/artigoraissavolkerijrj.pdf>. Acesso em: 04 mar. 2017.
- RODRIGUES, C. C. L. *Cheias de graça: gestação e sentimento de plenitude espiritual – a experiência místico-religiosa na gestação, parto e maternidade em dois grupos de mulheres*. Tese (Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciência da Religião)-PUC-SP, São Paulo, 2008. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/2090>. Acesso em: 05 mar. 2017.
- SCARABEL, C. A. *A experiência da puérpera com o parto prematuro e a internação do seu recém-nascido numa unidade de terapia intensiva neonatal: estudo a partir da psicologia analítica*. Dissertação (Mestrado)-Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47131/tde-17042012-113540/pt-br.php>. Acesso em: 04 mar. 2017.
- SCHILDER, P. *A imagem do corpo: as energias construtivas da psique*. 3.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- SECCHI, K.; CAMARGO, B. V.; BERTOLDO, R. B. Percepção da imagem corporal e representações sociais do corpo. *Psicologia: teoria e pesquisa*, Brasília, DF, v. 25, n. 2, p. 229-236, abr-jun 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ptp/v25n2/a11v25n2.pdf>. Acesso em: 04 mar. 2017.
- TAVARES, M. C. G. C. F. *Imagem corporal: conceito e desenvolvimento*. Barueri, SP: Manole, 2003.
- WOODMAN, M. *O vício da perfeição. Compreendendo a relação entre distúrbios alimentares e desenvolvimento psíquico*. São Paulo: Summus, 2002.
- ZIMMERMANN, E (org.). *Corpo e individuação*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.



# O fim da análise\*

Maria Carolina Barrieu\*\*  
Silvana Parisi\*\*\*

## Resumo

O artigo trata do fim da análise, o que não implica em cura, alta ou individuação, pois esta última pode ter continuidade mesmo após o encerramento das sessões. São discutidos os terminos abruptos e que podem mobilizar sentimentos de impotência, fracasso e aspectos da sombra do terapeuta – algumas situações são ilustradas com casos clínicos. O arquétipo da criança e as análises intermináveis também são abordados, assim como a operação alquímica *separatio* em relação ao fim da análise. As imagens do médico e do enfermeiro são utilizadas

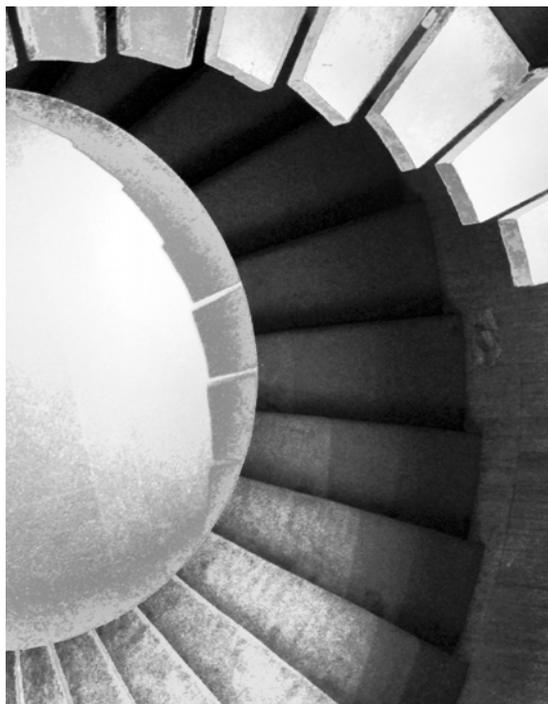
como analogia para o papel do terapeuta: além de curador, cuidador. Por fim, são apresentadas reflexões sobre o mistério que envolve os processos de vida e morte, e dor e sofrimento que afetam os analistas e constituem desafios em seu processo de individuação, na aprendizagem da humildade de conviver com o não saber. ■

**Palavras-chave**  
Análise junguiana,  
fim da análise,  
fracasso,  
individuação,  
sombra.

\*Material apresentado originalmente em português, com o título "O fim da análise", sob a forma de palestra no XXIII Congresso Nacional da AJB: A Práxis Analítica, um evento da Associação Junguiana do Brasil, filiada à International Association for Analytical Psychology, em Ouro Preto (Minas Gerais), 2016.

\*\* Psicoterapeuta junguiana formada pela PUC-SP. Trainee da Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica – SBPA, filiada à International Association for Analytical Psychology – IAAP, em Zurique (Suíça). Aprimorada pela Clínica Psicológica Ana Maria Poppovic – PUC-SP em psicoterapia de casal e família.  
E-mail: <mcbarrieu@gmail.com>.

\*\*\* Psicoterapeuta junguiana formada pela PUC-SP. Trainee do Instituto Junguiano de São Paulo – IJUSP, filiado à Associação Junguiana do Brasil – AJB e à International Association for Analytical Psychology – IAAP, com sede em Zurique (Suíça). Doutora em psicologia pelo Instituto de Psicologia da USP. Coordenadora de curso de expansão no Sedes Sapientiae e professora e supervisora no curso de pós-graduação *latu sensu* Psicoterapia Junguiana da Universidade Paulista – UNIP.  
E-mail: <silparisi@gmail.com>.



## O fim da análise

Este artigo é fruto das reflexões que surgiram em um grupo de estudos formado por psicoterapeutas junguianas, que se reúnem há mais de dois anos para a discussão de temas da atualidade e da prática clínica. Nos encontros, foram levantadas inúmeras questões que constituem o pano de fundo deste artigo. O fim da análise é um tema pouco discutido entre colegas de profissão, uma vez que esbarra na sombra do analista e pode, em algumas de suas facetas, macular a imagem de terapeuta bem-sucedido, bastante trabalhado e consciente, constelando o outro polo do binômio sucesso/fracasso.

De forma a contextualizar “o fim”, objeto do presente artigo, surgem alguns questionamentos, tais como: o fim é quando há cura e acaba o sofrimento? Analistas junguianos podem utilizar o termo alta?

Muito embora ainda levemos em nossa bagagem o modelo médico, Jung aponta um caminho que vai além da cura de neuroses, alívio de sintomas ou adaptação social ao considerar o processo de individuação como meta central da análise. Jung (2000) é bastante claro ao reconhecer que “a análise não é uma cura que se pratica de uma vez para sempre, mas, antes do mais e tão somente, um reajustamento mais ou menos completo” (par. 142). Além disso, o autor também afirma ser improvável que uma terapia elimine todas as dificuldades, as quais são necessárias, uma vez que o objetivo da análise não é o estado de felicidade, mas possibilitar ao paciente “suportar” o sofrimento (JUNG, 1981, par. 185). Em seu entendimento:

A experiência, porém, mostra que há um número relativamente grande de pacientes para os quais a conclusão aparente do trabalho junto ao médico não significa de modo algum o fim do processo analítico. Pelo contrário, o confronto com o inconsciente continua do mesmo modo que no caso daqueles que não interromperam o trabalho junto ao médico. (JUNG, 1991, par. 4).

O processo analítico não é, de fato, indispensável para que ocorra a individuação. Entretanto, o convite ao exame da vida interior e do mundo das imagens e dos sonhos e o enfrentamento das questões cruciais da existência humana são um estímulo para a individuação. Mesmo que se encerre o encontro com o analista, o processo iniciado pode ter continuidade.

Assim, uma análise pode terminar por consenso entre as duas partes, em que, de forma harmoniosa, o paciente segue seu processo de individuação e sai satisfeito com suas conquistas e ampliação de consciência. O analista, por sua vez, fica realizado com seu trabalho, na certeza de que auxiliou o paciente e cumpriu seu papel. Esse é um modelo ideal, mas que nem sempre ocorre no consultório.

Também há motivos concretos ou plausíveis que ocasionam um término ou interrupção do processo analítico, tais como: alívio dos sintomas ou das queixas que motivaram a busca por análise, mudança de residência (embora, hoje em dia, a internet e o mundo globalizado tenham facilitado esses casos), doenças graves, dificuldades financeiras ou a transferência/contratransferência erótica que impede o vínculo profissional.

Nem sempre o término da análise se dá de forma simples ou bem resolvida. E quando traz desconforto para o paciente ou para o terapeuta? E quando ocorre uma interrupção abrupta por parte do paciente, sem aviso, sem aparente explicação? É comum entender essas situações como resistência do paciente: ele não quer mais investir no processo, ele está fugindo do confronto com seu inconsciente ou reagindo de forma “complexada”. E aí o problema fica fora, nele, e não no terapeuta – lá, e não cá. Mesmo que tudo isso possa ser verdadeiro em relação ao paciente, também representa uma maneira segura de proteção do terapeuta contra eventuais sentimentos de impotência e fracasso.

Pode-se pensar que a desistência do paciente foi por inabilidade do terapeuta, que este não

trabalhou bem, que algo lhe escapou – ou seja, que falhou. Essa visão o aproxima de sua sombra, mas pode também não ser totalmente verdadeira, à medida que um complexo provavelmente foi ativado, intensificando o sentimento de incompetência ou culpa.

Vale trazer alguns exemplos de casos clínicos para ilustrar os questionamentos levantados a partir da práxis analítica.

Uma paciente de meia-idade procurou atendimento psicológico por apresentar sintomas relacionados a ansiedade e depressão, que surgiram após uma situação de violência seguida de morte no seu contexto familiar. O acontecimento a deixou muito abalada e em situação de extrema crise emocional. Seu pai era uma figura conhecida por sua agressividade, principalmente no que diz respeito à educação dos filhos; no entanto, jamais haviam presenciado tamanha violência na família. Ela estava totalmente descontrolada e desamparada frente a esse trágico ocorrido, e o vaso terapêutico propiciou a transferência da mãe boa que acolheu seu sofrimento e iluminou um pouco seu caminho. O processo terapêutico durou quase três meses, configurando-se uma psicoterapia breve com enfoque no atual momento de crise. Certo dia, a paciente resolveu que voltaria a morar perto da família e se mudaria para sua região de origem, onde tudo aconteceu, e encerrou a terapia sem avisar, ainda que houvesse um combinado prévio de fazer uma sessão de finalização, que nunca ocorreu. Antes de partir, presenteou a analista com um artigo de decoração que claramente remetia à situação vivida. O presente soou um tanto quanto fúnebre, o que, a princípio, dificultou o real entendimento do significado daquele símbolo. Após o término da análise, concluiu-se que a paciente precisava transferir para a terapeuta o peso da morte e da violência, representado de forma simbólica pelo presente, a fim de que ela pudesse continuar a viver em paz. Nesse caso, a paciente interrompeu abruptamente a análise, sem a abertura de qualquer tipo de devolução por parte da analista. No entanto, foi possível

compreender que esse era seu único caminho de salvação, o que, de certa forma, preencheu o vazio que ela deixou ao abandonar a análise sem se despedir.

Assim como esse caso deixou claro, algumas vezes fica exclusivamente a cargo do terapeuta a elaboração da interrupção ou término da terapia, que funciona como depositário dos conteúdos que o paciente não consegue integrar. No caso exposto, isso se deu de forma concreta, por meio do presente oferecido à terapeuta. Em outras situações, pode acontecer de o paciente não realizar o pagamento das sessões, deixando uma porta entreaberta para que possa manter algum tipo de vínculo com o terapeuta.

Outro caso relevante para ilustrar a presente reflexão foi o de uma jovem imigrante que trouxe, como queixa inicial, a sua dificuldade de se relacionar com as pessoas, tanto em relacionamentos amorosos como em amizades ou relações de trabalho. Apresentava certos episódios depressivos e foi diagnosticada com doença neurológica incapacitante. Na primeira entrevista, contou sobre sua triste história familiar de abandono e negligência por parte da mãe biológica e o desconhecimento do pai. Era uma pessoa globalizada, com carreira internacional. Sempre adaptou-se às mais variadas realidades de todos os continentes nos quais morou. Entretanto, não conseguiu criar raízes em nenhum lugar. Teve um filho, fruto de um relacionamento com um colega de trabalho, com o qual nunca se casou, nem sequer morou junto. Conquistou tudo sozinha e nunca pôde contar com a ajuda de ninguém, sofrendo de forma totalmente solitária, o que contribuiu para a sua descrença nas relações humanas. Construiu uma persona dura, rígida, muito dominada pelo animus, apática, em certa medida depressiva e totalmente sozinha se não fosse pelo filho, sua razão de viver. A cada nova mudança, ela recomeçava do zero. Sonhava repetidamente com casas, que construía e depois destruía. A paciente faltava frequentemente na terapia e, por vezes, desaparecia por um longo período sem dar nenhuma satisfação,

deixando a analista no limbo. Como consequência, demandava uma postura ativa da analista para trazê-la de volta à análise. Esse movimento era correspondido pela paciente, que, então, aparecia para a sessão e agradecia que a terapeuta não tivesse desistido dela. No entanto, logo em seguida tornava a faltar. Diversos tipos de contato foram experimentados, com o intuito de garantir a assiduidade e continuidade do processo. Porém, após muitas tentativas, ela parou de se comunicar e não acertou os valores devidos. Após muitos meses, finalmente quitou a dívida, de forma que o único motivo de comunicação se extinguiu. Esse caso tratou de um término não abrupto, porém silencioso. A paciente não deixou explícito que gostaria de finalizar a análise, e quem precisou colocar um fim foi a terapeuta, já que a paciente dificultou qualquer tipo de contato ou proximidade. A paciente não conseguiu conversar, refletir, elaborar sobre o fim. Em vez disso, sufocou e matou lentamente qualquer resquício de vínculo.

Por fim, cabe descrever um caso de psicoterapia infantil, já que é frequente o término ou interrupção da análise imposto pelos cuidadores. O paciente era um menino de 6 anos que tinha sido adotado aos 3 anos de idade. Ele fora acolhido em uma casa lar (abrigo) aos 2 anos de idade, após denúncia de abuso sexual praticado por membro de sua família biológica. Após a adoção, ele mudou-se para outro estado. A queixa dos pais adotivos girava em torno de seu comportamento opositor. Ao longo do processo terapêutico, que durou aproximadamente um ano e seis meses, foi visível sua mudança de comportamento. A partir desse momento, a proposta da análise passou a ser a de oferecer um espaço de expressão e elaboração dos traumas provenientes da sua sofrida história durante a primeira infância. Os pais adotivos resistiram, alegando que era uma patologização da criança, e quiseram interromper o processo. De forma incisiva, comunicaram que a criança só teria mais uma sessão. Foram alertados para a necessidade de haver mais de uma sessão, para que o término

ocorresse de forma mais sutil, propiciando à criança um espaço de elaboração desse fim. Entretanto, os pais estavam irredutíveis. No dia da última sessão, a mãe revelou que o seu filho estava apreensivo porque achava que nunca mais voltaria a ver a terapeuta. Portanto, concluiu-se que os pais adotivos estavam repetindo inconscientemente a história de abandono vivida pelo paciente em relação aos pais biológicos. Nesse caso, a decisão em relação ao fim da análise foi unilateral, o que gerou uma grande frustração e sentimento de falha, impotência e anulação por parte da terapeuta. Porém, vale lembrar que a resistência era dos pais e não da criança, que, por sinal, estava muito vinculada.

É muito comum na psicoterapia infantil a intervenção dos pais na análise dos filhos, uma vez que têm expectativas diferentes em relação ao processo e não o vivenciam diretamente. Tal intervenção pode decorrer da melhoria das queixas ou da dificuldade de enxergar os próprios filhos e suas necessidades. De qualquer forma, o terapeuta sente essa ruptura como um aborto, uma vez que seu trabalho é podado e ele dificilmente poderá fazer algo para mudar essa condição.

O espaço analítico é o *temenos*, o lugar protegido em que a alma pode se manifestar em toda sua dor e fragilidade, expondo seus medos e emoções mais profundas e escuras; onde há empatia, aceitação e segurança. Sem dúvida, é um lugar no qual a criança<sup>1</sup> – ou, antes, o arquétipo da criança – encontra abrigo para sua vulnerabilidade e é chamada a se manifestar. Hillman (1981), em seu texto “Abandonando a criança”, chama atenção para “a fantasia do crescimento” que está alojada na forma como encaramos a psicologia e a psicoterapia. A ideia presente em geral é a de que essa criança deve crescer, uma vez que a meta é o desenvolvimento e o crescimento da personalidade. Mas, alerta Hillman, ao caminharmos nesse sentido, abandonamos a criança, porque “o arquétipo da criança não cresce – permanece sempre como um habitante do país da infância, como um estágio do ser” (HILLMAN, 1981, p. 45).

É essa criança que pode aparecer no paciente que chega falando em parar a análise e quer a opinião do analista. Mesmo que esse desejo seja legítimo e costume revelar uma atitude de maturidade no relacionamento, às vezes o paciente parece um jovem que pede autorização dos pais para sair de casa. O analista pode agir como um pai superprotetor, identificado contratransferencialmente com a figura parental, acreditando que o paciente não está suficientemente maduro para sair do ninho. Ainda, pode interpretar seu desejo como resistência, ou apontar que tal e tal complexos não foram bem trabalhados. Como discriminar se é de fato uma resistência ou um desejo de poder do analista? Não vamos nos aprofundar aqui, mas vale lembrar como Guggenbühl-Craig (2004) nos chama atenção para vários aspectos da sombra do analista, e como podemos atuar a partir da figura do charlatão prendendo o paciente à análise.

Outra possibilidade é o paciente (a criança) se rebelar e sair, virando as costas repentinamente, e o analista, assim como pais de adolescentes, viver o sentimento de perda, o ninho vazio.

Às vezes, é o terapeuta que empurra o paciente para fora ou indica a ele um colega, pois a teimosia da criança ou sua enorme carência é insuportável, já que dialoga com a sua própria criança abandonada que tanto quer reprimir ou negar. Outra possibilidade é o terapeuta incentivar o paciente (a criança) a dar o passo, o salto no ar em direção ao mundo, com medo, tremendo junto com ele e prendendo a respiração no momento do voo.

Não podemos deixar a criança para trás para nos tornarmos adultos, maduros. Ela está sempre conosco. Nos momentos mais difíceis da vida ou quando vivemos perdas, é a criança órfã que pede acolhida e aceitação.

Em sua formação e treinamento, geralmente o terapeuta passa por algumas experiências como paciente, eventualmente vivendo vários tipos de terminos, desde os mais tranquilos aos mais difíceis – isso compõe sua bagagem como analista. Ter passado por alguns fins dolorosos, se

não contaminá-lo e não se cristalizar, colabora para que o analista fique mais atento e cuidadoso em relação às saídas dos seus pacientes e ao que esses terminos lhe refletem e espelham.

É interessante observar as oscilações que afetam o consultório como um todo. A progressão e a regressão da libido se manifestam nas fases em que o consultório fica cheio, há muita procura por horários, entrevistas e consultas. E há momentos em que, em uma ou duas semanas, vários pacientes decidem parar a terapia por motivos os mais diversos, para aflição do terapeuta iniciante. O que esses movimentos dizem para o analista naquele momento?

Há aqueles pacientes que vão e voltam tempos depois, em outros momentos da vida, às vezes muitos anos depois. Há aqueles que nunca interrompem a análise. Um exemplo retrata esta última situação. Uma mulher está em terapia há cerca de 20 anos. Ela teve uma infância muito difícil, com uma separação traumática dos pais. Sua mãe teve um surto quando a paciente era muito nova. Durante um longo tempo, sonhou com animais feridos, machucados ou presos. Depois, os animais começaram a aparecer em seus sonhos de formas mais saudáveis. Uma clara imagem de seu processo.

Há alguns anos, ela manifestou a vontade de interromper a análise, mas decidiu continuar com frequência quinzenal. A terapeuta se perguntava se ainda havia sentido atendê-la. Era um processo de muitos anos e, em certos momentos, parecia não haver muito progresso. Assim como em outros processos que podem ser considerados “intermináveis”, a terapeuta sente que a companhia em sua vida e que a análise ofereceu a ela um eixo e uma base que lhe faltaram muito cedo. Recentemente, a paciente trouxe um sonho com a terapeuta, em que esta lhe falava que era o momento de parar a análise, o que incomodou a paciente. Será agora esse momento? A questão que se faz sempre presente em casos como esse é: qual é o sentido da permanência na terapia? É necessário investigar se a permanência está a serviço do Self do paciente ou da

sombra do terapeuta, que precisa se sentir útil e imprescindível.

É importante assinalar que uma *separatio*<sup>2</sup> se anuncia quando o tema do encerramento da análise surge na sessão. Uma *separatio* que pode ser vivida objetiva ou subjetivamente, de modo concreto ou simbólico, e que manifesta a necessidade do ego de sair do estado de *participation mystique* que pode ocorrer na análise. A separação ou a diferenciação entre sujeito e objeto, entre os opostos, é passo importante para o processo de individuação e sempre precede a *coniunctio*. Tornar-se um indivíduo implica estar “separado”, o que é um ato da consciência. Mas, como afirma Edinger: “Ao separar os opostos, o Logos traz clareza; mas ao torná-los visíveis, traz também o conflito” (EDINGER, 1990, p. 207). Essa característica de discórdia presente na *separatio* pode ser a causa de alguns fins complicados de análise, resultado de uma aplicação errônea da *separatio*.

Uma analogia interessante relacionada à análise é a diferença entre médico e enfermeiro. O médico, identificado com o arquétipo do curador, e que geralmente carrega essa projeção, faz o diagnóstico, passa as prescrições, mas se retira. Quem cuida, mede a pressão, colhe o sangue, limpa a sujeira, alimenta, lava, troca o soro e a sonda é o enfermeiro ou o técnico de enfermagem. O médico, o dr. X, detém o poder, nada é feito sem sua assinatura; mas a enfermagem, em seu anonimato, cuida dos detalhes e fica mais tempo com o paciente. Além de ativarmos o lado ferido na equação curador/paciente para que a relação analítica possa fluir e ativar o arquétipo do curador no paciente, precisamos convidar o enfermeiro, com seu olhar atento, prático e constante, a participar do espaço analítico. Essa figura anônima, mas prestativa, é quem cuida de nossa vulnerabilidade exposta e frágil, de nossos fluidos e lamentos. O enfermeiro nos remete à atitude paciente, empática e humilde no trato diário com as tarefas de rotina, como ouvir as repetitivas lamúrias dos pacientes, nas incontáveis sessões, meses ou anos a fio, pon-do em cheque muitas vezes as certezas e convicções dos terapeutas. Lembremos o que Jung (1990,

1981) sempre falou a respeito de não ficarmos do lado de fora mas, sim, junto do paciente, dentro do vaso. Recomendava abandonar as teorias e permanecer junto ao mistério vivo da alma humana. Quando alguém está sofrendo na nossa frente, é inútil explicarmos que ela está dominada por seu complexo. Mais vale, nesse momento, estar ali em silêncio, em sintonia com sua dor, apenas trocando os curativos, como bons enfermeiros.

Uma última analogia. No hospital, os médicos não conseguem prever o momento da morte, falam em semanas ou em dias. Quando não há mais o que fazer, a sombra da impotência se faz presente e, ao mesmo tempo, é o que os humaniza. Poder conviver com o mistério da vida e da morte nos aproxima de nosso tema. Quando entramos na jornada de atender um novo paciente em análise, não sabemos aonde ela vai nos conduzir, quais os caminhos que juntos iremos percorrer. Podemos intuir, sentir e perceber, já nas primeiras sessões, os sinais de sua intensidade, sofrimento e profundidade. Mas não sabemos qual, como ou quando será seu término. E nem como seremos afetados por tudo. Talvez esse seja o grande desafio de individuação do analista. Jung (1986) nos ensina isso dizendo que aprendeu muito mais com os fracassos do que com os casos bem-sucedidos. Nas vicissitudes dos terminos mal resolvidos, dos pacientes que se vão sem explicação, fins sem finalização, temos oportunidades para aprender a humildade de conviver com a nossa ignorância diante do mistério que o outro representa.

Segundo Hillman, a análise, como a conhecemos, é interminável:

O “Conhece-te a ti mesmo” é seu próprio fim e não tem fim. É Mercurial. É uma arte hermética paradoxal tanto direcionada a um fim quanto sem fim, muito como o velho Freud disse da análise, em seu último ensaio antes do exílio de Viena, tanto de seu fim como objetivo quanto de seu fim no tempo: “Não só a análise do paciente, mas a do próprio analista, deixaram de ser termináveis e se tornaram uma tarefa

interminável”. Não há outro fim senão o ato em si de fazer alma, e a alma não tem fim. (HILLMAN, 2010, p. 127).

Guggenbühl-Craig ressalta a importância do arquétipo curador-ferido e como é difícil para a psique suportar a tensão das polaridades, o que pode levar à cisão do arquétipo e, portanto, à vivência cristalizada de um só polo. A fim de evitar a cisão enrijecida em que vive o analista, diz Guggenbühl: “Ele tem que ser sacudido. O senil ‘eu sei, eu sei’ deve transformar-se no socrático ‘eu não sei’” (2004, p. 137). Essa mesma ideia é expressa em linguagem poética por Clarice Lispector no seguinte trecho:

Eu sei de muito pouco. Mas tenho a meu favor tudo o que não sei e – por ser um campo virgem – está livre de preconceitos. Tudo o que não sei é a minha parte maior e melhor: é a minha largueza. É com ela que eu compreenderia tudo. Tudo o que não sei é que constitui a minha verdade. (LISPECTOR, 2004, p. 74). ■

Recebido em: 6/3/2017 Revisão: 26/5/2017

<sup>1</sup> A referência à criança não significa que o paciente seja visto como uma criança, mas se relaciona à manifestação do arquétipo da criança, à criança interior.

<sup>2</sup> *Separatio* é uma operação alquímica que produz ordem a partir do caos, promovendo a separação dos opostos e a criação da consciência. Medir, cortar e pesar são símbolos da *separatio*.

## Abstract

### *The end of the analysis*

*This article analyses the end of the analytical process, which does not mean healing neither release nor individuation. The latter may go on even after sessions stop. Sudden analytical process endings which may result in a sense of helplessness and failure are also examined here, as well as the interference of the therapist's shadow components. Some clinical cases illustrate such situations. The child archetype and the endless analysis are also dealt with in this article as well*

*as the alchemical separatio operation. The images of the doctor and of the nurse are used as an analogy of the role of the therapist, both as a healer and as a caretaker. Last, the article considers the mystery that involves the process of life and death and pain and sorrow that affects analysts – whose own individuation process is challenged and who needs to learn about humbleness in order to cope with the unknown. ■*

Keywords: Jungian analysis, the end of analysis, failure, individuation, shadow.

## Resumen

### *El fin del análisis*

*El artículo trata del final del análisis, lo que no implica la cura, el alta o la individuación, porque ésta última puede continuar incluso después del cierre de las sesiones. Se discuten los finales repentinos que pueden movilizar*

*sentimientos de impotencia, fracaso y aspectos de la sombra del terapeuta y se ilustran algunas situaciones en casos clínicos. Se abordan también el arquetipo del niño, los análisis interminables y la operación alquímica separatio*

*relacionada con el fin del análisis. Además, se utilizan las imágenes del médico y de la enfermera como analogías del papel del terapeuta: además de curador, cuidador. Finalmente, se presentan reflexiones acerca del misterio que*

*comprende los procesos de vida y muerte, dolor y sufrimiento que afectan a los analistas y constituyen desafíos en su proceso de individuación, en el aprendizaje de la humildad de convivir con el no saber. ■*

Palabras clave: análisis junguiano, fin del análisis, fracaso, individuación, sombra.

### Referências bibliográficas

EDINGER, E. F. Anatomia da psique – o simbolismo alquímico na psicoterapia. São Paulo: Cultrix, 1990.

GUGGENBÜHL-CRAIG, A. O abuso do poder na psicoterapia e na medicina, serviço social, sacerdócio e magistério. São Paulo: Paulus, 2004.

HILLMAN, J. Estudos de psicologia arquetípica. Rio de Janeiro: Achiamé, 1981.

HILLMAN, J. Ficções que curam: psicoterapia e imaginação em Freud, Jung e Adler. Campinas, SP: Verus, 2010.

JUNG, C. G. A natureza da psique. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000. (Obras completas de C. G. Jung, v.8/2).

JUNG, C. G. A prática da psicoterapia. Petrópolis, RJ: Vozes, 1981. (Obras completas de C. G. Jung, v.16/1).

JUNG, C. G. Psicologia e alquimia. Petrópolis, RJ: Vozes, 1990. (Obras completas de C. G. Jung, v.12).

JUNG, C. G. Memórias, sonhos e reflexões. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

LISPECTOR, C. Aprendendo a viver. Rio de Janeiro: Rocco, 2004.

# Vilão ou herói?

## Uma meditação sobre a representação do negro em dois contos folclóricos brasileiros

Marco Heleno Barreto\*

### Resumo

O autor examina dois contos folclóricos brasileiros do século XIX e mostra como a representação do negro em cada um deles aponta para duas possibilidades distintas no que diz respeito à configuração psicológica brasileira, em sua relação com a verdade profunda de nossa constituição psicocultural histórica. ■

**Palavras-chave**  
Alma brasileira, representação do negro, exclusão da sombra, integração psicológica.



\* Psicólogo formado pela Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, especialista em psicologia clínica, mestre e doutor em filosofia pela UFMG. Professor titular do Departamento de Filosofia da FAJE – Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia.  
E-mail: <marcoheleno@uol.com.br>

## Vilão ou herói? Uma meditação sobre a representação do negro em dois contos folclóricos brasileiros

Em 1885, Sílvio Romero, estudioso da cultura e sociedade brasileiras, publicava seus *Contos populares do Brasil* (ROMERO, 1954), no qual apresentava uma coletânea desse material anônimo que, contado de uma geração a outra nos meios populares de uma determinada região, permite um vislumbre da mentalidade coletiva da qual é expressão espontânea e fiel. Lembrando que, àquela altura, os meios de comunicação de massa ainda não haviam feito sua entrada avassaladora na história, para influenciar de forma poderosa e tendencialmente homogeneizante as mais diversas mentalidades submetidas ao seu raio de ação, os contos recolhidos e publicados por Sílvio Romero constituem uma valiosa fonte de informação acerca dos meandros da mentalidade brasileira coletiva e popular, naquele momento histórico, em seu estado bruto, por assim dizer. Justamente por provir de uma atividade espontânea daquela mentalidade, sem estar submetido ao crivo crítico dos juízos éticos e estético-artísticos mais apurados, esse material folclórico pode fornecer um acesso aos níveis mais elementares e coletivos do solo comum em que se enraíza a alma brasileira, sobre os quais se erguem, depois, as diferenciações mais elaboradas das expressões culturais de nosso povo.

Neste breve ensaio, pretendo tomar dois dos contos anotados por Sílvio Romero e pensá-los a partir de um determinado ângulo interpretativo, com o objetivo de apontar para um aspecto fundamental da mentalidade brasileira. Evidentemente, pretender expor alguma característica estrutural de uma mentalidade tão multifacetada como a brasileira é tarefa arriscada, incerta, e o resultado forçosamente será provisório e de validade apenas relativa, na melhor das hipóteses. A rica diversidade que pode ser constatada tanto nos materiais que expressam nossa cultura como nos distintos estilos que se reúnem sob a denominação “brasileiro” aconselha, de partida, uma atitude cautelosa, modesta e cética. No entanto, nada proíbe meditar sobre certos detalhes presentes

em um material proveniente da cultura popular brasileira e propor, com sobriedade e parcimônia, algum tipo plausível de correspondência com aspectos do espírito que nele se expressa. É o que pretendo fazer nas páginas que se seguem, deixando, portanto, bem claro que minha interpretação, movida por um impulso lúdico e não pelos rigores da inteligência acadêmica, deve ser lida com as reservas e com a benevolência que se fazem necessárias nessas circunstâncias. Meu texto é antes um devaneio do pensamento do que uma peça de demonstração rigorosa de uma ideia. Não defendo uma tese: apenas apresento uma sugestão que me parece relativamente verossímil.

Na interpretação que se segue, considerarei as diversas personagens e situações dos dois contos que examinaremos como expressões da alma brasileira captada sob um determinado ângulo. Ao usar a expressão “alma brasileira”, não reivindico qualquer estatuto ontológico para o que é por ela designado, ou seja, não tomo como hipóstase ou entidade objetiva a assim chamada “alma brasileira”. Com essa expressão, quero indicar, antes, um modo particular de ser-no-mundo, dotado de certos traços e características relativamente estáveis, de forma a poder ser reconhecido como representativo deste mosaico diversificado e plural, mas identificável e inconfundível em sua diversidade própria, a que poderíamos também chamar “caráter brasileiro”. Há aqui uma boa aproximação com o que, nos estudos junguianos, costuma-se designar por “complexo cultural”.

### **1. A negação de si mesmo: o negro vilão**

O conto “João mais Maria”, registrado por Sílvio Romero em Sergipe e no Rio de Janeiro (ROMERO, 1954, p. 167-173), pode ser assim esquematicamente resumido:

Como nas versões típicas, o pai abandona João e Maria no mato. No dia seguinte, encontram a

casa da feiticeira e roubam bolinhos de milho feitos pela velha. As crianças são descobertas. A bruxa as recebe em sua casa e trama comê-las. Nossa Senhora aparece às crianças e lhes ensina como derrotar a bruxa. Após a morte da feiticeira, de sua cabeça saem três cães ferozes e, seguindo a instrução de Nossa Senhora, as crianças dão um nome e um pão a cada um deles. Os cães então se tornam seus cães de guarda. João e Maria tomam conta da casa e vivem alguns anos tendo os cães como protetores.

Depois Maria se apaixona por um homem e os dois tentam dar cabo de João, que está sempre protegido pelos cães. Os ardis para neutralizar os cachorros de João falham e os cães devoram o amante de Maria. João abandona Maria por causa da traição e sai pelo mundo para ganhar a vida, acompanhado por seus três cachorros.

João chega a uma terra assolada por um monstro de sete cabeças, devorador de pessoas, que a cidade tinha de fornecer para não ser destruída pela fera. João encontra uma princesa, a vítima sacrificial do dia, e que fora prometida em casamento a quem matasse o monstro. Os três cães matam a fera. João corta as pontas das sete línguas do monstro morto e vai com a princesa para o palácio. Mas um preto velho e aleijado passa no local, corta os cotocos das sete línguas e os leva ao rei, apresentando-se como o matador do monstro. O rei prepara o casamento da princesa com o preto velho aleijado, a despeito de a princesa afirmar que não fora ele quem matara o monstro. No almoço de casamento, os três cães arrebatam os três pratos servidos ao falso noivo negro. A princesa reconhece os cães e diz que foram eles que haviam dado cabo do monstro. O rei manda seguir os cachorros, que retornam para João, e então este vem ao palácio com as sete pontas das línguas. O logro é desmascarado e o rei manda amarrar o negro a quatro burros bravos, que o despedaçam. João casa-se com a princesa.

A versão brasileira do “Hänsel und Gretel” dos irmãos Grimm resulta da confluência de três motivos distintos: 1) o episódio do casal de irmãos

abandonados no mato, terminando na morte da feiticeira; 2) o episódio da paixão de Maria por um homem, que resulta na tentativa malograda de matar João; 3) o episódio da aventura “solo” de João, em que ele mata um tipo de dragão e termina por desposar a princesa prometida ao herói que libertasse o reino da dominação pelo monstro mítico.

Certos detalhes da versão brasileira chamam a atenção do leitor que se proponha a pensar a partir do postulado da correspondência entre o sentido psicológico do conto e a mentalidade coletiva em que está inserido e de onde é narrado. Por exemplo: se levamos em conta a história da formação do povo brasileiro, e de sua congênita carência coletiva no que tange à função paterna, não parece simples acidente desprovido de possível significação psicológica o fato de a aventura do casal de irmãos abandonados pelos pais terminar com a morte da feiticeira, *sem que haja uma reconciliação final com a origem*. O crônico e brasileiríssimo sentimento de um abandono radical, gravado indelevelmente em nossas origens históricas, é condizente com a eliminação da cena de reconciliação com os pais, como também o é o anseio por uma restituição heroica e narcisisticamente grandiosa da dignidade assim anulada, da autoestima desde sempre problemática. Assim, a configuração psicológica que se expressa em “João mais Maria” já exhibe, em seu primeiro episódio, pelo traço particular do abandono radical, uma semelhança com um aspecto da mentalidade brasileira historicamente constituída.

Na relação entre a feiticeira, Nossa Senhora e os três cães de guarda, podemos ler o dinamismo psicológico autotransformador em ação nessa expressão imaginativa da alma brasileira. Observe-se que a feiticeira está associada à preparação de alimentos (bolinhos de milho) e, assim, já se localiza no nível da cultura. Não é casual, portanto, que os cães que irrompem de sua cabeça sejam conciliados com pães, e que o conhecimento dessa estratégia seja comunicado pela figuração positiva da imagem materna (Nossa

Senhora). Aquilo que ameaça (a feiticeira) é, dialeticamente, aquilo que salva (Nossa Senhora), e se transpõe, mediante uma integração operada por artifícios culturais – linguagem (a nomeação dos cães) e alimento preparado (os pães que os propiciam) –, para o nível de uma potência defensiva (os cães domesticados) à disposição da própria consciência em vias de autorrealização (João e Maria). E se os cães emergem da própria feiticeira, então vemos como as quatro imagens (feiticeira, Nossa Senhora, cães e crianças) são aspectos distintos de uma mesma realidade psicológica fundamental, em seu dinamismo de auto-transformação.

A ambivalência do arquétipo materno corresponde, na perspectiva dialética, ao potencial autocontraditório, pelo qual a configuração psicológica inicial nega a si mesma para atingir uma expressão mais evoluída e diferenciada em uma forma ulterior. O dinamismo autotransformador refere-se à própria totalidade psicológica, de seu momento inicial indeterminado (uma potência que é destruidora e assim criadora de uma nova ordem psicológica) até seu momento final, simbolizado na *coniunctio* entre o herói João e a princesa.

O monstro que aparece no terceiro episódio é homólogo à feiticeira do primeiro, simbolizando esse potencial destrutivo, autonegador da própria totalidade psicológica, que é a condição que a propõe a um nível mais diferenciado de si mesma. Por isso mesmo, são os cães de guarda, resultantes da transformação inicial da mesma imagem materna “negativa”, que dão cabo do dragão ressurgido. Note-se, de passagem, a rede simbólica que se estabelece entre as diversas partes do conto pela referência ao motivo da *alimentação*: João e Maria roubando *bolos*, de uma feiticeira *antropófaga*, de quem brotam cães apaziguados com *pães*, que *devoram* o amante de Maria e, depois, derrotam um monstro *devorador*, para, finalmente, exporem o usurpador em um *banquete*, roubando-lhe os *pratos servidos*. Podemos afirmar que o processo de autotransformação psicológica aqui figurado em

imagens simbólicas é um processo centrado na *oralidade*, entendida como matriz arcaica dos processos psíquicos de introjeção/destruição/assimilação, que determinam a *constituição da identidade*.

No mesmo sentido, aquilo que no segundo episódio se opõe a João é designado apenas como “um homem”, pelo qual Maria se apaixona, e que é devorado pelos cães que haviam saído da cabeça da feiticeira morta. O “enamoramento” de Maria pelo antagonista de João traz à tona o fator dinâmico da autonegação da unidade atingida em um estado prévio pela consciência, uma negação que tem como *telos* iminente a reconstituição em um nível mais elevado, mais diferenciado, da unidade negada ou sacrificada. Se atentarmos para o fato de que, na estrutura do conto, a posição de João em relação à personagem feminina é ameaçada por uma outra figura masculina, perceberemos que o amante de Maria no segundo episódio e o negro velho e aleijado no terceiro são homólogos. O antagonista interno é necessário para criar a tensão exigida para a transformação da própria consciência através da realização heroica. Dito em outros termos: a consciência constela seu próprio outro, que vem romper a sua unidade provisória figurada em João e Maria, para superar a si mesma rumo a um estado mais avançado. Podemos conjecturar que, na diversidade de expressões imagéticas dessas oposições internas (João, Maria, feiticeira, Nossa Senhora, cães, amante, monstro, preto velho aleijado), encontram-se diferentes aspectos, em diferentes situações, da mesma força autonegadora elementar que cria a possibilidade de autorrealização da totalidade psicológica.

Na verdade, temos então uma estrutura simples: João e Maria, e depois João e a princesa que vem preencher o lugar vago de Maria, representam a dialética unidade na diferença da totalidade autocontraditória da consciência (imaginativamente representada como uma dualidade em *coniunctio*), que emerge de um fundo originário obscuro e vai se diferenciando em níveis

sucessivos na narrativa, uma diferenciação que sempre é posta em movimento pela psique a partir de seu próprio fundo originário ou estado inicial (normalmente designado como “o inconsciente” na psicologia junguiana tradicional). Esse fundo, cuja primeira figuração no conto está nos pais que decidem descartar João e Maria, reaparece no primeiro episódio como feiticeira antropófaga, e como monstro devorador de pessoas no terceiro. E a figuração final do movimento da totalidade psicológica representado imagetivamente no conto – o par João-princesa – corresponde à mesma forma originária, só que agora diferenciada através dos vários momentos do processo autodeterminante (poderíamos dizer autopoietico) da própria consciência.

Mas certamente não é casual o fato de o vilão embusteiro do terceiro episódio do conto ser representado como um *preto velho aleijado*. Em jargão junguiano tradicional, estamos diante de uma personificação da sombra do próprio herói. Se este é visto como uma personificação do ideal da consciência coletiva, o que se destrói na imagem do negro vilão é algo que pertence legitimamente à totalidade daquela mesma consciência. Consequentemente, no conto “João mais Maria”, encontramos como resultado final um estado cindido dessa totalidade consciente. O “mal” é simplesmente aniquilado e aquilo que se representa na imagem do negro não é integrado naquela totalidade. Isso equivale a dizer que o estado alcançado pela consciência nessa representação imaginária não é verdadeiramente final, trazendo dentro de si uma lacuna de onde pode brotar o dinamismo que tenderá a uma evolução ulterior.

Ora, mas quando uma forma psicológica, em sua unidade autocontraditória, se transpõe para o mundo concreto, expressando-se no mundo das relações sociais efetivas, via de regra o que ocorre é uma fragmentação daquela mesma unidade. Em consequência, encontraremos os fragmentos encarnados em posições que se opõem externamente, sem se alçarem ao reconhecimento consciente da unidade de fundo que as

determina. Assim sendo, a representação da sombra brasileira como um preto velho aleijado é altamente significativa, e o conto pode estar expressando de modo espontâneo algo de um traço característico da mentalidade brasileira: o nosso racismo, frequentemente denegado e escondido por trás da nossa também característica cordialidade. O aviltamento histórico do negro escravo na formação do povo brasileiro transpõe-se para a esfera dos valores coletivos sob a forma do antivalor, aquilo que põe em risco justamente o anseio dolorosamente arraigado de uma dignidade compensatória à nossa inferioridade (lembre-se que o preto velho é *aleijado*). Reconhecer a sombra negra implicaria em integrar nossa inferioridade, o aleijão em nossas origens, e, como a experiência analítica confirma, contra essa integração erguem-se violentamente todas as defesas do sujeito, que tendem, portanto, a preservar um estado cindido e a se hipnotizar com um ideal ambicionado, que esconde por recalçamento a verdade inconsciente.

Para deixar claro esse ponto, façamos uma analogia rápida com o mito adâmico: o casal primordial não se refere ao homem e à mulher concretos *em sua distinção sexual* (Adão representando o homem e Eva representando a mulher), mas a todo e qualquer ser humano, cuja situação existencial global é simbolizada no mito pelos dois personagens. Assim, como lembra Paul Ricoeur, toda pessoa peca em Adão, toda pessoa é seduzida em Eva. Se Eva figura a misteriosa infinitude do desejo humano, Adão figura a tendência a realizá-lo em um plano finito incomensurável com aquela infinitude radical. Adão e Eva representam, portanto, a unidade da consciência humana em sua relação consigo mesma e com o mundo. Não obstante, a incrustação histórica dos modelos imaginários indubitavelmente guarda as marcas de uma projeção psicológica real. Assim, não é casual que, na esteira do mito adâmico, à figura de Eva corresponda um véu de desvalor lançado sobre as mulheres reais, alimentando a secular misoginia que marca o Ocidente cristão.

Analogamente, e guardadas as devidas proporções, poderíamos dizer que é a alma brasileira que se nega dialeticamente no “enamoramto” de Maria, que aspira a uma integração prematura no preto aleijado velho, que aspira à reconstrução da unidade perdida no casamento de João com a princesa, que se cinde no dilaceramento violento promovido pelo rei. Do mesmo modo, podemos supor que a particularidade da atribuição a um negro do papel de vilão no conto brasileiro é um indício da projeção psicológica que está na base do nosso racismo frequentemente denegado por nossa suposta cordialidade.

Mas insistamos por mais um momento na perspectiva da totalidade psicológica, e não na da realidade concreta fragmentada e conflitiva em que ela se encarna: se o conto é a expressão de um aspecto do modo brasileiro de ser-no-mundo, em todas as suas personagens e situações, então a figura do preto velho aleijado não designa um indivíduo ou uma parte específica do povo brasileiro, mas uma componente essencial da configuração psicológica brasileira. Não são apenas os negros reais que estão representados nessa imagem, mas toda e qualquer subjetividade que for constituída a partir do modo brasileiro de ser-no-mundo, não importando quão azuis sejam os olhos ou quão louros os cabelos do indivíduo concreto que encarne tal subjetividade. O traço de dissociação aí representado (culminando com o violento *diasparagmos* do preto velho aleijado) estará presente nos sujeitos brasileiros cuja organização psicológica situar-se no nível correspondente ao do conto – seja como a projeção da sombra nos negros reais, fundamento do nosso “racismo cordial”; seja como a triste “identificação com o agressor”, tão comum quanto inconfessada nos “negros de alma branca”; seja ainda como a justificadamente ressentida e agressiva reação “afro” contra qualquer valor “branco” (uma reação que por vezes se assenta na mesma lógica da discriminação e segregação de que historicamente os negros foram vítimas no Brasil, constituindo-se, assim, uma forma sutil da mesma “identificação com o

agressor” de que fala a psicanálise, apenas com o vetor invertido).

Para além desse nível de dissociação excludente, a verdade indelével do modo brasileiro de ser-no-mundo, histórica e psicologicamente falando, encontra-se na *mestiçagem*: o brasileiro é, por definição, não um branco, um negro ou um índio, mas um mestiço, a resultante do encontro histórico, atormentado, apaixonado, violento, monstruoso, amoroso, contraditório enfim, de várias raças. A essencial mestiçagem brasileira é promessa de máxima universalidade humanista no reconhecimento incondicional do outro que se apresenta como ingrediente no nosso caldeirão étnico antropofágico; a sua negação particularista é índice seguro de que tal promessa não foi realizada, detendo-se no nível de uma dissociação excludente. Na linguagem do conto: a *coniunctio* final representada no casamento de João com a princesa se faz às custas de uma violenta negação do preto velho aleijado, que está portanto simplesmente excluído da forma de consciência aí instaurada, e não dialeticamente supressumido. Se considerarmos o nível e a forma de consciência correspondentes à lógica do conto, perceberemos que, nesse nível, a universalidade mestiça é ainda uma meta a ser atingida, uma possibilidade potencial, latente. A plena realização da verdade psicológica da alma brasileira não está figurada no conto “João mais Maria”. O que aí encontramos corresponde a uma configuração muito difundida em nossa realidade social, uma configuração cindida. E, a sustentar esse nível da forma de consciência brasileira, está um certo princípio ordenador que, no conto, é figurado na personagem do *rei* – que não só não é substituído, como ainda é quem promove a aniquilação da sombra. Além disso, observe-se que há uma clara dominância arquetípica maternal sustentando a trajetória do herói (Nossa Senhora, a feiticeira e os cães que dela nascem) – e trata-se de um herói que não se destaca propriamente por feitos heroicos típicos, pelos quais o herói ativamente se realiza em sua essência própria. Como não pensar aqui

no *traço infantil* (ou de *imaturidade*) tão reconhecido no caráter brasileiro, congruente com aquele sentimento de abandono radical aludido anteriormente?

Examinemos agora a constelação psicológica brasileira sob um outro ângulo, em um conto que apresenta uma estrutura distinta da que encontramos em “João mais Maria”.

## **2. Uma outra posição: o negro triunfante**

Na mesma coletânea de Sílvia Romero, encontra-se um conto que pode iluminar outras possibilidades psicológicas presentes na alma brasileira no tocante ao simbolismo psicológico representado na figura do negro. Trata-se do conto “O pássaro preto”, proveniente de Pernambuco (ROMERO, 1954, p. 68-73). Ei-lo resumido em forma esquemática:

Um homem pobre possuía um pássaro preto. Um dia, seu filho foi alimentar o pássaro e o soltou. O pássaro então carrega o menino pelo bico e o leva a um rico palácio, mandando pôr a mesa para o almoço. Tendo de sair, o pássaro preto (a que o menino chama de padrinho) dá à criança uma chave, com a ordem de só abrir o primeiro dos sete quartos que havia em frente à sala. O menino abre o quarto, encontra muitos cavalos e se diverte tanto que se esquece de comer. No dia seguinte, o pássaro lhe dá a chave do segundo quarto, onde o menino encontra selins e arreios. Nos três próximos dias, o menino recebe a chave dos quartos seguintes e encontra moças brancas no terceiro, mulatinhas no quarto e espadas no quinto.

Passam-se os tempos, o menino vira moço feito e pede tudo ao padrinho. O pássaro preto lhe diz que, se o afilhado o obedecer, será dono de tudo o que ali havia. E dá-lhe a sexta chave, com a recomendação de não abrir o sexto quarto, sob pena de perder tudo o que ele havia lhe prometido. O moço abre o quarto, encontra um rio de prata, mergulha o dedo no mesmo, e seu dedo fica prateado. Esconde o dedo em um pano, mas o pássaro percebe o que houvera, e o moço pede

para não ser castigado. O padrinho diz que o castigo será no dia seguinte, quando o moço tornar a desobedecê-lo. Dá-lhe a sétima chave e sai. O moço abre o outro quarto proibido, acha um rio de ouro. Quando o pássaro preto retorna, castiga-o tirando-lhe a roupa, mergulhando-o no rio de prata, depois no de ouro, após o quê lhe dá uma varinha de condão e o expulsa de casa. O moço chega a um reino, encontra um negro velho, a quem chama Pai Gaforino, e lhe pede a roupa velha e suja para encobrir sua cor e poder entrar na cidade. O negro cede; mas uma princesa observa a cena de uma janela do palácio, e então pede ao rei para casar-se com o pior negro que ali chegasse. O rei concorda e o casamento é celebrado, mas o rapaz, desconfiado, não se deita com a princesa na cama, ficando numa tábua ao pé do fogo.

O rei, desgostoso, fica à beira da morte. A família faz uma promessa à padroeira: se o rei se recuperasse, fariam uma festa de três dias na igreja. O médico prescreve ao rei comer três pássaros de plumas. Os outros dois genros do rei partem em busca das aves. O genro negro pede então à sua varinha de condão uma carruagem, um rico vestuário e três pássaros de plumas, e sai no calção dos outros dois genros do rei. Encontra-os, e lhes vende os pássaros de plumas sob a condição de marcar os concunhados com seu ferro nos quadris. Os dois concordam, são ferrados e levam os pássaros ao rei, que os come e se cura.

Segue-se a festa. A cada dia o negro manda sua mulher à igreja com uma carruagem e um vestido progressivamente mais ricos, sem a mulher saber; o primeiro vestido era da cor do campo com todas as suas flores; o segundo, da cor do mar com todos os seus peixes; o terceiro, da cor do céu com todas as suas estrelas. Depois pedia o mesmo para ele e, a cada vez, aparecia em todo o esplendor na igreja sem ser reconhecido. As irmãs da princesa, invejosas e desconfiadas, ao verem o desconhecido magnífico na igreja, escarneciam da mulher do negro: “Com um moço assim é que tu devias ter casado e não

com um negro”. O moço retornava rapidamente ao palácio e assumia as suas vestes andrajosas de negro, à beira do fogo.

Ao fim do terceiro dia, houve festa no palácio e todas as princesas e respectivos maridos compareceram. Então o negro apresentou-se na sua cor verdadeira e nos mesmos trajes que usara ao ferrar os concunhados. Declarou que não se assentaria na mesma mesa que seus cativos, e contou a história da venda dos pássaros emplumados. O rei verifica a veracidade da mesma, as duas irmãs invejosas atiram-se da varanda do palácio, seus maridos fazem o mesmo. O rei fica tão desgostoso que morre em pouco tempo. Então Pai Gaforino torna-se o senhor de todo o reino.

Analisar as diversas e interessantes imagens do conto em sua totalidade extrapolaria os limites deste trabalho. Enfocarei apenas aquelas que são centrais na estrutura da estória e que nos ajudam a pensar a representação do negro que nela encontramos, e o que esta nos revela a respeito do nível da configuração psicológica que a lógica do conto exprime.

Observe-se que o ponto de partida é uma situação de *pobreza* que, após as várias peripécias da trama, culmina em uma situação de *riqueza* (e de poder: o Pai Gaforino torna-se o senhor de todo o reino). Há uma inversão evidente em operação na estória, de tal modo que poderíamos apontar no conto a presença do dinamismo da *carnevalização*, estudado por Mikhail Bakhtin (2005). Aliás, as inversões pontuam toda a cadência da estória: o menino que alimenta o pássaro cativo é raptado pelo pássaro e por ele alimentado; na sucessão de figuras paternas, temos o *pai* pobre, o *padrinho* rico, e o *Pai Gaforino* miserável; o moço tem sua roupa arrancada pelo pássaro *preto* e consegue roupas andrajosas de um *negro* velho; instala-se a oposição entre uma essência valiosa (de ouro e prata) e uma aparência miserável (o negro andrajoso); por fim, Pai Gaforino, pertencente à condição mais humilde na hierarquia social, assume o lugar do

rei, que ocupa o lugar mais elevado naquela mesma hierarquia.

A referência explícita ao negro encontra-se tanto na cor do pássaro como na figura do Pai Gaforino. Toda a transformação que se realiza no episódio do palácio encantado do pássaro preto, culminando no banho de ouro e prata que faz do moço o suporte do valor máximo, encaminha-se inequivocamente para a expulsão e para o encontro com o Pai Gaforino. Há, aqui, uma mudança de dimensões: da dimensão encantada (ou transmudana) para a dimensão social (mundana). A cena do encontro entre o moço transmutado e o negro velho às portas da cidade marca uma passagem entre uma e outra, de modo que a entrada do novo valor psicológico na realidade vigente se faz por meio do personagem negro. Em analogia com o tema cristão da encarnação de Deus em um homem de condição humilde, o Pai Gaforino encarna o valor fundamental e decisivo na estória em todas as suas circunstâncias, e o resultado lógico da carnavalesização que informa a narrativa em “O pássaro preto” é a entronização do negro Gaforino, a revelação final de seu valor essencial que vem reconfigurar a ordem instituída.

Como no conto anterior, encontramos mais uma vez a figura de um negro velho, desta vez não mais aleijado, mas simplesmente pobre, miserável. Aqui, porém, o negro não será espartejado, mas assumirá o posto de valor máximo (a função real), consumando a inversão carnavalesca que comanda a estória. Temos, então, um desenlace exatamente inverso ao que encontramos em “João mais Maria”: lá, o herói (João) reúne-se à princesa, integrando-se à ordem vigente (o rei que sanciona o casamento), à custa da supressão violenta do negro; aqui, a princesa acolhe a essência valiosa do herói negro, que se apossa da ordem vigente à custa da autossupressão de seus avatares (as irmãs invejosas, seus maridos e, por fim, o próprio rei).

O estranho pássaro que dá título ao conto é a peça-chave para toda a transformação expressa na estória (assim como, em “João mais Maria”,

um personagem sobrenatural é estratégico na peripécia: Nossa Senhora). Evidentemente, no pássaro preto encontramos um “rei invertido”: propriedade de um homem pobre, ele é, *na verdade*, proprietário de um palácio encantado. E é nesse palácio que se opera a transformação do menino-moço, segundo um esquema arquetípico muito difundido em contos de fadas. A promessa da posse de todo o reino encantado terá que ser resgatada em outro nível. É necessário que o herói aparentemente perca tudo o que estava à sua mão, preservando, contudo, a nova essência de ouro e prata (e o dom da varinha de condão, pelo qual o poder mágico do pássaro encantado se transmite ao afilhado transmutado), e assuma a pobreza do Pai Gaforino, para que o valor de sua essência, reunindo-se à princesa, possa tomar posse do reino, mediante o auxílio mágico concedido pelo padrinho sobrenatural (a varinha de condão) e a astúcia própria no uso do mesmo. Em outros termos: o novo valor psicológico virá inscrever-se no mundo, realizar-se nesta dimensão, organizando-a segundo uma forma em que não há mais lugar para a depreciação de tudo aquilo que se simboliza na imagem do Pai Gaforino – do negro excluído e desprezado.

O esquema simbólico é análogo ao da *kenosis* na visão cristã: Deus se esvazia de sua majestade para encarnar-se em uma condição infinitamente inferior àquela majestade transcendente, assumindo a condição humana, ou *sarx* (carne) em linguagem bíblica. Da mesma forma, há uma identidade dialética entre o moço transmutado e o Pai Gaforino, e a atribuição final do reino ao negro andrajoso não é um simples “engano” da consciência popular que narra o conto: é a manifestação da verdade simbólica específica sobre a qual a estória se funda.

Observe-se que a contradição entre os dois polos – a ordem vigente da consciência (reino, cidade) e a nova forma proveniente da transformação ocorrida no momento anterior – é representada em “O pássaro preto” como a desconfiança que o herói, disfarçado com as roupas andrajosas de Pai Gaforino, manifesta em relação à

princesa com quem se casa: ele não se deita com ela, não consuma o casamento, e mantém-se numa tábua ao pé do fogo. Somente após a revelação final é que – pode-se inferir – a *coniunctio* será plenamente realizada.

A mesma contradição, em sentido inverso, também vem à tona com o desgosto e a doença do rei, causados pelo casamento da filha com o negro andrajoso. A doença será curada pela intervenção do herói camuflado, mas não se trata de uma verdadeira reconciliação, pois, ao final, mesmo após a revelação da essência valiosa do negro andrajoso – ou melhor: justamente em virtude dela –, o desgosto novamente toma conta do rei e ele morre. Em linguagem junguiana tradicional: o princípio dominante da consciência desaparece para dar lugar a uma nova orientação. Segundo a lição do simbolismo dos contos de fadas, essa transformação renovadora provém sempre daquilo que é rejeitado, vil, desprezado, inferior, marginalizado. Sob o ponto de vista da lógica dos símbolos, portanto, não é casual o encontro do moço, portador do novo valor psicológico, com Pai Gaforino, encarnação da sombra rejeitada dentro da ordem vigente.

Note-se que há uma repetição de motivos entre a transgressão e o casamento com a princesa: o moço oculta seu dedo prateado com um pano, assim como oculta sua essência transmutada com as vestes de Pai Gaforino; o pássaro preto percebe o que houvera, assim como a princesa percebe o ocultamento da janela do palácio. E, ao expulsar o moço do palácio encantado, o pássaro preto arranca-lhe as roupas. Se, em “João mais Maria”, o simbolismo fundamental era o da *alimentação*, aqui todo o sentido psicológico se concentra no simbolismo do *vestuário*, que representa a mediação necessária entre as duas dimensões distintas (a dimensão do palácio encantado do pássaro preto, que simboliza o fundamento psicológico arquetípico da consciência, e a dimensão do reino, que simboliza a realidade social empírica que manifesta uma configuração particular da mesma consciência). A roupa andrajosa de Pai Gaforino oculta a essência verdadeira do

personagem, *mas também a revela*, segundo a lógica da *coincidentia oppositorum* que rege o dinamismo psicológico. Aqui vale a pena recorrer a um comentário especializado:

Já no Antigo Testamento, a roupa pode significar, ao manifestá-lo, o caráter profundo daquele que a veste. [...] Portanto, a vestimenta não é um atributo exterior, alheio à natureza daquele que a usa; pelo contrário, expressa a sua realidade essencial e fundamental. (CHEVALIER; GHEERBRANT, 1995, p. 948).

Seguindo a linha dialética de interpretação, parece-me importante insistir nesse paradoxo do simbolismo das vestes: elas revelam e ocultam ao mesmo tempo. Revelar é ocultar, ocultar é revelar. Por isso, os andrajos de Gaforino *são* as vestes suntuosas que o moço providencia com o auxílio da varinha mágica. Por isso, o moço triunfante *é* o negro Gaforino que se assenhoreia de todo o reino. Como diriam os alquimistas, o ouro filosófico está em uma pedra vil, lançada no meio da rua, desprezada pelo vulgo, venerada pelos sábios.

As vestes suntuosas não precisam ser interpretadas literalmente, como mera ostentação exterior de poder, prestígio e riqueza. Seu caráter cósmico aponta para a correspondência entre o microcosmo e o macrocosmo e, assim, elas simbolizam o aspecto de *totalidade* que recobre o personagem, ou seja: as roupas aqui apontam para a realização plena da consciência investida na posição do herói, e não para um suposto poder empírico, literal, concreto. Em jargão junguiano tradicional, estamos diante do simbolismo do si mesmo, o *Anthropos* ou *totus homo* enquanto figuração da totalidade psicológica veiculada no conto. Essa mesma totalidade representava-se, na cena do palácio encantado do pássaro preto, como os sete quartos com seus respectivos conteúdos e a promessa de que o herói seria o possuidor de *tudo* aquilo.

Assim, o conto “O pássaro preto” pode ser visto como estando em um nível mais avançado

em relação a “João mais Maria”, no que diz respeito à expressão da forma de realização da configuração psicológica mestiça da alma brasileira. Aliás, há um detalhe interessante no palácio encantado do pássaro preto: no terceiro quarto encontram-se *moças brancas* e, no quarto seguinte, encontram-se *mulatinhas*, indicando que, naquela dimensão onde se reúne toda a riqueza psicológica da forma de consciência que se expressa no conto, os opostos estão contidos, em forma feminina. Há uma totalidade em potência contida no reservatório que é o castelo encantado do pássaro preto, e é essa totalidade que se encarna na figura do herói-Gaforino e se transmite à ordem que ele vai inaugurar, após o desaparecimento do princípio que sustentava a ordem velha. Se pensarmos em termos de preconceito e depreciação como sendo característicos da ordem decadente (veja-se o escárnio das irmãs invejosas quanto ao marido negro e pobre da princesa), podemos dizer que a ordem antiga é unilateralmente (e simbolicamente) “branca”, ao passo que a nova ordem vai reunir o “negro” (Gaforino) e o “branco” (a princesa) em uma *coniunctio* mestiça – e, justamente por isso, “O pássaro preto” representa um estágio mais avançado no que diz respeito à realização plena da verdade psicológica brasileira.

### 3. Concluindo

Se, como sustenta Darcy Ribeiro (1995, p. 126-133), o brasileiro não é branco europeu, nem negro africano, nem ameríndio, então qualquer adesão exclusivista a qualquer dessas três linhagens originárias (como, eu acrescentaria, a qualquer outra posterior que se derramar em nosso caldeirão étnico mestiço) será irremediavelmente negadora da brasilidade. Acontece, porém, que essa negação é, paradoxal e efetivamente, constitutiva do próprio movimento de construção e realização gradual do modo brasileiro de ser-no-mundo, um modo cujo vetor fundamental está na mestiçagem. A destinação gravada em nossa origem aponta para uma unidade plural de ingredientes étnicos, e é nessa diversidade

que está cifrada a identidade brasileira. O brasileiro lúcido não pode reivindicar títulos de nobreza ancestral – seja ela europeia, africana ou indígena, ou qualquer outra. Nossa nobreza, paradoxalmente, está na falta de nobreza, na mestiçagem irrestrita, nossa ferida mais funda e nosso tesouro mais valioso. Somos vira-latas. Se houver uma possível contribuição brasileira à família humana mais ampla, ela estará na assunção serena e alegre da humilde condição mestiça. Resta saber se estaremos à altura de tal atitude, que exige ultrapassar o círculo vicioso dos mecanismos psicológicos de compensação grandiosa e narcísica contra nosso congênito sentimento de inferioridade.

A exclusão que verificamos em “João mais Maria” não realiza a verdade psicológica da miscigenação que é essencial à alma brasileira. Já a renovação da consciência expressa em “O pássaro preto” parece-me mais próxima da exigência inscrita no mais fundo do caráter brasileiro. A nossa forma de totalidade psicológica (poderíamos dizer em jargão junguiano: o si mesmo brasileiro) reclama uma estrutura inclusiva, que supere a exclusão do preto velho aleijado (que legitimamente representa o impulso de inclusão

na forma de casamento com a princesa) e que substitua as bases psicológicas do preconceito e da depreciação raciais. O autocontraditório preconceito racial integra a configuração psicológica brasileira como uma espécie de esfinge postada no caminho da autorrealização da nossa forma de consciência. A inclusão compreensiva corresponde à forma de realização plena e última da verdade psicológica brasileira da miscigenação. Concluindo, talvez pudéssemos dizer que o desafio da individuação brasileira está na capacidade de passarmos do nível de consciência representado em “João mais Maria” para aquele representado em “O pássaro preto”. Mas a questão é: seremos capazes de suportar a “morte” das irmãs invejosas e de seus maridos em nós? Conseguiremos deixar que o rei de nossa atitude preconceituosa morra de desgosto dentro de nós? Pois individuar não é simplesmente ganhar o reino, mas morrer em nossas defesas mais arraigadas. E isso não é fácil, nem simples. Por isso, ser plenamente brasileiro é – que me seja permitido encerrar com um paradoxo esta meditação lúdica – um indesejado *desideratum*. ■

Recebido em: 4/3/2017

Revisão: 24/5/2017

## Abstract

### *Villain or hero? A meditation on the representation of the Negro in two Brazilian folk tales*

*The author examines two Brazilian folk tales from the nineteenth century and shows how the representation of the Negro in each of them points to two distinct possibilities with regards*

*to the Brazilian psychological configuration, in its relation to the deep truth of our historical psychocultural formation.* ■

Keywords: Brazilian soul, representation of the Negro, exclusion of the shadow, psychological integration.

## Resumen

*¿Villano o héroe? Una meditación sobre la representación del negro en dos cuentos populares brasileños*

*El autor examina dos cuentos populares brasileños del siglo XIX y muestra cómo la representación del negro en cada uno de ellos apunta a dos posibilidades distintas con respecto a la configuración psicológica brasileña, en su relación con la verdad profunda de nuestra constitución psicocultural histórica. ■*

Palabras clave: alma brasileña, representación del negro, exclusión de la sombra, integración psicológica.

## Referências bibliográficas

BAKHTIN, M. Problemas da poética de Dostoiévski. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.

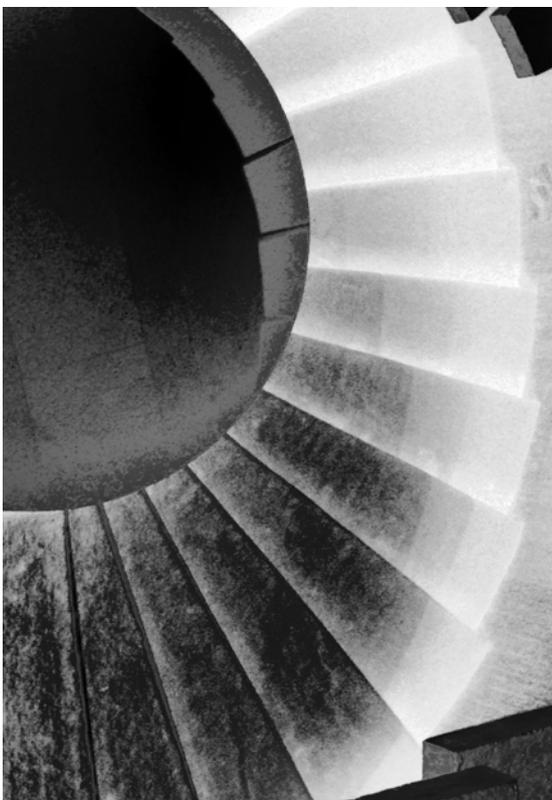
CHEVALIER, J.; GHEERBRANT, A. Dicionário de símbolos. Rio de Janeiro: José Olympio, 1995.

RIBEIRO, D. O povo brasileiro. A formação e o sentido do Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

ROMERO, S. Contos populares do Brasil. Rio de Janeiro: José Olympio, 1954.

# Elaboração das vivências psíquicas: o papel da literatura

Isabela Paixão Rodrigues\*  
Fernanda Gonçalves Moreira\*\*



## Resumo

Este artigo tem como objetivo explorar como a literatura pode auxiliar na elaboração de vivências psíquicas, não apenas para quem escreve como também para quem lê. Com base nos textos de C. G. Jung sobre psicologia analítica e literatura, e mantendo o enfoque principal no processo criativo e não na interpretação da obra, o presente artigo avalia como diferentes tipos de textos (poemas, letras de músicas e livros) de épocas distintas podem representar conflitos surgidos do inconsciente do autor ou atuar na individuação do leitor. ■

**Palavras-chave**  
Literatura,  
processo criativo,  
Vinicius de Moraes,  
Carlos Drummond  
de Andrade,  
Harry Potter.

\* Médica residente em psiquiatria pela Escola Paulista de Medicina.  
E-mail: <isa.paixao.ip@gmail.com>

\*\* MD-PhD, psiquiatra e psicoterapeuta, analista junguiana pela SBPA, professora adjunta da UNIFESP.  
E-mail: <femoreirapsi@gmail.com>.

## Elaboração das vivências psíquicas: o papel da literatura

### 1. Introdução

A literatura, também conhecida como sexta arte, é fonte inesgotável de estudos. Os movimentos literários retratam a realidade do período histórico em que estão inseridos, e uma análise detalhada da obra de um autor específico pode dizer muito sobre a vida desse indivíduo ou sua maneira de interpretar a mesma. Esse tipo de interpretação tem como objeto de estudo a arte em si, ou seja, suas considerações artísticas, a essência daquilo que está sendo retratado. Uma outra maneira de considerar e refletir sobre a literatura é direcionando o foco para o processo de criação, ou seja, considerando o impacto da produção de determinada obra, e não a biografia ou a anamnese do artista que a produziu (PALOMO, 2014, p. 40).

Jung realça a importância de que as obras de arte não sejam avaliadas de maneira científica, uma vez que tal ótica induziria um reducionismo prejudicial à total compreensão da obra (JUNG, 1922/2007, par. 108). A obra de arte, de acordo com Jung, é maior do que o indivíduo que a escreve; naturalmente trará características de seu autor, mas também sairá, como Pallas Athene da cabeça de Zeus, formada e pronta a seus próprios moldes (JUNG, 1922/2007, par. 110). Portanto, manter a análise restrita à visão exata e científica, vinculando todo o significado da obra à biografia do artista que a produziu, leva a uma privação de nuances significativas. A arte é maior que seu artista, é livre das estreitezas e dificuldades do que é pessoal, capaz de se desenrolar de apenas um indivíduo e atingir o coletivo, tornando-se parte do mundo interno de inúmeras outras pessoas. Esse caráter a torna muito ampla para uma visão científica; porque se a ciência é o conhecimento e a observação do mundo e de suas transformações, no que diz respeito aos indivíduos e seus processos mentais, a arte é um agente dessas transformações.

Este artigo tem como proposta justamente avaliar como as obras literárias podem ter papel

significativo na elaboração das vivências psíquicas e, portanto, na saúde mental daqueles que as produzem. Paralelamente, aquele que ler o produto dessa elaboração, ainda que sem pretensões analíticas ou interpretativas, também será impactado e lidará com questões próprias. As relações entre psicologia analítica e obra de arte descritas por Jung serão exemplificadas com Vinicius de Moraes, Gilberto Gil, Rita Lee, Fernando Pessoa, Carlos Drummond de Andrade e a saga Harry Potter, mostrando como cada produção artística pode ter impactado seus autores e consumidores.

A análise inclui também letras de música: ainda que o resultado final seja diferente, o processo de criação tem sobreposições importantes, e as diferenças são cada vez mais tênues. Desde a utilização de trechos de obras na composição de letras – como, por exemplo, a citação do capítulo 13 de Coríntios na música “Monte Castelo”, da banda Legião Urbana – até a musicalização completa de uma obra, como a que transformou uma crônica de Arnaldo Jabor na música “Amor e sexo”, por Rita Lee (LEE, 2016, p. 255), podemos notar que o processo de escrita literária e de escrita musical não são apenas parecidos: por vezes, são o mesmo. A percepção dos dois processos de criação artística como algo semelhante, talvez até mesmo único, é ratificada pela premiação do compositor americano Bob Dylan com o Prêmio Nobel de Literatura, em 2016.

Portanto, este artigo se propõe a aplicar a teoria que une o processo de criação artística à psicologia analítica e observá-la em prática em diversas obras de variados estilos, pelo ponto de vista do autor, do leitor e, de modo mais detalhado, sobre como a arte se mistura com o mundo interno e o processo de individuação de cada um.

### 2. Aquele que escreve

Esta avaliação começa, naturalmente, a partir do indivíduo em que se inicia a obra literária. Jung considera o autor o “solo” no qual a arte se

desenvolve: ou seja, o produto literário carregará características da pessoa que o escreveu, mas também se moldará à própria vontade (JUNG, 1922/2007, par. 115). Ele também faz a distinção entre dois processos criativos: o introvertido, aquele em que o artista controla cada palavra que é colocada no texto, produzindo uma obra mais estética e com significados ocultos menos evidentes; e o extrovertido, em que o artista é sujeito a um produto sobre o qual tem menor controle, expressando sua natureza mais íntima, a qual nunca teria coragem de manifestar conscientemente, resultando numa obra um pouco mais simbólica (JUNG, 1922/2007, par. 111).

Esses dois processos não são necessariamente exclusivos – Jung cita uma situação exemplo de um autor tão absorvido em sua obra que sente que tem pleno comando sobre o que produz mas, na verdade, está sendo dirigido pelo inconsciente (JUNG, 1922/2007, par. 113) – e nem mesmo um ou outro é característico de um determinado autor. Na realidade, todo processo criativo parece ter algo de extrovertido e algo de introvertido, em proporções diversas. O interjogo entre introversão e extroversão completaria o processo de elaboração.

Para exemplificar essa diferença na obra de um mesmo artista, seguem dois poemas de Vinicius de Moraes, “A bomba atômica – canto II” e “A rosa de Hiroshima” (MORAES, 1954):

*A bomba atômica – canto II*

A bomba atômica é triste  
Coisa mais triste não há  
Quando cai, cai sem vontade  
Vem caindo devagar  
Tão devagar vem caindo  
Que dá tempo a um passarinho  
De pousar nela e voar...  
Coitada da bomba atômica  
Que não gosta de matar!

Coitada da bomba atômica  
Que não gosta de matar  
Mas que ao matar mata tudo

Animal e vegetal  
Que mata a vida da terra  
E mata a vida do ar  
Mas que também mata a guerra...  
Bomba atômica que aterra!  
Pomba atônita da paz!

Pomba tonta, bomba atômica  
Tristeza, consolação  
Flor puríssima do urânio  
Desabrochada no chão  
Da cor pálida do helium  
E odor de radium fatal  
Lœlia mineral carnívora  
Radiosa rosa radical.

Nunca mais, oh bomba atômica  
Nunca, em tempo algum, jamais  
Seja preciso que mates  
Onde houve morte demais:  
Fique apenas tua imagem  
Aterradora miragem  
Sobre as grandes catedrais:  
Guarda de uma nova era  
Arcanjo insigne da paz!

*A rosa de Hiroshima*

Pensem nas crianças  
Mudas telepáticas  
Pensem nas meninas  
Cegas inexatas  
Pensem nas mulheres  
Rotas alteradas  
Pensem nas feridas  
Como rosas cálidas  
Mas oh não se esqueçam  
Da rosa da rosa  
Da rosa de Hiroshima  
A rosa hereditária  
A rosa radioativa  
Estúpida e inválida  
A rosa com cirrose  
A antirrosa atômica  
Sem cor sem perfume  
Sem rosa sem nada.

Os dois poemas não têm em comum apenas o poeta, mas também o tema central – entretanto, diferem diametralmente quanto à abordagem desse tema. A primeira obra tem uma construção que parece mais calculada, sugerindo um processo introvertido, tentando racionalizar o atentado atômico às cidades japonesas de Hiroshima e Nagasaki, que marcou o fim da Segunda Guerra Mundial. Nessa poesia, Vinicius coloca a bomba como assassina também da guerra, um instrumento de paz. A impressão de que foi uma tentativa de elaborar um acontecimento cujo impacto não tinha precedentes é fortalecida pela poesia seguinte, “A rosa de Hiroshima”, que é muito mais simbólica e emotiva.

A segunda obra fala com seus leitores por meio de símbolos tanto visuais como significativos. A escolha do termo “rosa” alude tanto à imagem da explosão da bomba como a conceitos mais subjetivos, como a alusão ao feminino, à delicadeza e ao não belicismo. O argumento explorado racionalmente em “A bomba atômica – canto II” pode ajudar a compreender a escolha de uma flor como metáfora para a bomba atômica: esta, como dito no primeiro poema, é uma agente do fim da guerra, e essa promessa, a promessa de paz, é simbolicamente tão bela quanto as rosas.

No entanto, nessa obra mais extrovertida e carregada emocionalmente, Vinicius já contesta essa beleza. As rosas também são as mulheres e crianças que foram feitas vítimas, agora cegas, cegas e inexatas. Tão cegas e inexatas, é possível argumentar, quanto as pessoas que dispararam o ataque e acreditavam que isso traria a paz novamente, que solucionaria magicamente todos os problemas que haviam culminado naquela guerra.

Acreditar em soluções mágicas é uma tendência natural do ser humano. É, assim como a rosa de Vinicius, hereditária, adjetivo que também tem importante carga simbólica: além da procura por soluções mágicas, é da natureza humana, também, a tendência a conflitos e guerras. A hereditariedade dessas características sugere que a

tendência de projetar nos outros a razão e a solução para nossos conflitos faz da “paz” da bomba atômica doente, cirrótica (doença crônica grave associada ao alcoolismo, àqueles que adoecem e eventualmente morrem por não conseguirem deixar a ilusão).

Comparando as duas obras, é perceptível que o inconsciente se manifesta e se impõe apesar das tentativas do consciente de privilegiar a ótica da razão sobre os acontecimentos. Também é perceptível o caminho de elaboração do autor. Em “A rosa de Hiroshima”, com o evento traumático melhor trabalhado psicologicamente, é possível ao poeta uma maior aproximação da emoção, sem tantos disfarces ou racionalizações. Se entendermos o conjunto dos poemas como o processo de elaboração de Vinicius, o autor passou pelo processo de introversão e extroversão até chegar a um certo equilíbrio em relação ao tema.

Jung, no parágrafo 448 de *Símbolos da transformação*, discute que, por meio da introversão, um aspecto arquetípico seria ativado e humanizado, possibilitando a emergência de uma ideia criativa salvadora, para um indivíduo ou para uma comunidade.

A imposição do inconsciente, necessária para o surgimento das obras simbólicas, é chamada por Jung de complexo autônomo, os pensamentos que se formam no inconsciente para, só então, irromperem para a porção consciente do indivíduo (JUNG, 1922/2007, par. 122). Tal conceito é exemplificado pela descrição de Manuel Bandeira sobre sua produção literária:

Acontecem-me os poemas inesperadamente e, às vezes, fulminantemente. De tal modo que a minha impressão *a posteriori* é que não fiz o poema: ele é que se faz em mim. (SENNA, 1993).

Esses conceitos e exemplos mostram que tanto a teoria da psicologia analítica de Jung como a leitura e relato da obra de alguns poetas importantes da literatura brasileira concordam que o processo de criação artística, por vezes, sai do inconsciente do autor, expondo ideias e

sentimentos que o indivíduo não acessaria de outra maneira, permitindo-lhe analisar essas considerações do inconsciente para incorporá-las à sua elaboração das vivências e angústias pessoais.

A criação artística muitas vezes serve ao artista de caminho de elaboração, como visto acima, no processo de Vinicius de Moraes em elaborar o horror atômico, que chocou toda uma geração. Dramas pessoais também são elaborados por meio do trabalho artístico, como explicou Gilberto Gil ao discorrer sobre o processo de composição da música “Drão” (GIL, 1981):

Drão, o amor da gente é como um grão,  
Uma semente de ilusão,  
Tem que morrer pra germinar,  
Plantar nalgum lugar,  
Ressuscitar no chão, nossa semente,  
Quem poderá fazer aquele amor morrer,  
Nossa caminhadura,  
Dura caminhada pela estrada escura.  
Drão, não pense na separação,  
Não despedace o coração,  
O verdadeiro amor é vão, estende-se infinito,  
Imenso monolito, nossa arquitetura,  
Quem poderá fazer aquele amor morrer,  
Nossa caminha dura,  
Cama de tatame, pela vida afora.  
Drão, os meninos são todos sãos,  
Os pecados são todos meus,  
Deus sabe a minha confissão, não há  
o que perdoar,  
Por isso mesmo é que há de haver mais  
compaixão,  
Quem poderá fazer aquele amor morrer  
Se o amor é como um grão,  
Morre nasce, trigo  
Vive morre, pão

Sobre o momento de composição, Gil explica que sua criação “apresentou altos graus de dificuldade”, pois ela lidava com um assunto denso – o amor e o desamor, o rompimento, o fim de um casamento:

Porque era uma canção para Sandra [apelidada Drão] e para mim. Eu me lembro de estar sentado no chão, anotando frases no caderno, com o violão do lado, e de repente sentir o sufoco do coágulo da criação, e ao mesmo tempo a iminência da explosão da via criativa, e não aguentar, saindo dali e indo pro meu quarto me deitar, então, aquele coágulo se dissolver, criando filetes que se encaminhavam pra aqui e pra ali... Aí o cérebro e o coração se intumesciam, algumas ideias fluíam, e dois, três ou quatro versos saíam. (RENNÓ, 2003, p. 305).

Neste relato, Gil descreve um momento de grande introversão, que, a custo de muito sofrimento, vai se revertendo paulatinamente. Jung chama atenção para o risco inerente a esse processo:

Se a libido fica presa no reino maravilhoso do mundo interior, o homem se transforma em sombra para o mundo exterior, ele está morto ou gravemente doente. Mas se a libido consegue desvencilhar-se e subir à tona, o milagre aparece: a viagem ao submundo é uma fonte da juventude para ela e da morte aparente desperta novo vigor. (JUNG, v. 5, par. 449).

É interessante perceber que o próprio artista, uma vez tendo vencido esses riscos e voltado, junto com a libido, dessa viagem ao mundo interior, pode apresentar também compreensão do processo de elaboração que acabou de vivenciar.

Rita Lee, em sua autobiografia, faz a associação entre um momento extremamente traumático e uma música composta anos depois: a artista conta que foi a última a saber de sua saída do grupo Os Mutantes, quando lhe comunicaram que haviam decidido retirá-la por “não ter calibre como instrumentista” para seguir a direção que estavam tomando. Rita juntou suas coisas, pegou o carro e a estrada, parou no acostamento e conta que “chorei, gritei, descabelei, xinguei feito louca”. Finalizada a “cena”, se recompôs e voltou para a casa dos pais (LEE, 2016, p. 113).

Essa vivência retorna anos depois; nas palavras da própria Rita:

Na letra da música “Mutante”, não sei se contei um filme triste ou se uma *personal joke* para exorcizar o vudu. Depois de tanto tempo, eis que me reconheci como a verdadeira mutante, aquela coisa minha de não ser fixa no rock de uma nota só, de sair do conforto ilusório para viver na fragilidade da dúvida. (LEE, 2016, p. 187).

A própria artista, após passar pelo processo de criação e elaboração, conseguiu associá-lo à experiência que foi capaz de elaborar melhor por meio da composição.

A descrição de Gilberto Gil sobre o processo de composição de “Drão” também demonstra certa compreensão, ainda que prática e não teórica, sobre aspectos analíticos do processo criativo:

Outra exigência que eu me colocava era de não me precipitar. Eu queria que o fazer, a prática, o empirismo da realização fossem observados pelo meu ser ali à distância: eu tinha que contemplar o feito da canção. Ao lado do esforço, da tensão concentrada, tinha que haver a descontração, o relaxamento concentrado – as duas coisas, e todas essas exigências sobrepostas determinando o modo de compor a canção. (RENNÓ, 2003, p. 305).

Essa vivência exemplifica muito bem a procura de equilíbrio entre introversão e extroversão, o controle da forma e o fluxo das emoções.

O resultado desses processos artísticos, no entanto, não pertence apenas ao seu autor; pouco serve somente às elaborações do artista. A obra de arte tem a capacidade de se comunicar com os dramas conscientes e inconscientes daqueles que a admiram, possibilitando também a estes uma imersão em seus mundos internos.

### 3. Aquele que lê

A expressão do inconsciente do autor não costuma ser feita de maneira clara e objetiva.

Pelo contrário, as obras consequentes de um complexo autônomo estão repletas de símbolos. Jung define símbolo como “expressão de uma concepção para a qual ainda não se encontrou outra ou melhor” (JUNG, 1922/2007, par. 105). Uma vez que a obra simbólica tem significados passíveis de interpretação, seu significado afeta diferentemente cada um dos seus leitores, dependendo do inconsciente e do contexto em que está inserido cada indivíduo. A relação entre a criação da obra simbólica e sua leitura pode ser avaliada na poesia “Autopsicografia”, de Fernando Pessoa:

#### *Autopsicografia*

O poeta é um fingidor.  
Finge tão completamente  
Que chega a fingir que é dor  
A dor que deveras sente.

E os que leem o que escreve,  
Na dor lida sentem bem,  
Não as duas que ele teve,  
Mas só a que eles não têm.

E assim nas calhas de roda  
Gira, a entreter a razão,  
Esse comboio de corda  
Que se chama coração.  
(PESSOA, 1942)

O ato da leitura promove uma introversão progressiva por parte do leitor, que gradativamente vai se fechando para seu entorno e mergulhando naquele universo paralelo proposto pelo texto. Esse universo, por sua vez, vai se misturando com o mundo interno do leitor, para onde este é levado, completando o processo de introversão.

A obra simbólica é naturalmente inquietante, justamente por trazer significados ocultos que acessam questões internas do leitor. Ao mesmo tempo, essa característica provocativa também traz à tona questões inconscientes daquele que interage com os símbolos, permitindo, por meio da introversão, o acesso a questões individuais antes suprimidas no próprio inconsciente, assim

como aconteceu com o autor da obra ao criar tal símbolo.

Um estudo qualitativo conduzido na Escola Paulista de Medicina na Universidade Federal de São Paulo também encontrou conclusões a respeito do impacto da literatura em seu leitor (SILVA, 2016). Nesse estudo, um grupo de alunos e profissionais da área se encontraram semanalmente ao longo de seis meses para discutir a leitura e as interpretações de um livro (*Os anos de aprendizado de Wilhelm Meister*, de Goethe), enquanto os pesquisadores analisavam as discussões, a interpretação trazida por cada participante e a análise sobre a experiência feita por cada indivíduo. Também estudaram a história oral de vida de quatro participantes para compreender a influência das vivências pessoais na leitura da obra. Ao fim das análises, perceberam que a validade de uma leitura não é medida pelo conhecimento que ela proporciona mais do que pelas percepções que o indivíduo teve durante essa leitura. Um dos participantes ponderou que as mudanças provocadas por uma leitura ficam no inconsciente do indivíduo, alterando-o de maneira gradual e, por vezes, imperceptível. Outra, ainda, disse que “ao falar sobre a obra, falamos sobre nós distraidamente” (SILVA, 2016, p. 97). Entre muitas outras conclusões, o estudo afirma que a arte é sempre modificadora (SILVA, 2016, p. 97).

#### 4. Caminho da individuação

Um livro ou uma poesia pode colaborar com a elaboração de um momento ou circunstância. Mas autores também produzem uma obra inteira em nome de uma elaboração. Drummond, notadamente, elaborou sua melancolia ao longo de sua obra. Esse autor começa com a fase *gauche*, na qual a ironia transborda a angústia de um eu maior que o mundo, isolado em pessimismo, bem representada pelo “Poema das sete faces”:

Quando nasci, um anjo torto  
desses que vivem na sombra  
disse: Vai, Carlos! ser gauche na vida.

As casas espiam os homens  
que correm atrás de mulheres.  
A tarde talvez fosse azul,  
não houvesse tantos desejos.  
O bonde passa cheio de pernas:  
pernas brancas pretas amarelas.  
Para que tanta perna, meu Deus, pergunta  
meu coração.  
Porém meus olhos  
não perguntam nada.  
O homem atrás do bigode  
é sério, simples e forte.  
Quase não conversa.  
Tem poucos, raros amigos  
o homem atrás dos óculos e do bigode,  
Meu Deus, por que me abandonaste  
se sabias que eu não era Deus  
se sabias que eu era fraco.  
Mundo mundo vasto mundo,  
se eu me chamasse Raimundo  
seria uma rima, não seria uma solução.  
Mundo mundo vasto mundo,  
mais vasto é meu coração.  
Eu não devia te dizer  
mas essa lua  
mas esse conhaque  
botam a gente comovido como o diabo.  
(ANDRADE, 1930, p. 11)

Ao longo de toda essa obra, Drummond dá vazão a um sentimento de estranhamento e de não pertencimento ao mundo em que se encontra; um conflito é natural, uma vez que cada pessoa é de fato única e precisa dessa constatação para iniciar seu processo de individuação. Um exemplo de elaboração desse estranhamento é a já citada música “Mutante”, na qual Rita Lee já se entendeu e se aceitou única, mutante.

Em “Poema das sete faces”, no entanto, Drummond está na primeira fase do processo. Ele descreve um desejo que ainda não está pronto para aceitar, e esse conflito torna o mundo distorcido: casas vendo pessoas, pessoas resumidas a pernas, um coração maior que o mundo. Coração esse que é vasto de tantas dúvidas, que

reconhece sua fraqueza e a questiona a Deus, mas que ainda é inibido e silenciado atrás da figura do homem de bigode, que não deixa seus conflitos chegarem a seus olhos. É possível apontar que nem tudo foi elaborado ainda na produção dessa obra: Drummond fala, ao fim, que foram “a lua” e “o conhaque” que o botaram comovido, afastando-se da angústia que ainda não está preparado para reconhecer como sua.

Após essa primeira fase, Drummond passa gradativamente a se abrir para o mundo e a perceber o sofrimento deste. Passa a se perceber menor que o mundo, talvez por vislumbrar a conexão com a totalidade, talvez desfazendo uma superidentificação com o ego. Ao desfazer a inflação de ego, o poeta sai da posição de impotência gerada pela idealização do que deveria ser. Na sua fase social, marcada pela vontade do poeta de participar e tentar transformar o mundo, Drummond mostra maior percepção de potência: “Ó vida futura! nós te criaremos” (ANDRADE, 1940, p. 46).

Jung comenta, sobre o caminho da individualização, que, quanto maior o grau de individualização, maior a conexão do sujeito com a humanidade.

Há, ainda, a situação de uma obra ou uma saga servir de alicerce para a elaboração de toda uma geração. O recente fenômeno Harry Potter é um exemplo. Uma medida do impacto dessa obra sobre o público infanto-juvenil foi dada pelo trabalho de Gwilym e colaboradores, que acompanharam os registros de atendimentos de emergência por trauma osteomuscular no Reino Unido nos fins de semana de verão. A constatação surpreendente foi que houve uma queda de quase 50% nos atendimentos em fins de semana de lançamento dos livros da série. O autor inicia seu artigo com a provocação: “Sobre as crianças deste milênio, podemos ter duas certezas: elas vão se machucar, e elas (provavelmente) lerão Harry Potter” (GWILYM et al., 2005, p. 1505; tradução nossa).

Em 30 de abril de 2012, lia-se o seguinte depoimento, numa rede social, no perfil de uma adolescente de 17 anos, ilustrando o sentimento da “geração Harry Potter”:

Um amor que não tem descrição! Algo realmente MÁGICO nasceu dentro de mim quando, aos 8 anos, eu li *Harry Potter e a Pedra Filosofal*! Isso faz parte da minha vida e da minha história! Cada pequeno detalhe que passei ao escrever meu próprio livro, indo fantasiada ver os filmes, dar autógrafos, tirar fotos, aos 11 anos quando eu chorei por não receber a carta me convocando para a escola! Se algum dia meus filhos tiverem o prazer de ler e assistir Harry Potter a vida deles vai estar completa! São 8 anos do relacionamento mais perfeito, encantador, sincronizado e mágico que alguém possa imaginar! 2005/2013/infinito! (ANSELMO, 2012).

Não é difícil compreender a relação da “geração Harry Potter” com a saga de mesmo nome. Na época em que Harry Potter foi lançado, poucas obras tratavam o público infanto-juvenil com tanta seriedade. Prova disso é que o primeiro livro da saga, *Harry Potter e a pedra filosofal*, foi recusado algumas vezes antes de ser publicado, principalmente pela temática e pelo tamanho da obra. Portanto, os livros de J. K. Rowling introduziram, num mercado escasso de material semelhante, um protagonista jovem, que não apenas passa por várias etapas da jornada arquetípica do herói como também lida com problemas comuns de jovens desta idade, seja em relação a amizades, relacionamentos ou autoconhecimento. O universo mágico compôs um apelo extra para atrair o interesse dos jovens leitores, mas o que tornou Harry Potter tão marcante na vida de toda uma geração foi justamente oferecer a possibilidade de se identificar com um protagonista, fazendo dessa identificação uma ferramenta de elaboração da passagem para a vida adulta.

A “geração Harry Potter” é principalmente composta por indivíduos que, literalmente, cresceram com os livros, que estavam no começo da adolescência quando a saga teve início e eram jovens adultos na sua conclusão, dez anos depois. Esses jovens acompanharam o processo de amadurecimento do protagonista juntamente com o seu próprio; ainda que não fossem bruxos, eram

também adolescentes. Assim como as diferentes fases da obra de Carlos Drummond de Andrade podem servir como “fio-guia” para leitores que estão passando por uma elaboração semelhante à do poeta, a série Harry Potter permitiu que a geração de jovens da época se identificasse com um protagonista que, num universo mágico e encantador, também passou por importantes situações de conflitos e enfrentamentos sombrios. Dessa forma, ao fazer a introversão no universo da saga e fundi-lo ao seu próprio mundo interno, os jovens da “geração Harry Potter” não apenas puderam entender melhor seu amadurecimento e processo de individuação como também criaram a característica identificação com a série, um vínculo que foi possibilitado pela fusão desse universo com uma fase tão importante na formação pessoal.

### 5. Considerações finais

O escritor Valter Hugo Mãe diz que espaços carregados de livros são semelhantes a multidões, uma vez que os livros representam pessoas (MÃE, 2016). É possível concordar com essa afirmativa mesmo sem tentar interpretar e acoplar a obra de arte à vida pessoal do artista; a

essência da arte transcende a compreensão do artista e, até mesmo, suas experiências pessoais, mas o inconsciente do autor não deixa de ser onde a obra e seus símbolos se desenvolvem, fazendo com que sejam representação e não cópia ou depoimento um do outro.

Aqueles que produzem arte transformam o conteúdo do seu inconsciente em símbolos que serão lidos e interpretados de maneiras distintas, dependendo do inconsciente daquele que for apreciá-la. Como diz Mãe, ao ser publicado, o livro ultrapassa o autor, que não pode controlar se os outros lerão sua obra como ele acha que deve ser lida (MÃE, 2016). Dessa forma, uma obra literária pode ajudar seus leitores de maneiras distintas entre si e distintas da maneira como ajudou seu escritor, uma vez que acessa temas ocultos no inconsciente de cada um, oferecendo-lhes uma nova elaboração ou, ao menos, uma perspectiva diferente. Como Jung também diz, no capítulo já citado, o artista é um indivíduo um pouco inadaptado, que segue por caminhos diferentes dos demais e acha aquilo que o restante da sociedade sente falta sem saber. ■

Recebido em: 4/3/2017

Revisão: 26/5/2017

### Abstract

#### *Psychic experiences' elaboration: the role of literature*

*This article aims to explore how literature can help to elaborate psychic experiences, not only for the one who writes it but also for the one who reads it. Based on Jungian texts on analytical psychology and literature and focusing the creative process not*

*the interpretation of the work, the present article evaluates how different types of texts (poetry, lyrics and books) from different periods can represent a conflict brought from the author's unconscious or act on the reader's individuation. ■*

Keywords: literature, creative process, Vinicius de Moraes, Carlos Drummond de Andrade, Harry Potter.

## Resumen

### *Elaboración de experiencias psíquicas: el papel de la literatura*

*Este artículo pretende explorar cómo la literatura puede ayudar a elaborar experiencias psíquicas, no sólo a quien la escribe sino también a quien la lee. En base a los textos junguianos sobre psicología analítica y literatura y con el enfoque principal en el proceso creativo en lugar de en la*

*interpretación de la obra, se evalúa cómo diferentes tipos de textos (poesía, letras de canciones y libros) de distintos períodos pueden representar un conflicto surgido del inconsciente del autor o actuar sobre la individuación del lector. ■*

Palabras clave: literatura, proceso creativo, Vinicius de Moraes, Carlos Drummond de Andrade, Harry Potter.

## Referências bibliográficas

- ANDRADE, C. D de. *Alguna Poesia*. Belo Horizonte: Edições Pindorama, 1930.
- ANDRADE, C. D de. *Sentimento do mundo*. Rio de Janeiro: Pongetti, 1940.
- ANSELMO, F. Facebook, 2012. Disponível em: [https://www.facebook.com/Feeranselmo?hc\\_location=timeline](https://www.facebook.com/Feeranselmo?hc_location=timeline). Acesso em: 30 abr. 2012.
- BÍBLIA. N. T. Coríntios. In: BÍBLIA. Português. Bíblia Almeida Corrigida Fiel. São Paulo: Sociedade Bíblica Trinitariana do Brasil, 1994.
- ELLIS-PETERSEN, H.; FLOOD, A. Bob Dylan wins Nobel prize in literature. *The Guardian*, Londres, out. 2016. Disponível em: <https://www.theguardian.com/books/2016/oct/13/bob-dylan-wins-2016-nobel-prize-in-literature>. Acesso em: 23 abr. 2017.
- GIL, G. Drão. In: *Um banda um*. Warner Music Group, 1982.
- GWILYM, S.; HOWARD, D.; DAVIES, N.; WILLET, K. Harry Potter casts a spell on accident prone children. *The BMJ*, dez. 2005. Disponível em: <http://www.bmj.com/content/331/7531/1505>. Acesso em: 20 fev. 2017.
- JUNG, C. G. *O espírito na arte e na ciência*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007. (Obras completas de C. G. Jung, v.15).
- JUNG, C. G. *Símbolos da transformação*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1989. (Obras completas de C. G. Jung, v.5).
- LEE, R. Rita Lee: uma autobiografia. São Paulo: Globo Livros, 2016.
- MÃE, V. H. 'As pessoas que mais nos acompanham na vida são os livros', diz Valter Hugo Mãe. In: *Folha de S.Paulo*, ago. 2016. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2016/08/1805898-de-volta-ao-brasil-valter-hugo-mae-fala-sobre-salvacao-pela-literatura.shtml>. Acesso em: 20 fev. 2017.
- MORAES, V. *Antologia poética*. Rio de Janeiro: A Noite, 1954.
- PALOMO, V. *Psicologia junguiana e arte poética: uma revisão*. *Junguiana: Revista da Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica*, São Paulo, v. 32, n. 2, p. 40-48, 2014.
- PESSOA, F. *Poesias*. Lisboa: Ática, 1942.
- RENNÓ, C. *Gilberto Gil: todas as letras*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- SENNA, H. *República das letras: entrevistas com 20 grandes escritores brasileiros*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1993.
- SILVA, M.; GALLIAN, D.; SCHOR, P. *Literatura e humanização: uma experiência didática de educação humanística em saúde*. *Revista Brasileira de Educação Médica*, v. 40, n. 1, p. 93-101, 2016.

# “Casa tomada” – leitura de um conto de Julio Cortázar

Victor Palomo\*



## Resumo

A partir do conto “Casa tomada”, de Julio Cortázar, o presente artigo faz ampliações e correlações com os conceitos de anima e inconsciente coletivo, além de sugerir pontes para a interlocução entre psicologia analítica e literatura. ■

**Palavras-chave**  
“Casa tomada”,  
literatura,  
anima,  
inconsciente  
coletivo.

\* Psiquiatra graduado pela Unifesp, analista junguiano, membro da SBPA e IAAP, mestre e doutorando em letras pela USP.  
E-mail: <victorpalomo@uol.com.br>.

## “Casa tomada” – leitura de um conto de Julio Cortázar

No texto “O direito à literatura”, o ensaísta Antonio Candido (em diálogo com Otto Rank) afirma que, assim como o sonho assegura a capacidade de fabular durante o sono, a literatura a garante no período de vigília, fazendo-se o sonho acordado de todas as civilizações, em todos os tempos. Em suas múltiplas funções humanizadoras, porque resultado da atividade imaginativa (ou mitopoética) da psique, a arte literária tem a força da palavra organizada como viga mestra de seu edifício narrativo ou poético, uma vez que “tira as palavras do nada e as dispõe num todo articulado” (CANDIDO, 2011, p. 179). Ao ordenar caos em cosmos, o autor expressa-se, organiza-se e promove efeitos semânticos ao leitor, que, na fruição da obra, adquire conhecimento que reitera ou abala suas prévias suposições de sentido para as palavras e para as coisas, procedimentos que não necessariamente se efetuam numa dimensão consciente.

Julio Cortázar (1914-1984) foi um escritor atento a esses preceitos. Referindo-se ao processo criativo de seus contos, o autor argentino afirma que “busca instintivamente que ele [o conto] seja alheio a mim enquanto demiurgo” e que o leitor tenha a sensação de que o mesmo nasceu “por si mesmo, em si mesmo ou até de si mesmo” (CORTÁZAR, 2008, p. 229). Para o também autor de *O jogo da amarelinha* (CORTÁZAR, 2013), o indício do valor de uma grande obra literária está no fato de que ela tenha se desprendido do autor, uma vez que o escritor tenha sido capaz de transmiti-la sem demasiadas perdas das latências da psique profunda, conservando-a “o mais perto possível da sua fonte, com seu tremor original, seu balbucio arquetípico” (idem, p. 234). Cortázar deixa clara, então, a importância da forma como inextricável aos possíveis caminhos semânticos de uma obra.

Para ele, o entendimento de que alguns escritos tornam-se obras de arte graças ao seu substrato mítico, ou seja, à “ressonância de arquetipos mentais ou os hormônios psíquicos”

(CORTÁZAR, 2008, p. 159), converge em direção à proposição junguiana a respeito do tema da gênese do processo literário: “a grande maioria dos meus contos foram escritos independentemente de minha vontade, por cima ou por baixo de minha consciência, como se eu fosse um meio pelo qual passava e se manifestava uma força alheia”, enfatizava (idem, p. 154).

Essa suposição cortaziana que mapeia o processo de criação artística dialoga com os textos junguianos que formulam hipóteses sobre o tema. No texto “Relação da psicologia analítica com a obra de arte poética” (*Obras completas*, vol. 15, capítulo 6), Jung (1987) ocupa-se em assinalar que as obras de arte não autorizam, para sua apreciação psicológica, a necessária avaliação clínica e biográfica do artista. Jung distingue duas modalidades de fenômenos psicocriativos na literatura. Um primeiro caso refere-se às obras que “nascem totalmente da intenção e determinação do autor, visando a este ou àquele resultado específico”, de forma que o poeta afirma um projeto conscientemente e escolhe suas expressões semióticas mais adequadas, às quais submete seu material artístico. Em procedimento oposto, há obras que se “impõem” ao autor, o qual experimenta um estranhamento diante do que é mobilizado pela função transcendente: “[...] sua mão é de certo modo assumida, sua pena escreve coisas que sua própria mente vê com espanto. A obra traz em si a sua própria forma” (JUNG, 1987, par. 10). Nesses casos, Jung observa que a consciência é “inundada” por pensamentos e imagens, os quais nada mais são que a manifestação do si-mesmo do artista. Este não se identifica com a realização criadora, mas tem consciência de um fenômeno “como uma segunda pessoa que tivesse entrado na esfera de um querer estranho” (par. 110). Como se um “desconhecido” pensamento em imagens, infenso à percepção consciente automática, conferisse singularidade à obra criada.

De volta aos textos críticos de Cortázar, constata-se que ele considerava a expressão metafórica

como a integridade da linguagem, sendo aquela um lugar-comum do homem: sua tendência inata a pensar por analogia. Como um intercurso lúdico, o poeta (ou o escritor) corre contra a corrente (da linguagem cotidiana, prosaica), atentando para a força ativa dessa habilidade arquetípica da fala – e da linguagem. Daí o motivo de seus contos serem magistralmente analógicos ou, por assim dizer, “poéticos”, consistindo em elementos condensados de realidades psíquicas, caracóis da linguagem, fazendo-se como “irmãos misteriosos da poesia em outra dimensão do tempo literário” (CORTÁZAR, 2008, p. 149).

“Casa tomada” (CORTÁZAR, 2014) é um conto paradigmático dessa linha argumentativa. Publicado em 1951 no volume *Bestiário* (2014), traz no título, com a força de sua rima toante, uma imagem incontestavelmente polissêmica, suscitando no leitor de primeira mão um sem-número de associações inconscientes (ou devaneios). Por exemplo, o filósofo francês Gaston Bachelard (2008) lembra que a imaginação da casa faz emergir a casa em que nascemos e as outras que depois habitamos, construindo um feixe associativo de lembranças e devaneios cujos substratos temáticos giram em torno dos sentidos de abrigo, proteção, intimidade, estabilidade, “porque a casa é o nosso canto no mundo, o nosso primeiro universo. É o verdadeiro cosmos” (BACHELARD, 2008, p. 24).

Organizada em seis movimentos, a narrativa de “Casa tomada” é iniciada com o narrador testemunha (“eu”) expondo os sentimentos, percepções e perplexidades a respeito de seu “canto no mundo”. No primeiro, o eu-narrador descreve a casa, personificada como imagem da clausura imposta pelos bisavós e responsável pelo “matrimônio de irmãos”, repositório de lembranças que se plasmam em perspectiva transgeracional (dos bisavós aos seus pais), alcançando a infância dos protagonistas: a irmã (Irene) e “eu”. Esse cenário é impregnado de memória (portanto “tomado”, por princípio), e nele os irmãos, agora com mais de 40 anos, acostumaram-se à solidão e à repetição monótona dos rituais triviais de limpeza e alimentação: “Às vezes chegamos a crer que foi

ela que não nos deixou casar”, assevera a voz enodgâmica do narrador.

Ele vivia com a irmã Irene, que tecia e destecia peças de lã como pretexto para não fazer nada. Apoiados no favorecimento que a condição aristocrática de herdeiros lhes conferia, viviam “tecendo e destecendo” o tempo: o tecido (o texto) era repetitivamente o mesmo, como indicam as passagens com influxos líricos um tanto lentificados:

[...] e eu passava horas olhando suas mãos que pareciam ouriços prateados, agulhas indo e vindo e uma ou duas cestinhas no chão com os novelos se agitando constantemente. Era lindo.

Ou então, “Almoçávamos ao meio-dia, sempre pontuais; nada mais a fazer além de uns poucos pratos sujos”. Ou, ainda, trechos prosaicos de caráter desencantado como “Desde 1939 não chegava nada de valioso na Argentina”. Esta última frase suscita interpretações políticas de base alegórica que consideram que a casa é uma representação da própria Argentina tomada (ou isolada), a partir da Segunda Guerra Mundial (1939).

Porém, esse primeiro movimento marca a definição (ou indefinição) da dupla incestuosa de irmãos preocupados com a preservação da casa e alheios aos acontecimentos externos a ela. “Mas é da casa que me interessa falar, da casa e de Irene, porque eu não tenho importância”, enfatiza o narrador, numa aceitação resignada da negatividade (uma negação da própria singularidade). Tal como a casa, que será minuciosamente descrita no segundo movimento do conto, Irene (“a garota que tinha nascido para não incomodar ninguém”) é aparentemente passiva (pois a repetitiva e atenuada atividade provém do narrador) e apresentada num plano mítico. O duplo do narrador (Irene) mistura uma dupla linhagem mítica: se uma das horas é Irene (a paz), filha de Zeus e Têmis, suas irmãs são Eunomia (a disciplina) e Dique (a justiça). Irene, no conto, é personificação de um tempo aparentemente pacificado e também uma fiadora, pois “só se distraía [e quem precisa se distrair não está em paz] com o

tricô”. A fiadora mítica é Cloto, que puxa o fio (o tecido, o texto) da vida, sendo filha da noite e projeção de uma lei que nem os deuses conseguem transgredir (BRANDÃO, 1988, p. 230-231). Segundo arguta observação da crítica literária Cleusa Rios (1986, p. 15), Irene aglutina a ambiguidade desse duplo, sendo as horas (o conhecido) e o fio do destino (conhecido-desconhecido que é tecido e destecido): “às vezes fazia um colete e logo depois o desmanchava num segundo [...]”. Tal cisão promove uma repetição contínua e mecânica, assim como a própria narração, denunciando uma consciência defensivamente coagulada.

Se o primeiro movimento apresentou os personagens, o segundo delinea o espaço narrativo: a casa dividida pela densa porta de carvalho, que restringe a circulação dos irmãos à sua menor parte. No espaço maior, iam apenas fazer a limpeza da poeira do ar de Buenos Aires (novamente uma imagem que motiva interpretações políticas). Há de se atentar para o verbo “esquecer” na primeira frase do segundo movimento do texto (“Não dá para esquecer como era a distribuição da casa”), o que sugere a enumeração detalhada da planta da casa como forma de marcar a presença do eu e da irmã, pois, como sugere Bachelard, “No teatro do passado que é a memória, o cenário mantém os personagens em seu papel dominante”. Diz ainda Bachelard:

o espaço retém o tempo comprimido. [...] Por vezes acreditamos conhecer-nos no tempo, ao passo que se conhece apenas uma série de fixações nos espaços da estabilidade do ser, de um ser que não quer passar o tempo [...]. (BACHELARD, 2008, p. 28).

Alheios aos desígnios coletivos do tempo, os irmãos viviam em uma parte menor da casa, que era separada por uma porta de carvalho maciço, e “ali começava o outro lado da casa”. Essa parece ser a função desse movimento na narrativa, ou seja, apresentar as cisões constitutivas da casa e dos personagens, que, consideradas em

modo de paralelismo, recusam veementemente seus outros lados. Assim abre-se o terceiro movimento, quando súbitos barulhos, na sala de refeições ou na biblioteca, obrigam o narrador a fechar com ferrolho a espessa porta de carvalho que separava a parte maior da casa, agora perceptivamente “tomada”.

Aqui o conto abre-se à multiplicidade de sentidos. São dignas de destaque as locuções indeterminadas com que o narrador descreve essa passagem: o som “impreciso e surdo” ou “alguma coisa na sala de jantar ou na biblioteca”. Essas indefinições introduzem o estado de estranhamento que agora toma o narrador, pois o que era familiar fez-se insólito, espantoso ou inquietante. Uma breve digressão: no texto “Teeteto”, Platão atribui a Sócrates a afirmação de que o conhecimento nasce do espanto. Ancorado na palavra grega “thaumázein”, o filósofo grego referenda as importâncias semânticas da admiração, da perplexidade e do assombro, ou seja, a realidade percebida por meio de lentes insólitas, como essencial ao desenvolvimento do pensamento filosófico (PLATÃO, 2007, p. 63). No campo da teoria literária, tais formulações ganham relevo no texto-referência do formalista russo Viktor Chklovski “Arte como procedimento” (1917), no qual explicita que as leis do discurso prosaico regulam a percepção da imagem pelo processo de automatismo, de tal forma que “a vida desaparece, transformando-se num nada” (CHKLOVSKI, 1999, p. 81). Se a arte (e ele disserta sobre a arte poética) é o pensamento em imagens, sua finalidade “é dar uma sensação de objeto como visão e não como reconhecimento; o processo da arte é o de singularização dos objetos e consiste em obscurecer a forma, aumentar a dificuldade e a duração da percepção” das imagens, afastando-se de sua percepção automática e aproximando-se de suas singularidades.

A forma “singular”, ou singularmente estranha, por meio da qual o narrador percebe seu espaço outrora (ou até então) familiar, pode ter uma amplificação apoiada pelo texto freudiano *O estranho* (1919), no qual o autor disserta sobre as coisas

que estão dentro do campo do amedrontador. A partir das palavras alemãs *heimlich-unheimlich* (do familiar, pertencente à casa, ao não familiar), Freud faz um inventário dos campos semânticos dessas expressões, com o intuito de circunscrever a categoria do duplo: tudo o que deveria permanecer secreto e oculto, mas veio à luz. Após analisar a novela *O homem de areia*, de Hoffman, Freud conclui que a experiência de estranheza forja-se pelo retorno de algo familiar e há muito estabelecido e que se alienou pelo processo de repressão: a categoria do estranho resulta da expressão de complexos reprimidos (FREUD, 1969, p. 237-269).

Jung elege o conceito de complexo autônomo como um dos pilares de sua teoria. Ao postular, a partir dos “Estudos diagnósticos das associações”, a noção de “agrupamentos de ideias de acento emocional no inconsciente”, monta um edifício teórico em que o complexo eu, parcialmente consciente, relaciona-se com os complexos que “constituem as verdadeiras unidades vivas da psique inconsciente, cuja existência e constituição só podemos deduzir por meio deles. Os complexos, responsáveis pelos sonhos e pelos sintomas, são a via régia para o inconsciente” (JUNG, 2000, par. 210). Assim sendo, seu caráter autônomo faz com que “a liberdade do eu cesse onde começa a esfera dos complexos, pois são potências psíquicas cuja natureza profunda ainda não foi alcançada” (idem, par. 216). Em alinhamento com essas assertivas, para Jung, o efeito de estranheza se dá porque “os complexos podem ter-nos. Toda constelação de complexos implica um estado perturbado da consciência” (idem, par. 200). Daí que resultem em “manifestações normais da vida” (par. 211) ou em situações psíquicas de não-liberdade, de pensamentos obsessivos e ações compulsivas” (par. 200).

Aderindo-se ao texto literário, essa “não-liberdade” fica clara quando o narrador afirma que “tomaram a parte do fundo”, ao que Irene, restritivamente, decide: “vamos *ter* que viver deste lado” (grifo meu). Esse quarto movimento da narrativa já deixa clara a autonomia das disposições afetivas integrantes da parte alijada à consciência (“deste

lado”): “Nos primeiros dias achamos penoso porque ambos tínhamos deixado na parte tomada muitas coisas que queríamos”. Apartados de seus desejos e num esforço simultâneo de contenção, os irmãos retomam as atividades habituais de caráter monótono e repetitivo, ela tecendo e ele aderindo às disposições *senex* do espaço da casa: “Comecei a examinar a coleção de selos do papai, e isso me servia para matar o tempo”. Esse arremedo de tédio com intenções dissociativas apoia-se na suposição de uma possível vida automática e administrada, na qual o pensamento, os devaneios, as fantasias e os sonhos – os barulhos complexos – estivessem excluídos: “Pode-se viver sem pensar”, reflete o narrador.

Mas a vida é formada e deformada pelo imponderável anunciado pelas tais instâncias complexas, motivo pelo qual, astutamente, a narrativa incorpora o quinto movimento do conto usando parênteses, como um material que se insere solto ao tecido (texto), ainda por ser integrado, por ser elaborado. Tais imagens articulam narrativas das experiências insólitas dos sonhos e os escapes das proposições oníricas manifestas para a consciência do interlocutor-narrador insone: “Irene dizia que os meus sonhos consistiam em grandes saudades que às vezes faziam o cobertor cair”.

O crítico Davi Arriguicci (2003, p. 19) considera que a análise da obra cortaziana consiste em desmontar e montar cada traçado do texto, honrando um projeto literário que é um buscar permanente: “Uma linguagem à caça de outra linguagem que já se enrodilha num complexo traçado”, pondera o autor. Assim, a maior parte dos textos de Cortázar se estrutura como um jogo – em “Casa tomada”, explicitamente, como um jogo entre vigília e sonho ou consciente e inconsciente. De fato, algumas tentativas de interpretação do conto preferem tomar esse caminho de entendimento, ressaltando as imagens do conto como elementos análogos à produção do trabalho onírico – imagens que se organizam por condensação e deslocamento. Aqui, opta-se pela atenção e fidelidade ao que está marcado no texto: os parênteses (comentário ou texto alheio, ou

ainda uma nota emocional que se insere ao texto) (CINTRA, 2011, p. 681). Os parênteses distinguem o relato de uma consciência onírica (parte alheia), que é inquietante (estranha) para a consciência do narrador e para a própria narrativa, além de análoga aos ruídos que engendram a clausura numa parte menor da casa. Diz Jung: o sonho é uma parcela da atividade psíquica *involuntária* que possui, precisamente, suficiente consciência para ser reproduzida no estado de vigília. De modo geral, o sonho é um produto estranho e desconcertante, que se “caracteriza por falta de lógica, uma moral duvidosa, formas desagraciosas, contrassensos ou absurdos manifestos. Por isso, podem ser rejeitados como estúpidos” (JUNG, 2000, par. 532). Como uma forma estranha à organização unilateral da consciência, o sonho teria uma função compensatória, com a expressão de enredos “trançados” nos complexos autônomos inconscientes. Enredo, aliás, parece um termo adequado aos cotejamentos dos sonhos com as narrativas literárias, pois, segundo Jung, poderíamos compreendê-los em quatro etapas: a exposição (lugar e personagens da ação); o desenvolvimento da trama; a culminação, o ponto decisivo da peripécia; e a lise ou solução do trabalho de sonho (par. 561-564).

Porém, é exatamente em relação a esse trabalho que os personagens (Irene e eu) parecem imprimir uma força oposta, recusando qualquer contato com o desconhecido, repetindo ações compulsivamente e evitando o silêncio: “[...] passamos a falar em voz mais alta ou então Irene cantava canções de ninar... Pouquíssimas vezes permitimos que houvesse silêncio... Acho que era por isso que de noite, quando Irene começava a sonhar em voz alta, eu logo perdia o sono”. Sabe-se que os sonhos personificam componentes da esfera complexa, em formações analógicas e espontâneas. Mas tal situação determina medo e recusa ao narrador e a Irene, que parecem isolar-se por não dispor de possibilidades para elaborar seus sonhos e o mundo das trevas. Tal qual os ruídos na casa, os sonhos de Irene faziam ruído na consciência do narrador, que não se

dispunha a sonhar. Cito Hillman (2013, p. 62): “A historinha para dormir básica de nossa cultura é que dormir é sonhar, e sonhar é entrar na casa do Senhor dos Mortos, onde nos esperam nossos complexos. Não entramos suavemente nessa boa noite”.

No texto *Os sonhos e o mundo das trevas*, James Hillman (2013) lembra que se, para Freud, os sonhos eram a expressão, a serviço do desejo, de conteúdos psíquicos submetidos à força da repressão, e se, para Jung, tinham uma função compensatória, para ele os sonhos estão relacionados à alma e a alma, à morte. Ao procurar a fundamentação arquetípica para os sonhos, encontra que Hipnos é filho da noite, assim como Tântatos (a morte) e Letes (o esquecimento). Nessa linha argumentativa, Hillman associa os sonhos a uma experiência que tem seu correlato mítico ligado ao deus grego Hades, associado às semânticas das profundezas e do invisível. Como usa o capacete da invisibilidade, Hades aglutina categorias de profundidade e interioridade que são postas e sentidas, ainda que não vistas. Porém, Hillman toma o cuidado de alertar o leitor do seu ensaio de que, se ele busca pelos sentidos revelatórios das experiências, o mais escondido no que está aparentemente revelado, tal desvelamento não consiste numa compreensão literal da morte, mas metafórica, ou seja, o que será que a alma quer quando se expressa na interioridade de um sonho, sintoma ou devaneio?

Tal trabalho é impossível aos personagens para quem os ruídos dos desvãos da alma suscitam pavor. Tal é o tom do sexto e último movimento do conto, quando os sons se intensificam e se aproximam deles, tomando a parte diminuta da casa por eles habitada. “Apertei o braço de Irene e puxei-a sem olhar para trás”, diz o narrador, o que faz Irene soltar o fio do tricô sem olhar. O movimento brusco fomenta a interrupção do fluxo narrativo (do texto, do tecido) da memória, das experiências e das fantasias constitutivas da parte insondável da casa: da alma. No texto *Anima – anatomia de uma noção personificada*, Hillman (1995), contrastando passagens da obra de Jung

com comentários próprios, esforça-se em dimensionar a alma como a interioridade, a dimensão arquetípica que abre o caminho para o inconsciente coletivo. Sobre essa acepção, fundamenta Jung: “Com a alma, então, mergulhamos no mundo arcaico”. E ainda Jung: “a alma vive no substrato filogenético que chamei inconsciente coletivo... [Ela traz] para nossa consciência efêmera uma vida psíquica desconhecida que pertence ao passado remoto. É a mente dos nossos ancestrais desconhecidos...” (JUNG, 2001, par. 518).

Contudo, é justamente do imponderável, da imersão no mundo ancestral da memória e da fantasia que “Irene e eu” não podem ser tomados. Estrangeiros em sua própria casa, posto que eles se recusam ao deleite da atividade barulhenta da reflexão, faculdade precípua da alma, decidem abandoná-la: a casa agora é “casa tomada”, invadida pelos conteúdos da psique coletiva. Transitam, dessa maneira, do outrora privado (cujas chaves são lançadas num bueiro) para o espaço público (a rua), espaço aberto indefinido que enclausura suas agora restritivas anomias.

Em *Introdução à literatura fantástica*, o crítico Tzvetan Todorov enfatiza que

o fantástico se caracteriza por uma introdução brutal do mistério na vida real... A narrativa fantástica apresenta, no mundo real em que nos achamos, homens como nós, colocados subitamente em presença do inexplicável. (TODOROV, 1975, p. 32).

Cortázar adere a tal posição, ao afirmar que seus contos pertencem ao gênero fantástico, pois objetiva uma oposição ao falso realismo de um mundo regido por um sistema de leis, de princípios de causa e efeito, de psicologias definidas, de geografias bem cartografadas. Essa oposição promove, inquestionavelmente, um efeito de estranheza nos leitores, que vivenciam a leitura do conto tal qual a consciência se comporta quando tomada pela emergência do novo, condição indiscriminada inextricável às imagens que mobilizam a função transcendente. Como mediador entre a

consciência e o inconsciente, ou entre o oculto e o revelado, o novo (a imagem-símbolo) é apresentado ao eu consciente, que tece os fios de uma narrativa e a contrasta com os registros da memória, urdindo sentidos para as imagens qualificadas como “novas”. Portanto, quando o leitor entra em contato com os elementos condensados nos contos cortazianos (que são como uma fotografia, assim como os romances estão para o cinema), pode conectá-los ao seu repertório pessoal – talvez uma das maiores funções do texto literário.

Em “Casa tomada”, nós, leitores, ficamos diante de um par irmanado e incestuoso que se defende da (ou se recusa à) emergência do inconsciente coletivo. Como a instância egoica é defensivamente coagulada, a alma torna-se ameaçadora porque condutora para o desconhecido. O *puer* (o novo) é vigorosamente rechaçado e reprimido (vide a força e espessura da porta de carvalho), pois denunciaria a condição falaciosa de controle sobre o imponderável, os devaneios, as fantasias e os sonhos. O conto aponta, assim, o destino da dissociação com a história e as fantasias (conscientes ou não), ou seja, uma fenomenologia do medo e do desencanto. Freud (1969, p. 261) lembra que uma das formas de efetivação do efeito de estranheza se dá quando se extingue a distinção entre imaginação e realidade, condição de enclausuramento do eu que faz com que os personagens abduquem de si mesmos. Jung abre caminho a um entendimento do inconsciente coletivo como *memória*, substrato coletivo da psique. Hillman atenta a essa noção de inconsciente como mundo imaginal e postula o conceito de ego imaginal: um eu menos estruturado como vontade e razão e “menos estranho à sua alteridade fantástica”, ou seja, análogo ao eu onírico e poroso à realidade imaginal, ou seja, à *memória*. É justamente esse eu imaginal – proposição hillmaniana que traz na sua semântica a possibilidade de fabular (direito humano reivindicado por Antonio Candido) – que é recusado por “Irene e eu”. ■

Recebido em: 6/3/2017

Revisão: 29/5/2017

## Abstract

### *“Casa tomada” – a short story by Julio Cortázar*

*This article amplifies the short story “Casa tomada”, written by Julio Cortázar, correlates it with the concepts of anima and collective unconscious and suggests bridges between the fields of analytical psychology and literature. ■*

Keywords: “Casa tomada”, literature, anima, collective unconscious.

## Resumen

### *“Casa tomada” – una lectura del cuento de Julio Cortázar*

*A partir del cuento “Casa tomada”, de Julio Cortázar, el presente artículo hace ampliaciones y correlaciones con los conceptos de anima e inconsciente colectivo, además de sugerir puentes para una interlocución entre psicología analítica y literatura. ■*

Palabras clave: “Casa tomada”, literatura, anima, inconsciente colectivo.

## Referências bibliográficas

- ARRIGUCCI JR., D. O escorpião enlacado: a poética da destruição em Julio Cortázar. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- BACHELARD, G. A poética do espaço. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- BRANDÃO, J. Mitologia grega v. 1. Petrópolis, RJ: Vozes, 1986.
- CANDIDO, A. Vários escritos. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011.
- CHKLOVSKI, V. A arte como procedimento. In: TODOROV, T. Teoria da literatura. Lisboa: Edições 70, 1999, p. 73-96.
- CINTRA, L.; CUNHA, C. Nova gramática do português contemporâneo. São Paulo: Lexicon, 2011.
- CORTÁZAR, J. Valise de cronópio. São Paulo: Perspectiva, 2008.
- CORTÁZAR, J. Bestiário. São Paulo: Civilização Brasileira, 2014.
- CORTÁZAR, J. Bestiario. Buenos Aires: Punto de Lectura Argentina S. A., 2007.
- CORTÁZAR, J. Rayuela. Buenos Aires: Aguilar, Alfaguara, 2013.
- FREUD, S. O estranho. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1969.
- HILLMAN, J. Anima: anatomia de uma noção personificada. São Paulo: Cultrix, 1995.

- HILLMAN, J. O sonho e o mundo das trevas. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.
- JUNG, C. G. O espírito na arte e na ciência. Petrópolis, RJ: Vozes, 1987. (Obras completas de C. G. Jung, v.15).
- JUNG, C. G. A natureza da psique. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000. (Obras completas de C. G. Jung, v.8/2).
- JUNG, C. G. Os arquétipos e o inconsciente coletivo. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001. (Obras completas de C. G. Jung, v.9/1).
- PASSOS, C. O outro modo de mirar: uma leitura dos contos de Julio Cortázar. São Paulo: Martins Fontes, 1986.
- PLATÃO. Diálogos: Teeteto, Sofista, Protágoras. São Paulo: Edipro, 2007.
- TODOROV, T. Introdução à literatura fantástica. São Paulo: Perspectiva, 1975.

## Resenha

### Calatonia – o toque sutil na psicoterapia

FARAH, Rosa Maria. São Paulo: Companhia Ilimitada, 2016.

Sylvia Mello Silva Baptista\*

#### Resumo

Esta resenha é um convite a entrar no mundo da calatonia, uma técnica de integração psicofísica, pelas mãos delicadas de Rosa Farah, psicóloga e professora que dedicou anos de sua vida à prática e ensino. Trata-se de uma adaptação do seu próprio livro *Integração psicofísica – o trabalho corporal e a psicologia de C. G. Jung*, publicado em 2008, agora em formato mais sintético em português e em inglês. Sua versão em inglês tornará possível que os conhecimentos do professor Pethö Sándor cheguem a alunos da Europa e dos Estados Unidos. ■

Palavras-chave: calatonia, toque sutil, corpo, Jung, Pethö Sándor.

Muitas das nossas experiências, se não todas, dependem de por que porta entramos, ou por que mãos somos conduzidos. É assim desde as mais tenras idades, não é mesmo? Este

convite – toda resenha nada mais é que um convite ao leitor – começa alertando para que se levem em conta as mãos. Elas estão na capa – no clássico gesto da criação imortalizado por Michelangelo –, elas estão no assunto – a calatonia, método, e por que não dizer atitude, de integração psicofísica criado pelo professor Pethö Sándor (1916-1992) –, e estão também na autora, ou no seu cuidado ao nos fazer adentrar esse universo.

*Calatonia – o toque sutil na psicoterapia* trata-se de uma adaptação do livro *Integração psicofísica – o trabalho corporal e a psicologia de C. G. Jung*, publicado em 2008 pela mesma autora, agora em formato mais sintético em português e em inglês. Sua versão em inglês tornará possível que os conhecimentos do professor Sándor cheguem a alunos da Europa e dos Estados Unidos. Esse fato é de grande importância para os seus seguidores, uma legião de psicólogos e profissionais da saúde, que sempre trabalharam e ainda trabalham incansavelmente para deixar vivo o legado

desse professor húngaro de coração brasileiro.

Como vemos, com o perdão do trocadilho, temos em mãos uma pequena joia. A delicadeza que Sándor pede ao toque realizado na prática da calatonia, como se segurássemos uma bolha de sabão, está presente também na tessitura do texto que apresenta o método em todos os seus detalhes.

Rosa inicia nos contando a história de Pethö Sándor, e nos dá a conhecer as dificuldades e perdas que esse corajoso homem enfrentou ao longo de sua vida até chegar ao Brasil e encontrar aqui ressonância para sua prática. Todo o seu esforço, ao longo de anos como psicoterapeuta e professor, apontou para a “consideração da corporalidade de forma efetivamente integrada ao trabalho psicoterápico”. O livro passa por uma enormidade de questões que um leitor leigo – ou um psicoterapeuta sem conhecimento do que seja a calatonia, mesmo que praticante da psicologia, junguiana ou não – possa formular, em suas minúcias. Assim, apresenta o método, sua origem,

\* Psicóloga, membro analista da SBPA/IAAP, mestre em psicologia clínica (PUC-SP), professora, supervisora clínica e coordenadora do Núcleo de Mitologia e Psicologia Analítica (MiPA) na SBPA e do Núcleo de Mitologia no Areté – Centro de Estudos Helênicos. Autora de *O arquétipo do caminho* (Casa do Psicólogo), entre outros.  
Email: <sylviamellobaptista@gmail.com>.

os toques, o cuidado com o espaço, as observações imprescindíveis, os fundamentos fisiológicos e orgânicos, aspectos funcionais, os conceitos sobre imagem corporal e identidade, e como tudo isso se coaduna com a teoria de Jung, até finalizar com “toques” para quem toca, dicas ao terapeuta iniciante nessa abordagem.

Como uma educadora zelosa que descortina uma nova perspectiva em um já conhecido panorama, Rosa Farah pega pela mão o leitor e o guia a uma lei fundamental: o cultivo de uma atitude na qual é preciso “atenção, cuidado, presença e respeito frente ao corpo do outro”; e ressalta: isso vale também para o terapeuta.

Rosa, além de cuidadora e escritora, foi, acima de tudo, uma professora. Sou uma entusiasta a chamar atenção para a importância do professor na vida do indivíduo. Ele espalha sementes, enxerga carências e fertilidades no solo em que planta, ele aponta limites, incentiva e acolhe, critica dificuldades e enaltece talentos, muitas vezes tornando-se peça decisiva em escolhas significativas que faremos para nossas vidas. Muitas sementes foram plantadas por essa mulher. Era só olhar para o

dia do lançamento desse livro. O afeto, podia-se tocá-lo no ar.

Para os que desejem ler, ou reler, sobre esse método tão poderoso quanto misterioso, façê-lo pelas mãos de Rosa Farah é entregar-se ao delicado e profundo. Receba!

## Calatonia: the subtle touch in psychotherapy

### Abstract

*This review is an invitation to enter the world of calatonia, a technique of psychophysical integration, by the delicate hands of Rosa Farah, a psychologist and teacher who dedicated years of her life to its practice and teaching. It is an adaptation of her own book Integração psicofísica – o trabalho corporal e a psicologia de C. G. Jung (Psychophysical integration – bodywork and psychology of C. G. Jung would be the title in English) published in 2008, now in a more synthetic format in Portuguese and English. Its English version will enable professor Sándor’s knowledge to reach students in Europe and in The United States. ■*

Keywords: calatonia, subtle touch, body, Jung, Pethö Sándor.



## Calatonia: el toque sutil en la psicoterapia

### Resumen

*Esta reseña es una invitación a entrar en el mundo de calatonia, una técnica de integración psicofísica, por medio de las delicadas manos de Rosa Farah, una psicóloga y profesora que ha dedicado años de su vida a su práctica y enseñanza. Se trata de una adaptación de su propio libro “Integração Psicofísica – o trabalho corporal e a Psicologia de C. G. Jung”, publicado en 2008, ahora más sintético, en portugués y en inglés. Su versión en inglés hará posible que los conocimientos del maestro Pethö Sándor lleguen a los estudiantes de Europa y de los Estados Unidos. ■*

Palabras clave: calatonia, toque sutil, cuerpo, Jung, Pethö Sándor.

## Normas para publicação de artigos

A revista *Junguiana*, periódico científico da Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica, editada pela primeira vez no ano de 1983, destina-se à divulgação de trabalhos inéditos, que contribuam para o conhecimento e o desenvolvimento da psicologia analítica e ciências afins, em um espírito aberto ao debate científico, cultural, social e político contemporâneo. Com periodicidade semestral, a revista aceita artigos originais, de revisão, casos clínicos, comunicação breve, entrevista e resenha.

Para mais informações sobre as normas de publicação acesse o site da SBPA:  
<http://sbpa.org.br/portal/acervo/normas-para-publicacoes/>.

## *Guidelines for publishing articles*

*Junguiana is the scientific Journal of the Brazilian Society for Analytical Psychology, published for the first time in 1983 and directed towards the dissemination of unpublished works that contribute to the knowledge and development of analytical psychology and related sciences, with an openness towards scientific, cultural, social and contemporary political debate. Twice a year, the journal accepts original and review articles, clinical cases, brief announcements, reviews and interviews.*

*For further information about publication rules visit SBPA site:  
<http://sbpa.org.br/portal/acervo/normas-para-publicacoes/>.*

Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica  
Rua Dr. Flaquer, 63 – Paraíso – CEP 04006-010 – São Paulo (SP)  
Telefax (11) 2501-4859  
[www.sbpa.org.br](http://www.sbpa.org.br)



